

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

Fernanda Azeredo de Moraes

**“PÂNTANOS DE RELAÇÕES E COLCHÕES DE
CUMPLICIDADE”: ACADEMIA E CONJUGALIDADE NA
PERSPECTIVA DE QUATRO MULHERES INTELLECTUAIS**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Mestre em Antropologia
Orientador: Prof. Dra. Miriam
Pillar Grossi

Florianópolis
2012

AGRADECIMENTOS

Meu impulso de fazer mestrado na antropologia foi fruto de uma vontade de romper caminhos e me aproximar de outros. Me afastando da sociologia eu podia me aproximar da teoria feminista, dos estudos de gênero, da antropologia, de outra cidade, de outras possibilidades. Ao longo do processo de gestação dessa dissertação tive o privilégio de conhecer e dialogar com quatro mulheres brilhantes, que além de me apresentarem mundos inesperados de educação, sindicalismo, oralidade, política, dentre tantos outros, me ensinaram, por a + b, que é rompendo com zonas de conforto e se arriscando em novos territórios que se constroem as histórias que valem a pena ser narradas e recontadas. Assim, agradeço aqui, antes de tudo, à Heloisa, Josildeth, Jerusa e Nadya por aceitarem minha intromissão em suas vidas, pela gentileza e sabedoria, por terem sido *minhas professoras* nesse último ano. Essa dissertação é de vocês.

Ainda dos meus dias de campo não posso deixar de agradecer a Boris Schnaiderman, pela generosidade de receber-me em seu momento de recolhimento e Heloisa Pontes, pela conversa, disponibilidade e sugestões.

Fazer mestrado foi parte de um desejo de aprender a trabalhar, a pesquisar, a me forjar cientista social. Lembro que na primeira conversa com minha orientadora, Miriam Pillar Grossi, ela estabeleceu esses mesmos pontos como seus objetivos. Saí da reunião encantada. Com certeza, esse foi um encontro muito feliz. Pela sua intensa dedicação, com tanto esmero e detalhismo, pelas aulas maravilhosas e pela orientação impecável sou para sempre grata.

Ainda, nesse doloroso processo de forja, o PPGAS e seus/suas [professor@s](#) tiveram papel imenso, tornando-se, de uma forma ou de outra, o centro da minha vida nesses últimos dois anos. Além da minha orientadora, [@s professor@s](#) e [amig@s](#) Marnio Teixeira, Maria Regina Lisbôa, Ilka Boaventura Leite, José Kelly e Gabriel Barbosa, apresentaram-me a antropologia que eu não conhecia e pela qual me encantei. Em especial agradeço também as professoras Miriam Hartung e Mara Lago, pelas importantes contribuições durante minha banca de qualificação

Lugar onde senti-me desafiada, o PPGAS também me proporcionou amizades deliciosas, [companheir@s](#) de estudos,

reclamações, risadas, discussões pela madrugada, aulas boas e ruins, festas e dias de praia. Lêle Coelho, Brisa Catão, Cláudio Leite, Paola Gibran, Milena Argenta, Aline Oliveira e especialmente Helô Souza, minha irmã mais velha “honorária”, companheira de casa, dicionário de sinônimos e amiga: a [tod@s](#) muito, muito obrigada! Vocês são minha ilha!

Dentro da chave UFSC não posso esquecer também do NIGS como espaço de excelência em estudos de gênero sem comparação em minha experiência universitária, equipe de colegas que, pelos seus esforços cotidianos na elaboração e gestão dos projetos coletivos do núcleo (financiados pelo CNPq e Pela Secretaria de Políticas para Mulheres), fizeram desse trabalho possível financeiramente. Agradeço igualmente à secretaria do departamento, formada pelas queridas Adriana e Karla, sempre tão competentes, e ao CNPq e CAPES-IBP, instituições das quais fui bolsista nesses dois últimos anos.

Dos meus tempos de graduação agradeço especialmente as minhas orientadores Miriam Adelman e Marlene Tamanini, por me darem minhas primeiras chances e me iniciarem na teoria feminista, base de todo meu trabalho.

Para além dos muros da universidade existe também um universo de gratidão.

A minhas tias, [prim@s](#) e avós, pelo carinho, pelas comidas e livros, por sempre estarem por perto para me ajudar. Em especial à minha Tia Silvia, que recebeu-me com tanto carinho nas minhas primeiras semanas de Florianópolis, e à Lú, pelo apartamento de São Paulo, ajuda sem tamanho.

Aos [amig@s](#) de Curitiba, [muit@s](#) para dizer o nome, que se fizeram presentes mesmo na distância, que me acompanharam virtualmente em meus meses em frente ao computador, fontes inesgotáveis de carinho, risadas, bons filmes, boas músicas, companheirismo e diversão.

Ao meu irmão, que “segurou o forte” nos últimos dois anos com a calma e tranquilidade que eu tanto admiro. Ao meu pai, por me ajudar tanto e ter me ensinado a sempre ir em frente, a não ter tanto medo. A minha mãe, minha melhor amiga, companheira incondicional de choros, conversas e risadas, que me fez o que sou e está para sempre dentro de mim. E ao meu namorado, Ale, que me acompanhou e acalentou nesse processo de mestrado, que foi meu guia paciente nos meses de “selva de

pedra”, parceiro com quem me sinto tão bem.

A minha família, [amig@s](#) e maestr@s, com muito amor, muito obrigada.



Herald Metzkes
Mujeres Sabias, 2001
Galeria Leo.Coppi, Berlin.

RESUMO

“Pântanos de relações e colchões de cumplicidade”: Academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais.

Muitas vezes, aquilo que está mais próximo escapa de nosso escopo antropológico, seja por sua complexidade, seja por sua “naturalidade”. Assim, nessa dissertação abordo, através da trajetória de quatro mulheres intelectuais da área das ciências humanas, casadas com outros intelectuais, como academia e conjugalidade interpelam-se ao longo de suas carreiras. Ao acompanharmos suas histórias de vida e depoimentos suscitam-se questões importantes para os estudos de gênero e estudos de meios intelectuais: quais são as condições de produção de mulheres acadêmicas no Brasil dos últimos 50 anos? Quais os padrões de conjugalidade que emergem dessas trajetórias? Assim, discuto ao longo da minha dissertação as condições do trabalho intelectual feminino, conjugalidade em camadas médias intelectualizadas, cotidiano e competição acadêmica, nomeação e renomeação conjugal e suas relações com um meio de produção autoral. Por fim, essa iniciativa insere-se em uma vertente dos estudos feministas que propõe-se a visibilizar trajetórias acadêmicas-intelectuais-científicas femininas de modo a propor outras linhagens e possibilidades de filiação para nossas disciplinas.

Palavras-chave: Gênero, trajetórias femininas, conjugalidade, academia.

ABSTRACT

Intellectual paths among women: academia and conjugality from four perspectives

Things that are closer to us may often evade from our anthropological outlook, either for their complexity or for their “plainness”. Thus this dissertation focuses, through the lives and narratives of four intellectual women from the field of human sciences, married with intellectual partners, how academia and conjugality combine throughout their careers. As we follow their testimonies and life stories important questions related to gender studies and studies of the intellectual milieu arise: what are the terms for the output of women academics in Brazil along the last 50 years? What are the conjugality patterns that emerge within these life stories? Here I take the time to reflect about the conditions for female intellectual labor, conjugality in middle class and highly educated environments, everyday life and academic competition, marital naming and renaming and its relations with the prosecution of an authorial work. Lastly, this enterprise falls into a strand of feminist studies which seeks to acknowledge intellectual and professional stories of women, as to propose to our canonical histories new lineages and possibilities of filiation.

Keywords: Women life stories, conjugality, academia.

SUMÁRIO

Sumário.....	07
1 Introdução.....	09
1.1 <i>Conjugalidade Intelectual.....</i>	09
1.1.1 <i>Um pouco de história.....</i>	13
1.1.2 <i>Significant/Necessary Others.....</i>	15
1.2 <i>De como foi feita a pesquisa.....</i>	18
1.2.1 <i>Memória-is.....</i>	20
1.2.2 <i>Mapa de navegação.....</i>	23
2 Professora Josildeth Gomes Consorte e os caminhos de formação de uma cientista.....	25
2.1 <i>Uma Iniciação Científica propriamente dita.....</i>	29
2.2 <i>De Rio das Contas para o mundo.....</i>	39
2.3 <i>A Pós-Graduação em Columbia.....</i>	42
2.4 <i>Uma nova fase: O centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.....</i>	50
2.5 <i>Exogamia endogâmica.....</i>	54
2.6 <i>Com-Sorte: A volta para São Paulo e para a Universidade.....</i>	59
2.7 <i>Comparações.....</i>	63
3 Em tão boa companhia: Professora Jerusa de Carvalho Pires Ferreira.....	67
3.1 <i>O sertão e o mar: Infância e juventude.....</i>	69
3.2 <i>Na medida do possível.....</i>	76
3.3 <i>Negando o Mar: A nova fase em São Paulo.....</i>	82
3.4 <i>“Começamos a conversar e nunca paramos”: Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira.....</i>	88
3.5 <i>Cuidado e companheirismo.....</i>	98
4 Professora Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins: Dando vez e voz.....	102
4.1 <i>Uma formação sociológica uspiana.....</i>	102
4.2 <i>Profissionalização e Casamento.....</i>	110
4.3 <i>Conjugando família e departamento.....</i>	114
4.4 <i>Tensões acadêmicas.....</i>	122
4.5 <i>Reengajamento.....</i>	127
5 Professora Nadya Araujo Guimarães: Nome e renome.....	132
5.1 <i>A formação do ethos acadêmico.....</i>	133
5.2 <i>Os terrenos da vida profissional.....</i>	140

5.3 Escapando de “pântanos de relações” e criando “colchões de cumplicidade: Universidade Federal da Bahia.....	142
5.4 Renomeando-se	145
5.5 São Paulo.....	153
Considerações finais.....	156
Referências Bibliográficas.....	165
Fontes Etnográficas.....	175
Anexo 01 – Dados de origem de cada informante.....	180
Anexo 02 – Formação e trajetórias profissionais.....	181
Anexo 03 – Formações conjugais e familiares.....	182

INTRODUÇÃO

Conjugalidade Intelectual

No dia 02 de fevereiro de 2012 deparei-me com uma notícia no jornal Folha de São Paulo: “Morre a pintora Dorothea Tanning, companheira de Max Ernst”¹. Essa manchete alude a muito do que me intrigava quando escrevia as primeiras linhas de meu projeto de pesquisa sobre casais de intelectuais, e que seguiu me instigando durante minha pesquisa em campo. Nela, o status de “*companheira de*” se revela tão importante em nossa *cultura de gênero*², mas tão importante, que é indigno de uma nota ao longo do texto e precisa ser incorporado no próprio título da notícia. Esse status faz sombra sobre o próprio prestígio individual da pintora, que, seja pelas dinâmicas de gênero do mundo artístico, seja pela senioridade artística de Max Ernst, não pode figurar sozinha nem em sua própria nota de falecimento.

No livro do sociólogo austríaco André Gorz, Carta a D. (2008) o autor, já nos seus últimos anos de vida e com a esposa convalescente, questiona-se sobre o porque de sua união conjugal, nesse momento tão importante a seus olhos, ter sido por ele cuidadosamente omitida em sua obra. “Por que você está tão pouco presente no que escrevi, se a nossa união é o que existe de mais importante na minha vida?” (2008:05). No livro, escrito como uma carta à esposa Dorine, ele descreve como tudo o que produziu intelectualmente, os grupos que participou, os debates em que se inseriu, foram com ela como companheira³. Retrata o trabalho

¹ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1042754-morre-a-pintora-dorothea-tanning-companheira-de-max-ernst.shtml>

² Tomo aqui por *cultura de gênero* todo o sistema simbólico relacionado às representações e identidades de gênero de uma determinada sociedade. Tais representações e identidades dizem respeito ao mais amplo espectro de papéis, códigos morais, símbolos e comportamentos, ditando as qualidades legitimadoras ou subversivas de cada gênero. Além disso, como bem sabemos, o sistema de gênero hegemônico em nossa cultura é pautado por uma suposta dicotomia fundante dos corpos, entre masculino e feminino, que determinaria “naturalmente” identidade de gênero e orientação (hetero)sexual coerentes (por exemplo: uma pessoa do sexo feminino necessariamente se entenderia como uma mulher e sentir-se-ia atraída por homens). Para mais sobre o assunto consultar os clássicos textos de Thomas Laqueur (2002) e Judith Butler (1993).

³ Para mais sobre esse maravilhoso livro ver: MORAES, Fernanda Azeredo de. A loquela amorosa de André Gorz. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 3, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

intelectual como uma parceria, mas uma parceria que remetia sempre apenas ao seu nome. A leitura desse relato foi o pontapé inicial para essa pesquisa.

Desse caso exemplar vieram muitos outros. O onipresente casal Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, com suas várias obras autobiográficas e uma proposta de conjugalidade que fugia do tradicional, foram o primeiro dos exemplos, e dos mais importantes. Nas artes podemos levantar uma imensidão de casais artistas, que vão de Camille Claudel-Auguste Rodin a Frida Kahlo-Diogo Rivera, passando por tantos outros. O universo intelectual brasileiro também não falha em fornecer abundância de casos desse tipo de parceria: Ruth e Fernando Henrique Cardoso, Gilda Mello e Souza e Antônio Candido, Ecléa e Alfredo Bósi, seriam apenas alguns dos mais famosos da intelectualidade paulistana. Pelo Brasil encontramos ainda Jorge Amado e Zélia Gatai, Benedito Nunes e Maria Sylvia Ferreira da Silva, Salim Miguel e Ilê Malheiros, dentre tantos outros. Ou seja, como coloca Mariza Corrêa, “ainda que os casamentos endogâmicos à disciplina não sejam raros, são raramente tematizados no âmbito profissional” (2003:197).

Todos os casais aqui mencionados diferem da experiência de Dorine e André Gorz, uma vez que são constituídos por dois indivíduos que produzem autorialmente, ou seja, que dedicam-se individualmente (e, por vezes, também conjuntamente) a obras próprias. Inspirada por esses exemplos parti para uma pesquisa etnográfica com mulheres intelectuais da área das ciências humanas, casadas com outros intelectuais e radicadas na cidade de São Paulo. Emerge daí as seguintes perguntas norteadoras dessa dissertação: **como essas mulheres articularam, ao longo de suas vidas, parcerias conjugais intelectuais e carreiras acadêmicas individuais? Essa forma de parceria tem um peso particular para suas carreiras? Existe aqui um outro modelo de conjugalidade?**

A bem da verdade, devo dizer, que esse não era exatamente o recorte que havia planejado ao escrever meu projeto de pesquisa. Antes de ter contato com minhas interlocutoras desenhei meu objetivo de dissertação propondo trabalhar com casais de intelectuais do cenário acadêmico nacional, de modo “a refletir sobre essas parcerias conjugais

como projetos criativos, com a criação em parceria de uma obra intelectual (artística ou política) que borra as fronteiras entre ação pública e relacionamento privado. Minha pergunta norteadora inicial para esta pesquisa era: Como, para esses sujeitos, a parceria amorosa se articula com um projeto de vida intelectual?⁴

Contudo, como é comum na antropologia, a experiência de campo propôs-me outras questões. Ao entrar em contato com diferentes casais recebi seguidamente uma mesma resposta por parte das mulheres “eu posso falar, mas meu marido não está disposto”. A negação masculina a envolver-se em uma pesquisa sobre conjugalidade, território tradicionalmente relegado ao feminino, aponta para muitas questões sobre relações de gênero, que em parte são objeto de minha análise nessa dissertação. Essa negação revelou-me um outro recorte da pesquisa, um outro campo tão ou mais interessante do que o que havia me proposto de início. Mergulhar especificamente na trajetória intelectual dessas mulheres, suas formações, relações com a carreira e com o casamento. Pensar pelas ricas categorias de uma de minhas interlocutoras, Nadya Araujo Guimarães: **Pântanos de relações e colchões de reciprocidade**. As instabilidades, provações e desafios que a vida acadêmica suscita, e as relações de companheirismo e parceria buscadas e experimentadas em suas uniões com colegas intelectuais. Ao invés de direcionar minhas perguntas para casais, passei a privilegiar a perspectiva feminina sobre parcerias intelectuais e trabalho acadêmico.

Assim, a partir dos “imponderáveis do campo”, desenhou-se um grupo de quatro mulheres informantes principais dessa pesquisa, são elas: a antropóloga Josildeth Gomes Consorte, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a semiotista Jerusa Pires Ferreira, professora da mesma instituição, a socióloga Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, e a também socióloga Nadya Araujo Guimarães, ambas últimas professoras da Universidade de São Paulo (USP). Diferentes em tantos pontos – como em idade e formato de casamento – essas mulheres não estão aqui por acaso. Ao contrário do que é comum na sociologia e na história social do meio intelectual, não dedico-me aqui a refletir sobre um grupo específico (PONTES, 2010, 1998; ARRUDA e GARCIA, 2003), mas sim sobre uma *experiência*

⁴ Trecho extraído do meu projeto de qualificação.

*específica*⁵: a de mulheres heterossexuais, intelectuais que, ao longo da segunda metade do século XX, casadas com homens que também dedicavam-se à profissões artístico-intelectuais, com filhos e carreiras acadêmicas, não subsumiram aos desafios e pressões e se dedicaram intensamente por toda a vida à suas áreas de interesse. Minhas interlocutoras nunca cogitaram não trabalhar, resolvendo o dilema família/carreira pela escolha de um polo em detrimento do outro, mas, com maiores ou menores dificuldades, procuraram conciliar essas duas esferas ao longo da vida. Como resume Jerusa Pires Ferreira:

Um esforço muito grande, que eu nunca fiz nada na vida se não tudo isso. **Me dedicar de corpo e alma, a pensar, a escrever, a estudar, foi minha vida inteira!** Com filho, sem filho, filho pequeno, filho com febre, marido doente. Essa coisa sempre foi o eixo. (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011. Grifos meus)

Assim, por suas trajetórias, dispostas aqui lado a lado, pergunto-me: Quais foram as condições de formação de mulheres intelectuais em meados do século XX? Como elas foram marcadas pela institucionalização que passava o sistema acadêmico? Como também elas foram perpassadas pelas relações conjugais e familiares com parceiros intelectuais? Faço aqui minhas as palavras de Mariza Corrêa (2003) para apontar meus objetivos:

... talvez o esforço de começarmos a compreender a atuação contextualizada de algumas de nossas ilustres antepassadas nos ajude tanto, ou mais, do que a simples reivindicação de seus textos como exemplos feministas *avant-la-lettre*, na compreensão dos movimentos complexos e sutis de construção de gênero cultural, histórica e politicamente determinados nos quais nós (e não só os povos tradicionalmente pesquisados por nós) estamos envolvidas.

⁵ Como coloca Rosana Guber: “El campo no es un espacio geográfico, un recinto que se autodefine desde sus límites naturales (mar, selva, calles, muros), sino una decisión del investigador que abarca ámbitos y actores; es continente de la materia prima, la información que el investigador transforma en material utilizable para la investigación.” (2005:47)

(p. 207)

Um pouco de História

Dedicar-se a atividades intelectuais, ler, pesquisar, escrever, para nós (mulheres nascidas após a década de 1970) uma possibilidade entre tantas outras, era, para mulheres das décadas de 1950 e 1960, romper com padrões e descobrir para si, no universo da literatura e da teoria, reverberações de questões há muito indagadas. Simone de Beauvoir (1959) ao contar de seus primeiros encontros com a filosofia, narra o encantamento por uma perspectiva que propunha problemas a ela, como sujeito, que problematizava sua existência. Existência que, seja pela família, pela religião ou pela tradição, até então lhe era dada como inquestionável. Os livros lidos, as teorias descobertas, são novos espelhos para sua formação, são esses livros que lhe leem e lhe ampliam o universo de possibilidades, como analisa Cláudia Lemos (1999) ao reler o famoso livro da autora francesa, *Memórias de uma moça bem comportada*. Destarte a distância entre a Paris da década de 1920 e as cidades de Salvador (onde nasceram e cresceram Josildeth, Jerusa e Nadya) e São Paulo (onde cresceu Heloisa e onde todas elas atualmente vivem e trabalham) entre as décadas de 1950 e 1960, não me parece arriscado dizer que para todas essas mulheres, o encontro com a teoria e a literatura permitia a formulação de problemas que já se encontravam disformes em seus questionamentos pessoais.

O espaço por excelência para o desenvolvimento dessas posições era a universidade e, em particular, as recém-criadas Faculdades de Filosofia. Com o ensino secundário dividido entre Científico, Clássico e Normal, as possibilidades de acesso aos cursos superiores eram delimitadas muito antes dos exames de acesso: o Clássico e principalmente o Normal, como Eva Blay e Beatriz Lang (2004) apontam, eram frequentados em maior peso por mulheres. Não por coincidência, eram os cursos que encaminhavam para carreiras “não científicas”, e de menor prestígio. Com essa formação as mulheres não poderiam entrar nas faculdades mais tradicionais, como por exemplo engenharia e direito. Havia ainda um importante recorte de classe: o ensino Normal tinha por intenção formar professoras para as escolas fundamentais em expansão no país, era assim, o preferido por moças de famílias de recursos financeiros limitados, que buscavam meios para o

sustento próprio e da família a curto prazo, como foi o caso de Josildeth e Heloisa. Já o ensino Clássico, formação de Nadya e Jerusa, que dava maior ênfase à um currículo na área das ciências humanas e das línguas, definia-se como espaço para “moças de famílias tradicionais” que, como contou-me Nadya em entrevista, estudavam língua, ballet e ansiavam pelo baile de debutantes⁶. A “feminização” crescente do normal na primeira metade do século XX é retrato de um espaço de formação que encaminhava jovens mulheres para uma profissão “adequada”, que não rompia radicalmente com a ordem de gênero, uma vez que elas estariam dedicando-se ao cuidado e à educação de crianças (BLAY, LANG, 2004). Contudo, o ensino tanto “normal” quanto “clássico” representou para essas e muitas outras mulheres muito mais do que espaços para adequação à normas e comportamentos, mas trampolins para novos horizontes, uma vez que, mesmo com limitações, permitiam o acesso à cursos universitários.

Com a Reforma do Ensino Superior de 1931, também conhecida como Reforma Francisco de Campos (FÁVERO, 2000), foi instituído como condição para formação de universidades no país a incorporação de faculdades antes isoladas - como Medicina, Engenharia ou direito – sob uma única instituição, e a implementação de Faculdades de Filosofia, Educação e Letras, responsáveis pela “vida cultural” e por atribuir a esse conjunto o caráter propriamente universitário (PASSOS, 1999:27). Exemplo modelar é o caso da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC) da Universidade de São Paulo criada pelas elites industriais com o intuito de promover uma formação erudita e ilustrada (PONTES, 1998, BLAY e LANG, 2004, SPIRANDELLI, 2008). Todavia, esse projeto logo começou a ser subvertido pelo influxo de normalistas e [filh@](#)s de camadas médias e baixas urbanas nos cursos dessas faculdades, que encontravam nesse novo espaço menos exclusivista que as faculdades tradicionais, possibilidades de formação superior e profissionalização.

Ao longo das décadas seguintes o modelo exclusivista e desligado das necessidades da sociedade em rápido desenvolvimento

⁶ É claro que essas generalizações, como todas, são falhas e obscurecem as trajetórias individuais desviantes que aconteciam frequentemente nesses espaços e que veremos nos capítulos a frente (em especial, no capítulo 04). Todavia o que descrevo aqui são as imagens desses espaços que as minhas informantes me transmitiram e que pude reconstituir com a bibliografia sobre o assunto.

que definia o sistema universitário passou a ser amplamente questionado, mobilizando grande parte da sociedade civil, além de [alun@s](#) e professor@s. Em 1968, ano símbolo para inúmeras transformações culturais e políticas, nacionais e mundiais, que gestavam-se há mais de uma década, foi promulgada a tão esperada Reforma Universitária, na qual destituía-se o estamental sistema de cátedras, instituíam-se os departamentos, propunha-se a criação de novos cursos, a promoção da pós-graduação e a exigência de títulos de mestres e doutores por parte dos professores (BOMENY, 1994). Nesse meio tempo com a crescente feminização do espaço acadêmico e, em especial, dos cursos de ciências humanas (das antigas Faculdades de Filosofia) vieram os preconceitos. Como Elizete Silva Passos (1999) coloca sobre a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, seus cursos passaram a ser categorizados como “de esperar marido”, frequentado por jovens mulheres para um “polimento extra” enquanto elas não encontravam um parceiro adequado. A falácia desse tipo de preconceito revela-se pelas próprias trajetórias universitárias de Josildeth, Jerusa, Heloisa e Nadya, dentre tantas outras intelectuais de renome formadas nesse período. Além de nenhuma delas relatar entrar na universidade com o intuito de encontrar um parceiro, elas frisam em seus diferentes discursos os interesses pessoais e profissionais que essa oportunidade lhes proporcionava.

Significant/Necessary Others

Mas foi de fato no meio universitário que elas começaram a tecer relações de afeto e afinidade e, três delas, encontraram seus companheiros⁷. Para as primeiras pioneiras da antropologia, como remonta Mariza Corrêa (2003) ao analisar as trajetórias de Emilia Snethlage, Leolinda Daltro e Heloisa Alberto Torres, e também Miriam

⁷ Como veremos mais a frente, Heloisa casou-se com seu namorado de tempos de faculdade, com quem segue até hoje. Nadya casou-se pela primeira vez com um colega de faculdade e, anos mais tarde, estabeleceu uma nova união com um colega de departamento. Jerusa, após um primeiro casamento com um engenheiro, casou-se já madura com um colega de discussões intelectuais. Josildeth é aqui o contra exemplo, a única que, como veremos no primeiro capítulo, fora do espaço acadêmico casou-se com um artista. Todavia seu caso serve como um contra-exemplo para melhor observarmos as relações estabelecidas tanto pelos sujeitos dessas uniões quanto pelo cenário acadêmico, de professores e colegas, que circunda essas relações.

Grossi (2006) ao analisar as trajetórias de algumas alunas de Marcel Mauss, não foi “permitido” o casamento. A ruptura entre o universo feminino do doméstico para o mundo masculino e público da pesquisa era radical demais nas primeiras décadas do século XX para que esses dois modelos de gênero pudessem ser harmonizados. Ao contrário, à geração de mulheres intelectuais aqui observada foi “permitido” o casamento. Se as conquistas feministas encontravam-se já em andamento entre o final da década de 1950 e a década de 1960, de forma que mesmo aos trancos e barrancos (como veremos no capítulo dois) as mulheres conseguissem realizar-se profissionalmente e também se casarem e terem filhos, esta experiência estava longe de ser pouco problemática ou facilmente harmonizável. Como colocou uma contemporânea de minhas interlocutoras, Ruth Cardoso: “A gente de minha geração decidiu construir uma atitude anti romântica... Influenciados pelo cinema, pela literatura moderna e pela faculdade, queríamos ser modernos, adotar atitudes modernas. Tínhamos verdadeiro horror pelo pieguismo (...) era uma rebelião contra o convencionalismo” (apud BRANDÃO, 2010:49). Assim, o que nos resta perguntar aqui é se a partir destas conquistas as relações conjugais e familiares foram construídas de formas diferenciadas, que alteravam a ordem tradicional em termos de gênero e cuidado.

É extensa a bibliografia no campo de estudos da arte e da literatura sobre como a conjugalidade e a produção criativa se inter cruzam na vida de diversos casais. Whitney Chadwick e Isabelle de Courtivron (1993) analisando uma grande lista de casais de artistas que, ao longo do século XX, misturaram criatividade e parceria íntima, levantam como senso comum a ideia de *Significant Other*, modelo em que um parceiro seria o “significativo”, aquele que cria e produz seja artisticamente ou intelectualmente, enquanto o outro seria *o outro*, o que apoia e cria as condições necessárias para a produção do companheiro. O que os casos reunidos por elas revelam, todavia, são os diferentes arranjos para que ambos parceiros possam ser, ao mesmo tempo, em diferentes medidas, *significant* e *other*. Esses arranjos não indicam, é sempre bom frisar, necessariamente divisões igualitárias entre o trabalho intelectual e doméstico. Pelo contrário, eles contam as diferentes formas como esses afazeres foram terceirizadas ou centralizadas, de acordo com relações de gênero, para possibilitar a parceria de dois sujeitos criativos. O interessante dos exemplos ali reunidos, e que reverbera

fortemente com os que aqui demonstrarei, é que todas essas artistas, mesmo com hiatos, dificuldades e sombras inevitáveis de companheiros famosos, nunca deixaram de produzir em direção à um projeto criativo próprio.

Os exemplos aqui, mais uma vez podem ser o dos famosos casais Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre e Dorine e André Gorz, dois modelos distintos de comunicação entre a conjugalidade e a produção intelectual/política. Experiências conjugais tão diferentes, mesmo que construídas contemporaneamente, sob contexto intelectual existencialista e neo marxista da França nos anos do pós-guerra . Enquanto Sartre e Beauvoir cooperavam ativamente um no trabalho do outro, além de produzirem intelectualmente também separadamente e de estarem em uma situação igualitária publicamente, Dorine e André Gorz demonstram ter vivido um processo diferente no qual a produção e trabalho intelectual de Dorine tomavam um lugar invisibilizado em que a autoria era sempre exclusiva do marido, apesar de ela ser responsável por grande parte das pesquisas de André, além de ter feito importantes contatos e de ter trabalhado com ele em vários periódicos. No caso de Beauvoir e Sartre eles construíam pensamentos em parceria ao passo que cada um escrevia sua obra, já com André e Dorine Gorz, ambos escreviam a obra *dele*. Ruth Perry (1984) refere-se ao tipo de experiência de Dorine Gorz – e tantas outras *silent partners* na história do pensamento e das artes ocidentais – como a de uma *necessary other*, aquela (e muito raramente, aquele) que atua discretamente nos bastidores, criando condições objetivas, domésticas e mesmo intelectuais (fazendo pesquisas em arquivos, transcrevendo fichas...) para que o trabalho do companheiro possa desenvolver-se. É aquela, como a autora aponta, que aparece apenas nas dedicatórias dos livros e que poucos dão atenção⁸. Como colocou uma informante dessa pesquisa em dado momento, é o papel da *alma que incentiva*.

Catherine Lutz (1995) afirma que a teoria, da mesma forma que a arte em nossa cultura, constrói-se a partir do ideal d'*O Artista*, sob o ideal da narrativa do gênio, resquícios do período Romântico que ligariam processos criativos/produtivos, seja intelectuais ou artísticos (se é que essa diferença pode ser facilmente articulada), à figura de um

⁸ Como ela exemplifica: “to my wife (husband), to whom I owe more than I can express.” (PERRY, 1984:22)

sujeito, sempre no masculino, solitário, que apesar de “falar do mundo, não faz parte dele”⁹. Há uma importante conexão entre *gênio* e *gênero* que permeia nossos ideais de produção de conhecimento. Assim, observar trajetórias intelectuais femininas, que, via de regra, descumprem esse ideal de produção solitária, e que ainda são conjugadas com a parceria com outros intelectuais, pode ajudar-nos a desatar a teia que esconde o caráter coletivo e colaborativo que todo esforço autoral possui. Proponho aqui, inspirada nos escritos de tantas outras feministas (CHADWICK, COURTIVRON, 1993; PERRY, BROWNLEY, 1984; BEHAR, GORDON, 1995), que repensemos conceitos já rotos de autonomia, singularidade e sucesso.

Assim, para além da linha histórica de institucionalização acadêmica que percorre os quatro capítulos dessa dissertação, veremos em cada um deles como diferentes mulheres brasileiras balancearam suas carreiras intelectuais, famílias e parcerias com sujeitos também envolvidos com criação e produção intelectual, de uma só vez, como *significant e necessary others*.

DE COMO FOI FEITA A PESQUISA

Antes de partirmos para as trajetórias analisadas, se fazem necessários alguns apontamentos sobre a realização dessa pesquisa. Ainda imbuída do projeto de trabalhar com casais (mencionado nas primeiras páginas dessa introdução) realizei, com a ajuda de colegas, amig@s, familiares, orientadora e, é claro, da internet, um levantamento de possíveis sujeitos interlocutores para a pesquisa. Dado um primeiro contato via e-mail com uma informante e a minha ida por três meses para a cidade de São Paulo, os outros contatos desenvolveram-se no modelo “bola de neve” (KNAUTH, CERES, HASSEN, 2000) com indicações pelas próprias informantes de possíveis interlocutoras.

Com essas quatro mulheres estabelecidas como informantes principais realizei entrevistas em profundidade focando em suas narrativas de história de vida a partir de roteiros, por vezes previamente revisados por elas, por vezes não. As entrevistas foram em sua maioria realizadas no espaço de trabalho dessas mulheres, as suas salas na universidade. Esses espaços são também coloridos com tons de “lar”,

⁹ “Like art, theory draws from the world but is not of the world.” (LUTZ, 1995:255)

sendo constituídos por objetos pessoais, principalmente fotos, pôsteres e quadros relativos à interesses de pesquisa ou lugares de viagens e estadias acadêmicas. São igualmente forrados por prateleiras repletas de papéis (teses, dissertações e monografias das quais participaram de orientações ou defesas, além de excertos de trabalhos, questionários de pesquisa...). Em dois casos, o de Nadya e de Heloisa, é também interessante ressaltar que, com diferentes recursos arquitetônicos, as salas são divididas com os companheiros: no primeiro caso, em que ambos seguem atuantes na universidade, são salas geminadas, no segundo, é uma mesma sala que leva o nome dos dois professores na porta, já aposentados e frequentando raramente seus “apostos universitários”. Em um único caso as entrevistas foram realizadas na residência da informante, de modo que explorarei mais esse tópico no capítulo 02. Para além das muitas conversas via e-mail, encontrei-me com todas minhas informantes pelo menos duas vezes. Todas as entrevistas foram transcritas e repassadas para suas autoras para que pudessem revisá-las. Por fim, vale mencionar que, em minha última incursão em São Paulo pude realizar, rapidamente, uma entrevista com um marido, que muito gentilmente dispôs-se a partilhar comigo alguns fragmentos de sua história e pensamentos sobre o relacionamento: este foi Boris Schnaiderman, companheiro de Jerusa Pires Ferreira, sobre os quais falarei mais detidamente no segundo capítulo dessa dissertação¹⁰.

A esse trabalho de escuta de narrativas somou-se a observação participante através da frequência cotidiana aos terrenos universitários além da observação em ocasiões-chaves no campo, como palestras, encontros e homenagens. Ainda, trago como importante elemento para esse trabalho os “casais notórios” mencionados no começo do prefácio – Simone de Beauvoir (1959; 1983:1990a;1990b) e Jean-Paul Sartre e Dorine e André Gorz (2008) – que por seus vários textos autobiográficos e reflexivos sobre a experiência de uma “conjugalidade intelectual” elucidam e complexificam muitas das questões levantadas pela pesquisa. Ainda a eles somam depoimentos publicados de outras mulheres intelectuais, que conviveram nos mesmos espaços que minhas

¹⁰ Os depoimentos por mim recolhidos para essa pesquisa são marcados, quando citados no texto, pela referência ao nome da entrevistada, seguida pelo termo *entrevista* e a data de sua realização (Ex: (CONSORTE, Entrevista 03 de Maio, 2011)). Outros depoimentos a que tive acesso, como entrevistas publicadas, são citados normalmente por suas referências bibliográficas.

interlocutoras, como Gilda Mello e Souza (2004) e Ruth Cardoso (apud. BRANDÃO, 2010) que, contemporâneas ou imediatamente antecessoras das mulheres dessa pesquisa, possibilitam através de suas falas expansões interessantes.

Por último, mas não menos importante, essa etnografia foi realizada em grande parte sob uma perspectiva documental, sendo esses importantes fontes etnográficas. Além da elaboração de dossiês a partir de pesquisas na plataforma lattes, reunião de entrevistas prévias que essas intelectuais haviam concedido, recolhimento de depoimentos publicados sobre elas, teses em que haviam atuado como informantes, documentos de eventos históricos dos quais tomaram parte e levantamento de textos chaves em suas obras (apontados por elas em entrevistas ou em seus *currículos lattes*), uma peça importante desse trabalho foi a análise de seus diferentes memoriais acadêmicos¹¹. Esses documentos e suas relações com discussões sobre memória e autobiografia serão olhados mais detidamente no item a seguir.

Memória-is

A marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência: é-lhe necessário representar o papel do morto no jogo da escrita (FOUCAULT, 1997: 37)

Tradicionalmente a pesquisa antropológica foca-se na narrativa (e adoração) do trabalho de campo, em sua heroicidade exploradora (CLIFFORD, 1988), deixando de lado a reflexão sobre o uso, mais do que comum, de fontes documentais na pesquisa. Isso se daria por uma noção positivista sobre os documentos escritos, percebidos como portadores de fatos históricos, perdendo-se seus conteúdos políticos, que na escolha de “uma história oficial”, obliteram tantas outras existentes (CUNHA, 2004, PONTES, 2010). Arquivos - e nesse caso em especial, arquivos universitários - não contém apenas dados factuais do passado, mas também vozes, verdades, lógicas de classificação, de preservação, valores e formas de uso. São um campo tão rico quanto qualquer outro, amplamente fértil para empreitadas etnográficas. Como bem coloca Olivia Maria Gomes da Cunha, ao refletir sobre sua pesquisa etnográfica

¹¹ Tomo aqui espaço para agradecer a professora Heloisa Pontes que, em conversa informal, abriu meus olhos para a importância desses documentos em um trabalho como esse.

nos arquivos da antropóloga Ruth Landes, inspirada nas ideias de Michel Foucault: “é preciso conceber os conhecimentos que compõem os arquivos como um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações histórica e culturalmente constituídas — sujeitas à leitura e novas interpretações” (2004:292). Assim, tomo aqui os memoriais trabalhados não como simples relatos autobiográficos, mas como textos culturais ricos em possibilidades de leitura relativa às suas condições particulares de escrita, seus temas e formas de narrativa e as relações de poder e legitimidade que estas indicam.

Pude levantar ao todo nove memoriais diferentes, referentes às minhas informantes e seus cônjuges, escritos por ocasião de concurso para contratação de professor, concurso para professor titular, concurso de livre docência ou para o doutoramento¹². Se entre eles existem grandes diferenças em termos de tamanho, conteúdo e forma da escrita, todos assemelham-se no seguinte ponto fundamental: revelam, por parte de suas/seus [autor@s](#), a tentativa de construção de *uma narrativa oficial* sobre suas trajetórias intelectuais. A meu ver, eles retratam o que poderíamos chamar de “estórias vitoriosas”: relatos que privilegiam sempre as conquistas e, se mencionando momentos de dificuldade, esses são sempre de cunho pessoal, jamais afetando capacidades profissionais, e sempre narrados da perspectiva de suas superações. Aqui, como no *Currículo Lattes*, não é espaço para enumerarem-se os concursos nos quais não foram aprovados, as pesquisas que foram abandonadas no meio ou as disciplinas que pouco renderam, mas para “vender o peixe”, para demonstrar as qualidades profissionais, os contatos acadêmicos e

¹² As condições para acesso desses documentos variaram muito, mesmo dentro de uma mesma universidade: a dois (ambos pertencentes à Nadya Araújo Guimarães) tive acesso na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, dos quais não pude tirar cópia. Outros dois (de autoria de Jerusa Pires Ferreira) encontravam-se na biblioteca da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da mesma universidade, onde pude acessá-los e copiá-los livremente. Outros três (o memorial de Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, de seu companheiro e dois de autoria do companheiro de Nadya) encontravam-se arquivados na Sessão de Expediente da FFLCH e para acessá-los tive de requerer autorização por escrito para a diretora da Faculdade. Com autorização em mãos recebi os documentos das (muito gentis) funcionárias da repartição, únicas autorizadas a copiá-los para mim. Por último o memorial de Josildeth Gomes Consorte foi me passado por ela para copiar, uma vez que não encontrava-se exemplar na biblioteca da PUC-SP. De acordo o que me foi informado por uma bibliotecária da FFLCH-USP, todos os memoriais relativos à professores ou ex-professores da instituição deveriam ter uma cópia enviada para a biblioteca, para lá estarem à disposição do público. Caso lá não essa estivessem, a consulta a eles na sessão de expediente seria liberada mediante autorização da diretoria da faculdade.

inserir-se em linhagens intelectuais. Com essas relações em mente que esses textos foram lidos, como autobiografias escritas com intenções diretamente profissionais - em detrimento de orientações memorialísticas ou literárias, por exemplo – que, dessa forma, obliteram cuidadosamente relações da vida pessoal. Origens familiares e infância são, de modo geral, narradas com bastante cuidado e esmero, mas quando tratam-se de relações de parentesco vividas já em idade adulta – filhos, casamentos ou mesmo o cuidado de familiares idosos – essas raramente são mencionadas, e se o são, apenas *en passant*.

Para Michel Foucault (1992, 1997) a autobiografia é uma forma de escrita de si sintomática de uma cultura individualista ocidental moderna, ela é, em si, uma forma de negação da própria vida, que sempre em excesso em relação à escrita, é impossível de ser completamente apreendida pela caneta d@ [aut@r](#). Como acrescenta Pierre Bourdieu (1986), falar de história de vida, de biografia, é pressupor que a vida é um todo, um caminho linear e unidirecional formado por um conjunto de acontecimentos necessariamente dependentes uns dos outros. O efeito dessa narrativa, segundo Shari Benstock (1999:09) é mágico, uma vez que o *self* torna-se uma entidade orgânica em que o presente é a soma total do passado, e o passado uma previsão exata do futuro. A escrita autobiográfica funciona “como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etopoiética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos*. (FOUCAULT, 1992:134). @ sujeito torna-se um “ideólogo de sua própria vida” (BOURDIEU, 1986), articulando elementos em uma fala não cronológica e linear, mas que segue uma lógica de inteligibilidade, de maneira a criar uma coerência com um objetivo (identitário discursivo) global. A reflexão autobiográfica é um exercício de criação artesanal de um sentido para a vida vivida. A “ilusão biográfica” é necessária para a construção de coerência do eu, mesmo que esta seja apenas ilusória e sempre incompleta. Citando Sartre, Beauvoir afirma: a vida é uma totalidade destotalizada, ela não simplesmente “é” (1990a).

Memória e Biografia são conceitos metodológicos e teóricos essenciais quando nos propomos a refletir sobre história de vida e narrativas reflexivas do eu (GIDDENS, 1993). Esses discursos são um caminho de recuperação, esquecimento e recriação de identidades e temporalidades imbricado na tessitura das narrativas (KOFFES, 2001),

ou seja, pautada pelas relações e formulações que @ narrador/a deseja sublinhar. Como Walter Benjamin (1994) coloca em seu texto clássico sobre narrar, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, não tem por intenção relatar factualmente algo, mas mergulha a “coisa narrada” na vida do narrador, imprimindo no discurso a sua marca, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (1994:06). Tal marca, por mais que aceitemos sociologicamente o ato de lembrar como fruto de um projeto identitário orientado (VELHO, 1999), não se resume a essa relação funcionalista. Como pergunta Ecléa Bosi (1987), “por que chora o narrador em certos momentos da história de sua vida? Esses momentos não são, com certeza, aqueles de que esperaríamos lágrimas” (p. 45). A fala (e também a escrita) autobiográfica, para além de realizar objetivos, aponta para brechas, falhas, hiatos, ela problematiza a identidade mais do que a dá por garantida (BENSTOCK, 1999). É focada nesse caráter multiplicador da memória e da história da vida que construo os capítulos dessa dissertação.

Mapa de navegação

O texto apresenta-se dividido em quatro capítulos, em cada um apresento a história de vida de cada uma de minhas informantes, sintetizando e dialogando com os depoimentos e fontes recolhidas de modo a levantar relações pertinentes ao todo da pesquisa mas que tem destaque especial na experiência em questão. A institucionalização do sistema acadêmico e suas histórias pessoais e intelectuais são linhas que correm em paralelo, ora cruzando-se ora afastando-se. Suas narrativas impregnam fortemente a minha. Não consigo aqui falar sozinha e o exagero de citações e notas de rodapé é retrato disso, são elas falando também aqui.

O primeiro capítulo intitulado “Os caminhos de formação de uma cientista: Josildeth Gomes Consorte” aborda, além da trajetória pessoal e intelectual da antropóloga, **questões sobre a formação do campo acadêmico nacional e seus condicionantes de gênero**. Já o segundo capítulo “Em tão boa companhia: Jerusa Pires Ferreira” discuto mais detidamente a **parceria intelectual**. O terceiro capítulo “Dando vez e voz: Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins” detenho-me sobre as **dinâmicas do cotidiano acadêmico**. Por último, em “Nome e

renome: Nadya Araujo Guimarães”, levanto questões **sobre o renome no feminino** e aponto para os critérios que, ao longo desse recorte histórico, estabeleceram-se como **critérios de excelência**. Imbricados uns nos outros, esse capítulos são um tanto acumulativos, apesar de tratarem de trajetórias individuais, somam-se em relações e similitudes que serão recuperadas no Epílogo dessa dissertação.

CAPÍTULO 01

Professora Josildeth Gomes Consorte e os caminhos de formação de uma cientista



Aspecto de uma das reuniões da II Reunião Brasileira de Antropologia

Foto de uma das reuniões da II RBA, realizada de 03 a 08 de julho em Salvador. Extraída do anal da II RBA (disponível no site)



Foto de uma das reuniões da II RBA, realizada de 03 a 08 de julho em Salvador. Extraída do site <http://www.thalesdeazevedo.com.br/index.htm>

Olhar para essas fotos hoje, quase 60 anos depois de terem sido tiradas, traz uma surpresa: A sala, onde se encontram os grandes profissionais e os jovens promissores da antropologia brasileira então em formação, onde está sendo fundada a Associação Brasileira de Antropologia, é também ocupada por um número expressivo de mulheres. Das mais ou menos vinte pessoas que conseguimos identificar na primeira imagem, já empobrecida pelo tempo e por suas conversões em imprensa e ao meio digital, pelo menos oito são mulheres. Uma proporção relevante para a imagem retrospectiva que fazemos da escassa inserção feminina no meio público e intelectual nesse período (CORRÊA,2003). Todavia uma pergunta continua: quem são essas mulheres? Nomes como Darcy Ribeiro, Thales de Azevedo, Pierre Verger, todos presentes nessa foto, povoam não só a história da antropologia como também figuram com destaque na sociedade brasileira ao longo da segunda metade do século XX. Mas e suas

colegas mulheres? Porque não sabemos também os seus nomes e suas histórias? Porque a memória de nossa disciplina¹³ é masculinizada (LUTZ, 1995)?

Em entrevista, a professora Josildeth Gomes Consorte me disse: “tem uma foto dessa reunião da ABA [reunião de fundação, realizada em 1955 em Salvador] na qual eu estou no fundo, com uma cara muito pensativa...”. A fotografia mencionada é a que vemos acima. É ela a moça de roupa escura, na terceira fileira ao centro da foto, com o rosto parcialmente coberto pela cabeça de outra colega. Perceber tal “ar pensativo” é difícil nas imagens que temos em mãos. É uma expressão compreensível apenas a partir do entendimento de episódios da trajetória acadêmica de Josildeth durante este período de formação da antropologia e do cenário acadêmico nacional.

A Reunião Brasileira de Antropologia¹⁴ (II RBA) retratada acima foi realizada por iniciativa dos próprios *antropologistas* (como são referidos nos Anais) com a intenção de fundar um órgão profissional para a classe. Teve como comissão organizadora Thales de Azevedo, Frederico Edelweiss, Heloisa Alberto Torres¹⁵, Carlos Ott e Egon Schaden e contou com a presença de Charles Wagley, Darcy Ribeiro, entre outros, totalizando 47 participantes¹⁶.

¹³ Seria injusto não lembrar aqui do esforço feito [pel@s](#) diferentes [autor@s](#) do livro comemorativo de 50 anos da Associação Brasileira de Antropologia de demarcar essa presença feminina em nossa história (ECKERT, GODOI, 2006).

¹⁴ A primeira reunião da ABA foi realizada em 1953 na cidade do Rio de Janeiro por iniciativa do Museu Nacional então pertencente a Universidade do Brasil. Teve por objetivo fazer um balanço dos estudos antropológicos da época, suas condições e possibilidades de ensino e pesquisa. A comissão organizadora era composta por: E. Roquette Pinto (presidente), Heloisa A Torres, Eduardo Galvão, darcy Ribeiro, Edson Carneiro, J. Bastos de Ávila, M. Júlia Pourchet Passos, M. Diégues Jr., José Bonifácio M. Rodrigues, L.A. Costa Pinto e L. Castro Farias. Dados extraídos do Anal da II RBA

¹⁵ Para mais informações sobre a importância de Heloisa Alberto Torres para a formação e institucionalização da antropologia nacional ver: CORRÊA, Mariza. Dona Heloisa & a pesquisa de campo. In: _____. Antropólogas & Antropologia. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2003 pp. 141-163.

¹⁶ Para mais sobre essa reunião ver: CORREA, Mariza. As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003). 1a. ed. Campinas: Editora da Unicamp/Brasília:ABA, 2003. v. 1. 110 p., e Reunião Brasileira de Antropologia, II, 1955. Salvador. *Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia*: Associação Brasileira de Antropologia, 1957, 347 p.

[*A reunião de 1955*] teve (...) o cunho de um seminário, de ***uma troca informal de experiências e conhecimentos, de um esforço de colaboração, entre os participantes, para o progresso dos estudos antropológicos e para a criação de uma consciência profissional*** entre os antropologistas brasileiros. (Anal da II RBA, 1957. Grifos meus)

A II RBA ao fundar a ABA instaurou um espaço de diálogo para a antropologia que se desenvolvia quase independentemente em diferentes lugares do país, criando e fortalecendo redes de trocas, transformando o panorama ilhado vigente (CONSORTE, 1994:42). Sua realização em Salvador, no prédio da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, revela a proeminência que o cenário intelectual baiano, composto por pessoas como Thales de Azevedo e Anísio Teixeira, representava no desenvolvimento da antropologia da época. Importância essa em grande parte devida aos esforços que resultaram, alguns anos antes, no Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia, sobre o qual me deterei mais adiante.

Ainda sobre a segunda RBA, Josildeth, que estava em sua cidade natal, Salvador, conta que entre uma conferência e outra, acompanhou seu amigo, o professor Egon Schaden, da Universidade de São Paulo, em um passeio ao Mercado Modelo de Salvador, “que de modelo não tinha nada”. Era um espaço de forte cultura negra onde aportavam barcos vindos do recôncavo baiano trazendo todo tipo de produto, principalmente itens para o candomblé. A dupla de antropólogos se encantou com os artefatos e imagens ligados aos cultos afro, espalhados em profusão pelo mercado. Nesse passeio, Josildeth comprou um berimbau e uma cerâmica de exu de língua vermelha; aluna recém saída da pós-graduação em antropologia na Universidade de Columbia, Josildeth, então com 25 anos, achou esses itens muito interessantes, “artefatos culturais”. Chegando em casa, conta que sua mãe, católica de formação tradicional, ficou horrorizada com suas compras: “comprar berimbau? Imagem de exu? Coisa de gente do candomblé, mulheres de saia, povo do azeite!” (entrevista 07 de junho de 2011).

Esse interesse antropológico por aquilo que era tabu em sua família, por aquilo que havia crescido cercada mas sempre guardando distância, aponta para as revoluções pessoais que a inserção na

antropologia era capaz de gerar para uma jovem baiana afrodescendente em plenos anos de 1950.

Uma Iniciação Científica propriamente dita...

Nascida em 21 de junho de 1930 em Salvador, no bairro da Baixa do Sapateiro, Josildeth Gomes Consorte – batizada Josildeth Silva Gomes - é a mais velha de três irmãos de uma família afrodescendente de poucos recursos financeiros. Seu pai era mestre de obras e sua mãe bordadeira. Ambos tinham apenas educação fundamental e, apesar do parco conhecimento do sistema de educação então vigente¹⁷, tinham claramente um projeto de ascensão social para os filhos através da educação, como conta Josildeth¹⁸. Como muitas das mulheres que seguiram carreira universitária de sua geração (BLAY, LANG, 2004) Josildeth cursou escola normal, se formando no topo da turma em 1947, já com o pai doente. Como coloca em seu memorial:

Eu terminei o normal com o papai muito mal, muito doente, então para mim era vital começar a trabalhar, e aquela dificuldade, aquilo tudo fechado, eu não sabia o que fazer, eu até pensei em ir dar aula no interior e papai disse que absolutamente não. (...) **no início de 48 que o Dr. Anísio [Teixeira] convidou as dez primeiras normalistas para receber... uma espécie de prêmio... serem nomeadas professoras estagiarias.** Aquilo foi para mim uma salvação. (...) Foi a primeira vez que eu vi o Anísio Teixeira na minha frente. (...) Ele nos recebeu no gabinete e fez uma prelação sobre as glórias do ensino, de uma dedicação ao ensino... eu

¹⁷ Josildeth conta que seus pais a transferiram do Ginásio da Bahia para o Curso Normal no segundo ano pela proximidade de casa do segundo. Além do Ginásio ser uma instituição de maior prestígio, ele garantia aos seus alunos (por um currículo diferenciado do normal) uma maior gama de possibilidades cursos universitários, informação que ela e seus pais desconheciam então. Ainda sobre essa falta de conhecimento do sistema educacional ela coloca “[sobre o pai] Ele não teve acesso mesmo a ginásio, nada disso. E mamãe que podia ter um pouco mais de informação a esse respeito, não tinha nenhuma. (...) faltou essa orientação, quer dizer, eu fui aprendendo ao longo do processo por onde as coisas passavam.” (CONSORTE, 1994: 11)

¹⁸ “Naquela ocasião eu não sabia denominar ainda, mas era aspiração muito grande da minha família, do meu pai, sobretudo, de que eu estudasse, que os filhos estudassem, se formassem” (CONSORTE, entrevista 03 de maio, 2011).

saí dali praticamente empunhando uma bandeira.
(CONSORTE, 08:1994, grifos meus)

Em agosto de 1948 seu pai falece. Com dois irmãos mais novos com problemas de saúde ela se torna, em suas palavras, “arrimo de família”. Trabalhando em dois empregos dar continuidade aos estudos parecia algo impossível, contudo, pela pressão de colegas e com o incentivo de sua grande amiga, Maria Raimunda Guerra de Macedo¹⁹, colega de escola normal e que lhe acompanharia ainda no começo de suas pesquisas na antropologia, optou por prestar o vestibular para a Universidade da Bahia no final do mesmo ano.

Todavia, como visto na introdução, nem todos os horizontes acadêmicos estavam abertos para as normalistas. Como Josildeth coloca:

Todos os cursos, digamos, as carreiras famosas, importantes – medicina, engenharia, direito – você teria que ter feito o ginásio, depois o clássico ou o científico, para depois chegar lá. (...) Nós não tínhamos acesso, como normalistas, agora eu me dou conta, a nenhum curso que fosse chamado de Ciências alguma coisa. Nem Ciências Sociais, nem Ciências Naturais, nós só tínhamos acesso às Humanidades. (Olha que coisa interessante). Então nós podíamos fazer letras, pedagogia ou geografia e história. (1994: 09, grifos meus)

Mesmo imbuída da missão de trabalhar com educação, incutida pela prelação de Anísio Teixeira, resolveu, junto com sua amiga, prestar vestibular para História e Geografia, curso que lhe possibilitaria começar a dar aulas mais rapidamente.

Aprovada, começa as aulas em 1949 junto com Maria

¹⁹ Ao contrário de Josildeth, que era a primeira da família a dar continuidade aos estudos, Maria Raimunda era a caçula de uma família em que todos haviam se formado. Ela conta que foi em sua casa que viu pela primeira vez uma biblioteca particular, que pertencia ao pai de Maria Raimunda, um jurista. “Foi lá que pela primeira vez ouvi falar de Vítor Hugo, essas coisas” (CONSORTE, entrevista 07 de junho, 2011). Ainda sobre a dedicação ao curso: “Maria Raimunda – essa minha amiga – era minha colega de classe e também era muito envolvida com Antropologia, mas ela era mais velha do que eu e ao contrário de mim ela era a caçula de uma família de seis irmãs, e vivia a sua condição de caçula com toda aquela disponibilidade, “irresponsabilidade” dos caçulas. Eu ao contrário, vivia toda a responsabilidade de alguém que perdeu o pai e era arrimo de família, então eu levava muito a sério as coisas todas.” (CONSORTE, 1994:12)

Raimunda em uma turma só de mulheres, algo bastante compreensível para um dos poucos cursos que dava livre acesso à normalistas, que ali dividiam seu tempo entre o estudo e o ensino. Já no primeiro ano Josildeth cursa Introdução à Antropologia²⁰ e começa a definir seu caminho intelectual. “[a antropologia] Foi assim, amor à primeira vista. Foi uma paixão, uma coisa.” (1994, p. 11)

(...) nós tínhamos um professor excelente que era o dr. Thales, Thales de Azevedo. Foi assim, puro encantamento. **Eu acho que antropologia abria um horizonte que nós jamais tínhamos percebido né, a questão da diversidade humana, das culturas**, dos paralelismos culturais, toda a problemática da evolução. (CONSORTE, entrevista 03 de maio, 2011. Grifos meus)²¹

Entrar em contato com essa teoria sobre a diferença, “a ciência do outro”, ressoou profundamente em uma jovem “nascida e criada na Bahia, vendo sincretismo em todo lugar” (entrevista 03 de maio de 2011). Durante sua graduação teve aulas de língua Tupi com Frederico Edelweiss; com Thales de Azevedo, médico de formação e autodidata em antropologia, leu Nina Rodrigues, Roquette Pinto e Arthur Ramos. Sua formação inicial foi ainda marcada pelas leituras de George Murdock, Gilberto Freyre e pelos influxos boasianos do contato com Columbia.

²⁰ Para uma descrição detalhada do ensino de Antropologia dentro de cursos de História e Geografia ver: SANTOS, Silvio Coelho dos. A Antropologia em Santa Catarina. In: _____ (org.). Memória da Antropologia no Sul do Brasil. Florianópolis: Ed. UFSC: ABA, 2006.

²¹ Ainda sobre o papel de Thales, ela comenta: “Eu nunca tinha ouvido falar em Antropologia, mas foi um deslumbramento. Era uma classe pequena e só de mulheres e ele conseguiu cativar a todas nós com o seu modo de ensinar Antropologia. Ele era um professor muito estimulante. Uma pessoa extremamente séria, devotada à Antropologia. Era médico e autodidata, como de modo geral eram todos os antropólogos naquela época. Foi com os seus encantos que ele conseguiu nos ensinar Antropologia, que acabou se tornando a menina dos olhos do curso de Geografia e História. Interessante, não é?” (CONSORTE, 2009, p. 202). Esse depoimento em muito lembra o que Denise Paulme relata no texto de Miriam Grossi (2006), de que ao sair das primeiras aulas de antropologias dadas por Marcel Mauss sentia-se “andando nas nuvens”. O encantamento aqui não é uma reação simplesmente subjetiva e pessoal, mas um dado sociológico que revela a radicalidade de possibilidades inesperadas que aventurar-se por discussões intelectuais (e, no caso, antropológicas) oferecia para essas mulheres, de gerações e lugares tão diferentes.

Imediatamente, graças a seu interesse pela disciplina, Josildeth se destaca na turma e começa uma espécie de “iniciação científica”²² com Thales de Azevedo, auxiliando em pesquisas de campo sobre invasões na região do Estaleiro²³ e estereótipos raciais na cidade de Salvador. Ainda em 1949, Dr. Thales contou-lhe em segredo que um projeto de pesquisa em antropologia, idealizado pelo então Secretário da Educação e da Saúde Anísio Teixeira, estava tomando forma e convidou-a para participar como assistente de pesquisa. Exultante com a oportunidade ela aceitou de pronto.

Assim, o Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia Universidade de Columbia²⁴ iniciou seus preparativos no ano de 1949, tendo como coordenadores Thales de Azevedo, Luiz de Aguiar Costa Pinto – escolhidos por Anísio Teixeira²⁵ representando a Fundação de Desenvolvimento da Ciência – e Charles Wagley – representando a Universidade de Columbia. Segundo Josildeth (1997) o projeto consistia

²² As aspas se devem ao fato que em 1949 ainda não existia a iniciação científica no formato que temos hoje – padronizada pelos formatos PIBIC-CNPq –, era uma experiência informal e pessoalizada entre professor e aluna, de passagem de conhecimento e auxílio em pesquisa.

²³ Ainda sobre esse trabalho de campo, Josildeth conta: “Eu me lembro que fui com ele uma vez e eu achava tudo aquilo tão estranho... Como é que vai ser um trabalho de campo? Que coisa era aquela? Como era possível? Era uma coisa que me causava muita ansiedade Bater na porta das pessoas para perguntar coisas... De um lado me causava muita ansiedade e do outro lado me despertava uma curiosidade enorme” (1994, p. 12) Essa pesquisa resultou nos livros *Povoamento na Cidade de Salvador* (AZEVEDO, 1949), *As Elites de Cor numa Cidade Brasileira* (AZEVEDO, 1953), e *Civilização e mestiçagem* (AZEVEDO, 1951).

²⁴ O projeto no caso foi o antes mencionado Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia Universidade de Columbia, um dos mais importantes no desenvolvimento da antropologia no país (CORRÊA, 1988; CONSORTE, 1997). Como demonstra Ruy Medeiros (2009), sob governo de Otávio Mangabeira (pela UDN, 1947 a 1951) foi criado no Estado da Bahia a Fundação para Desenvolvimento da Ciência, idealizada por Anísio Teixeira. Anísio, formado em direito e com o título de Master of Arts pela Universidade de Columbia, dedicou sua vida ao estudo e transformação da educação no país. Apesar de não ser antropólogo de formação teve fortes laços com a “escola Nina Rodrigues” (CORRÊA, 2003) e fomentou o desenvolvimento de diversas pesquisas na interface da antropologia com a educação, e em especial o projeto Universidade de Columbia – Estado da Bahia.

²⁵ Sobre ele, Josildeth conta: “ (...) a trajetória do Dr. Anísio [Anísio Teixeira] é na área de educação. Ele é um homem que tem uma formação filosófica muito boa que estava vocacionado para ser jesuíta, projeto com que a família não concordava e de que ele acabou tendo que abrir mão Foi para os Estados Unidos na década de 1920 tendo sido aluno de [John] Dewey e voltou de lá seduzido por essa educação inspirada por ele. É aí que começa sua paixão pela educação.” (CONSORTE, 2009, p. 205)

no desenvolvimento de uma série de estudos de comunidade, de um ano de duração cada, em diferentes partes do estado do forma a subsidiar informações para a formulação de diretrizes de ação por parte da Secretaria de Educação e Saúde, sob a direção de Anísio Teixeira.

Para trabalhar como assistente nesse projeto a aspirante à antropóloga foi transferida de sua posição como professora da rede estadual, se tornando funcionária comissionada e colocada a disposição do gabinete do secretário Anísio Teixeira, no segundo semestre de 1949. Agora como “assessora do Dr. Thales”, como ela mesma coloca, tinha por função ajudar a construir toda a infraestrutura necessária para que o programa pudesse ocorrer, dali a um ano. A antropologia não era mais apenas sua paixão, mas também seu sustento.

Uma vez que o antropólogo da universidade de Columbia Charles Wagley havia sido convidado por Anísio para ser um dos coordenadores do programa, a escolha do método de Estudos de Comunidade, pareceu natural.²⁶ Charles Wagley foi um dos pioneiros na área dos estudos de comunidade no Brasil com sua pesquisa em Itá, na Amazônia²⁷. Antropólogo (ou antropologista, como ele preferia) de Columbia veio ao Brasil pela primeira vez ainda na década de 30, em uma missão estadunidense que respondia a um apelo feito pela professora Heloísa Alberto Torres, do Museu Nacional, solicitando o envio de pesquisadores treinados ao país para ajudar na formação de quadros da disciplina então em formação (CORRÊA, 1988).

O caráter aplicado é um traço essencial aos estudos de

²⁶ Segundo Josildeth (CONSORTE, 2009; CONSORTE e PEREIRA, 2010) esses estudos teriam sua origem com o trabalho dos sociólogos estadunidenses [Robert Staughton Lynd](#) e [Helen Merrell Lynd](#), chamado *Middletown* e com os trabalhos de Robert Redfield sobre a comunidade mexicana de Yucatán. Essa linha de estudos, parceira do culturalismo, marca, de acordo com ela, a entrada do interesse antropológico nas sociedades complexas: tinha como foco questões que abordavam situações de relação entre moderno e tradicional e suas dinâmicas de mudança, especialmente em comunidades isoladas. Como João Batista Pereira coloca: “Redfield dizia que, na verdade, neste continuum entre o tribal e a cidade - o urbano no sentido mais expressivo da metrópole - “havia uma casa do meio do caminho”. O que era esta “casa do meio do caminho”? (...) Pode ser o rural, pode ser o rural influenciado pelo indígena, como era o caso de Yucatan, como era o caso de Itá, estudada no Brasil por Wagley. Então, é uma casa do meio do caminho. Não é uma coisa nem outra. A antropologia estava apenas no primeiro ponto e Redfield achava que devia se expandir e alcançar, pelo menos, “a casa do meio do caminho”. (CONSORTE, PEREIRA, 2010. P. 05)

²⁷ WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Editora Nacional. 1957

comunidade, traço que harmonizava perfeitamente com a intenção de Anísio Teixeira de proporcionar a produção de um conhecimento da realidade social que pudesse não apenas embasar ações de sua secretaria (de Educação e Saúde) mas responder aos anseios da época sobre o (suposto) “atraso” nacional. Como coloca Josildeth:

Era um momento em que a ideia de tradicional/moderno, tradicional/progressista, essa visão dicotômica estava muito em voga pra entender o Brasil, um Brasil que iria sair desse formidável atraso para um imenso desenvolvimento, que se esperava acontecesse com o fim da Segunda Guerra. Juscelino Kubitschek que vem logo depois deste período é bem orientado por essa perspectiva. “Cinquenta anos em cinco”. Quer dizer, o Brasil que vai deixar de ser um grande gigante adormecido. (CONSORTE, 2009: 203. Grifos meus)

Dessa forma, ao passo que Charles Wagley e Costa-Pinto empreendiam estudos preliminares para dividir o estado da Bahia nas áreas que seriam escolhidas²⁸ como sede para os estudos, Josildeth trabalhava como auxiliar no levantamento de uma imensidão de fontes e materiais (principalmente advindos do Instituto Histórico Geográfico e do Censo de 1940 do IBGE, que tinha recém-saído) para subsidiar as pesquisas, construindo a infraestrutura para a recepção dessa tão esperada missão, a primeira do tipo no estado da Bahia²⁹. Para isso um prédio foi especialmente alugado, ela foi matriculada em um curso intensivo de inglês no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, aprimorou sua datilografia, aprendeu “a entrar e sair de lugares”, a

²⁸ As áreas escolhidas foram: o Recôncavo, a Chapada Diamantina e o Sertão semiárido

²⁹ Ao contrário do que muitos pensam, o projeto da UNESCO sobre relações raciais teve início no anos de 1950, quando as pesquisas do programa já se encontravam em curso. Sobre isso, Josildeth conta: “Já estávamos há seis meses no campo quando chega a Salvador Alfred Metraux com uma proposta da UNESCO de estudo das relações raciais no Brasil. Esta proposta estava na agenda de Arthur Ramos, que tinha acabado de falecer. (...) quando a proposta de Alfred Metraux chegou, foi acolhida e exerceu uma grande influência no trabalho dos pesquisadores. Foi expressiva a importância que os estudos sobre relações raciais assumiram no projeto”. (CONSORTE, PEREIRA, 2010, p. 12). Para mais sobre o importante projeto UNESCO ver: MAIO, Marcos Chor. Abrindo a “Caixa Preta”: O Projeto UNESCO de Relações Raciais. In: PEIXOTO, F. PONTES, H. SCHWARCZ, L. (org). Antropologias, histórias, experiências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

mimeografar textos, escrever ofícios, além de ficar encarregada do caixa do projeto; enfim, foi iniciada por seus mestres – Anísio Teixeira e Thales de Azevedo – nos processos cotidianos da preparação de uma pesquisa e da vida acadêmica³⁰.

Em junho de 1950 chegam a Bahia, acompanhados por Charles Wagley os três doutorandos: Benjamin Zimmermann, Marvin Harris e Harry Hutchinson. Para assisti-los em campo foram convocados os estudantes do Museu Nacional (Rio de Janeiro) Nilo Garcia e Lincoln Alisson Pope. Da Bahia foi chamada Carmelita Junqueira Ayres, moça de família tradicional formada em história no Rio de Janeiro. Lincoln seguiu Bem Zimmerman a Monte Santo, no Sertão semiárido, Nilo acompanhou Marvin para Rio das Contas, na Chapada Diamantina, enquanto Carmelita, a única mulher do grupo, acompanhou Hutchinson para a comunidade de São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano, onde sua família possuía usinas. Em poucos meses os estudantes cariocas, com dificuldades de adaptação ao lugar e ao clima, abandonaram a pesquisa e voltaram para o Rio de Janeiro. Fortuitamente, essa desistência coincidiu com o final do ano letivo e o começo do período de férias, possibilitando que Josildeth, sua amiga Maria Raimunda Guerra de Macedo, e a irmã mai velha dessa, Nilda Guerra de Macedo³¹ (também aluna de Thales), fossem ajudá-los no trabalho de campo.

Agora, não era uma coisa tranquila para nós, três donzelas, irmos pro campo no final dos anos de 1950 trabalhar com esses americanos. No meu caso em particular, houve uma preocupação muito grande na minha

³⁰ Sobre isso ela comenta: “Quer dizer, eu tive realmente um senhor aprendizado com coisas burocráticas também, porque tinha a parte de fazer ofícios, encaminhamentos, e tudo isso virou uma bagagem que... eu só fui me dar conta da importância que ela tinha, ou teve, muito tempo depois...” (CONSORTE, 1994:18). Ainda, sobre sua dedicação: “Não tinha meu pai, minha mãe estava cuidando da casa e dos dois irmãos e eu... eu no trabalho! Dia e noite, saía de manhã voltava a noite, saía de manhã voltava à noite, saía de manhã voltava a noite. Trabalhava muito. Pergunta se eu tive tempo para festa, para namoros (...) **O foco era, era o trabalho, era a antropologia...**” (CONSORTE, Entrevista 03 de maio, 2011. Grifos meus)

³¹ Sobre essas importantes companheiras de seus primeiros anos Josildeth conta: “[*Maria Raimunda ficou*] com a geografia. Ela fez a carreira dela como professora de geografia do estado. Nilda Guerra também. Aliás, a Nilda fez uma carreira de mais fôlego. Foi para a França, se titulou, depois infelizmente ficou doente e morreu muito cedo, mas ela tem trabalhos publicados.” (CONSORTE, entrevista 03 de maio, 2011)

família: “Como que essa menina vai sozinha lá tão longe? Se o pai dela fosse vivo não ia consentir!” Aquela admiração. **Por fim, combinou-se que minha mãe iria me acompanhar.** Vocês pensam que é assim? Como é hoje? Que a gente vai pra qualquer lugar? Minha mãe ia me acompanhar. Nesse meio tempo, porém, Maria Raimunda, minha amiga querida, teve uma desilusão amorosa muito grande e resolveu que a melhor forma de afogar essa mágoa era sair de Salvador. E como ela era tão aluna de Thales como eu em antropologia, uma excelente aluna, então caiu a sopa no mel. **E no lugar da minha mãe, fomos nós duas. Foi assim que, nós mulheres, entramos nesse projeto.** (CONSORTE, 2009:208-209. Grifos meus)

Uma conjunção auspiciosa de condicionantes: o final do segundo ano de faculdade se aproximava, tendo trabalhado no ano anterior na construção da infraestrutura do programa e já tendo experiência de pesquisa de campo com Thales, Josildeth tinha as habilidades necessárias para o trabalho. Os impedimentos de gênero que teriam freado uma moça em outras situações foram atenuados pelo pai já não estar presente, pela compreensão e apoio da mãe sobre seu trabalho - trabalho que, inclusive, sustentava a família³² - e pela companhia da amiga, três anos mais velha e que era seguida por uma de suas irmãs maiores, Nilda, nessa empreitada. Se teceu assim uma “rede de segurança” feminina que permitia a investida no campo.

Por fim o time de assistentes mulheres (para pesquisadores homens) se compôs assim: Josildeth Gomes Consorte e Maria Raimunda Guerra de Macedo auxiliaram Marvin Harris em sua pesquisa em Rio das Contas; Nilda Guerra de Macedo juntou-se à Gizella Valadares – judia estadunidense com formação em museologia, esposa do diretor do Museu do Estado e amiga de Anísio – chamada por ele para auxiliar Benjamin Zimmerman em Monte Santo e Carmelita Junqueira Ayres (mais tarde, Carmelita Junqueira Hutchinson) seguiu com Harry

³² Sobre o apoio da mãe, Josildeth comenta: “E mamãe me dava muita força... eu não tinha mais meu pai... E meu futuro... quer dizer, **aquilo era o meu futuro.** Na verdade era isso. Porque os meus irmãos mais novos e os dois estavam com muitos problemas, Então... mamãe me dava a maior força, quer dizer, o que fosse... o que viesse dali era bem vindo e se implicasse em ir para o interior, como eu fui, tudo bem...” (Memorial Josildeth Gomes Consorte, 1994, p. 19)

Hutchinson em São Francisco do Conde. Com exceção de Josildeth, todas moças da classe média/alta de Salvador, que por contatos pessoais ou familiares conseguiram inserir-se profissionalmente nesse importante projeto de pesquisa. Com exceção de Gizela, eram todas solteiras em tempo da pesquisa. Interessante ressaltar ainda que, não tendo sido as primeiras indicadas para o posto de assistentes (sendo esses estudantes homens do Museu Nacional vindos da capital federal), foram elas que persistiram na pesquisa até o fim, responsáveis em grande parte pelos seus resultados e seu sucesso.

O outro lado da moeda de gênero era ainda mais fortuito: Com dificuldades de entrar em contato “com certas particularidades do mundo feminino” (CONSORTE e PEREIRA, 2010) os pesquisadores estadunidenses encaminharam suas recém-chegadas assistentes para focarem seus esforços de pesquisa no “comportamento reprodutivo” e socialização das crianças, assuntos que, seja por tabus de gênero locais ou dos próprios pesquisadores, lhes pareciam inacessíveis³³. Tal prática está longe de ser incomum no universo da etnografia em formação; como Miriam Grossi (2006) aponta, Marcel Mauss tinha uma grande preocupação em formar mulheres pesquisadoras para que a “universalidade da dualidade masculino/feminino” pudesse ser mais profundamente abordada em pesquisas de campo, preocupação essa partilhada por outros “pais” da antropologia do século XX, como Franz Boas e Bronislaw Malinowski.

Outra divisão de trabalho de campo foi feita a partir da idade: Josildeth, que era mais jovem se focou na educação infantil, conversando com as mães, enquanto Maria Raimunda ficou com a parte de “comportamento reprodutivo”. Ainda, para evitar ficarem “mal afamadas” na pequena cidade de Rio das Contas, Josildeth e Maria Raimunda ficarão em uma pensão, enquanto Marvin ficou em uma casa, chamada por elas de QG.

A existência de um número significativo de longos projetos independentes de pesquisa social financiados por instituições governamentais³⁴ – Programa Columbia/Estado da Bahia, Projeto

³³ Como coloca Josildeth: “Inicialmente, a gente não tinha muita clareza sobre isso e fomos orientadas pelo princípio de que tudo era importante e que nós tínhamos que prestar atenção a tudo. Mas a **nossa tarefa específica era trabalhar com os assuntos femininos, essencialmente femininos.** (2009:209, grifos meus)

³⁴ Um projeto muito similar ocorria, via Donald Pierson e Escola de Sociologia e Política de

UNESCO sobre relações raciais, Pesquisa no Vale do São Francisco – pode ser observado, como Maria Arminda Arruda (2001) aponta, pelas lentes da elite cultural e política nacional da década de 50. Embragados pela ideologia positivista, percebiam as ciências sociais, e nesse caso a antropologia, como saberes “naturalmente legítimos”, uma vez era apenas através do rigor cientificista que esses saberes encarnavam, que poderiam ser encontradas respostas para as demandas que brotavam da sociedade em processo de modernização.

Podemos tomar como exemplo da valorização da formação de cientistas sociais no período o passo seguinte dos estudos de Josildeth. Seu excelente desempenho durante a pesquisa em Rio das Contas rendeu ainda uma outra incursão a campo, nas férias de verão de 1951 se estendendo pelo primeiro semestre de 1952, solicitada pelo antropólogo de Columbia Anthony Leeds (que chegou um ano depois dos outros pesquisadores) na Zona do Cacau. Essa convivência intensa com os pesquisadores além de acrescentar uma enorme bagagem intelectual em termos de discussões, bibliografia e experiências, se desdobrou em um convite: para que ela continuasse seus estudos na Universidade de Columbia. Nesses dois anos de trabalho intenso o mundo que no começo lhe parecia “grego” - pós-graduação, PhD, Universidade de Columbia - agora era parte de um processo absolutamente natural, a sequência clara para seus trabalhos (CONSORTE, 1994:21).

Para estar apta a acessar a pós em Columbia Josildeth precisava de mais um ano de graduação - o bacharelado em Geografia e História durava 3 anos e eram exigidos 4 anos de *college*. Providencialmente, em meados de 1952 Thales de Azevedo a indica para uma bolsa de estudos

São Paulo, praticamente ao mesmo tempo e também na Bahia: o projeto no Vale do São Francisco. Coincidentemente (ou não) analisando uma área não contemplada pelo Programa Estado da Bahia – Universidade de Columbia, em torno do Vale do rio São Francisco, também no estado da Bahia. Financiada pelo Ministério da Educação tinha também por objetivo realizar pesquisas que pudessem subsidiar ações do governo sobre a área da educação. Segundo Josildeth os projetos se desenvolveram totalmente separados, mas afirma que Doutor Thales, que mantinha uma intensa correspondência com outros intelectuais no país e fora, incluindo Donald Pierson, tinha conhecimento desse outro projeto. É possível que Anísio Teixeira estivesse envolvido igualmente no desenvolvimento do Projeto no Vale do São Francisco, o que elucidaria o fato dessa pesquisa ter ocorrido também no estado da Bahia, mesmo sendo composta por quadros da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Para mais sobre essas duas pesquisas ver a interessantíssima entrevista CONSORTE, Josildeth Gomes e PEREIRA, João Baptista Borges Pereira. Estudos de Comunidade, um encontro. São Paulo, *Ponto Urbe*, n.6, ano 4, Agosto de 2010. Entrevista concedida à Lílian de Lucca Torres

de um ano na Escola de Sociologia e Política de São Paulo - sob os cuidados do professor estadunidense professor Donald Pierson - para a qual ela é imediatamente selecionada.

Com a mãe ainda recebendo seu salário de professora do estado (colocada a disposição do gabinete da Secretaria de Saúde e educação) para o sustento da família, Josildeth chega em São Paulo em 31 de julho de 1952, apoiada por uma bolsa da própria Escola de Sociologia e Política e com uma complementação do INEP (então Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos³⁵), instituto do qual Anísio Teixeira tinha acabado de tornar-se diretor. Para alguém “arrimo de família” era impossível simplesmente dedicar-se a carreira e deixar tudo para trás, esquemas e estratégias tinham que ser cuidadosamente organizados para possibilitar tanto o bem estar da mãe e irmãos como o desenvolvimento profissional pessoal. Para que empreitada fosse possível os apoios institucionais e financeiros de Thales de Azevedo e Anísio Teixeira foram fundamentais.

De Rio das Contas para o mundo...

No começo da década de 1950 São Paulo se tornava o epicentro da cultura e da ciência no país, suplantando em importância a Capital Federal, Rio de Janeiro. A cidade rica e industrializada era o cenário perfeito para as maravilhas da modernização, tão desejadas por grande parte das elites econômicas (empresariais) e intelectuais nacionais. São Paulo se mostrava como aquilo que o Brasil queria ser: moderno, urbano, desenvolvido. Como coloca Maria Arminda Arruda do Nascimento, a transformação da cidade em centro produtor de ideias com repercussão nacional e internacional, tem início “com a vertigem da Semana de 1922, na exposição modernista do Teatro Municipal. Mas nos anos 50, o movimento tornava-se avassalador” (ARRUDA, 2001, p. 99 – 100). A década coincide igualmente, e de forma alguma por acidente, com a maturação das instituições superiores fundadas na década de 1930 – Universidade de São Paulo e Escola de Sociologia e Política. Ainda preservando uma proporção relevante do corpo docente vinda das missões estrangeiras (francesa para a USP e estadunidense para a Escola Livre de Sociologia e Política), em 1950 os primeiros

³⁵ Atualmente Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

formandos da casa davam os seus passos iniciais como professores e suas pesquisas começavam a ganhar notoriedade. A emergência da metrópole tem por um de seus condicionantes exatamente essa ebulição acadêmica – intelectual (ARRUDA, 2001).

É nessa São Paulo que se constrói modernista, em que a Guernica de Pablo Picasso é exposta na II Bienal de Arte de São Paulo (1953), em que o parque Ibirapuera, com prédios de Niemeyer, é ainda um canteiro de obras, onde a vida cultural é colorida pelos espetáculos do Teatro Brasileiro de Comédia (PONTES, 2010), em que os filhos dos imigrantes japoneses e italianos transitam livremente pelo cenário artístico e intelectual enquanto os afrodescendentes continuam relegados em sua maioria à trabalhos menos valorizados, onde Josildesth pousa por um ano para se preparar para alçar voos mais distantes.

Além de completar sua formação, outras vantagens eram vistas por seus mestres, Thales de Azevedo, Anísio Teixeira e Charles Wagley, nessa estadia:

São Paulo foi uma experiência nova e ampliada de vivência urbana e vivência de relações raciais. Eu saí da Bahia para São Paulo, a caminho dos Estados Unidos (onde a segregação racial era total, absoluta), e então **era importante que eu fosse me preparando pra qualquer eventualidade, pra ser discriminada**, etc. E foi assim que eu vim pra São Paulo pra completar os meus estudos, já que eu precisava de quatro anos pra ir pra Columbia. Mas também para viver uma outra experiência: urbana, de grande cidade e de outras relações raciais. **Este contexto de outras relações raciais não era falado, não era mencionado, mas era um subtexto mais ou menos perceptível.** (CONSORTE, 2009:210, grifos meus)

Pela primeira vez em sua trajetória acadêmica sua condição de afrodescendente se revela motivo de atenção e preocupação. A forte segregação racial estadunidense a enchia de medo e preocupava seus professores. A percepção de que São Paulo, uma metrópole aos moldes de Nova York, apresentava uma “segregação racial à brasileira”, com divisões e fronteiras mais claras que as baianas mas menos tensas e conflituosas que o caso estadunidense, aliada a oportunidade oferecida pelos contatos de Thales de Azevedo na Escola Livre de Sociologia e

Política, fazia da cidade o entreposto perfeito.

Assim, esse momento de seu *Bildungsroman* não se restringe aos estudos em uma das mais importantes instituições de ciências sociais da época, no qual ela ampliou seu conhecimento da teoria social estadunidense em um ambiente formado sob a influência da Universidade de Chicago, mas passa também por uma formação na ordem da conduta, das reações, dos controles emocionais. Como diz em seu memorial, era uma espécie de “adestramento” (CONSORTE, 1994:21), um “processo civilizador” que deveria ensinar-lhe a lidar com as agruras do racismo, não de maneira a enfrentá-lo ou questioná-lo, mas contornando seus perigos. A própria presença de uma jovem mulata nesses meios era, de forma intencional ou não, uma subversão sutil dessa ordem racial.

Esperando encontrar pessoas “frias e distantes” como era avisada na Bahia, Josildeth surpreendeu-se com a recepção calorosa que teve pelos colegas paulistanos. Pautada por um ethos americano democrático de relações informais a Escola, dirigida então por Herbert Baldus, não trazia em seu cotidiano nenhum “ranço” exclusivista ou preconceituoso da elite que a havia fundado. Como Maria Arminda Arruda (2001) coloca, no círculo artístico e intelectual paulistano da década de 1950, entre o público heterogêneo e amplo que frequentava os bares e as escolas imperava uma lógica comunitária, “uma sociabilidade ilustrada, à busca de uma dignidade social assentada em critérios outros que não os do dinheiro” (p. 94) ou da cor, eu acrescento. Esses preconceitos eram vistos como ultrapassados, de outra geração, “poderiam gerar problema com a família”, mas não deveriam ser empecilhos na convivência informal universitária. Ultrapassá-los, conviver bem com essas diferenças era parte essencial do ideal igualitário, moderno e cosmopolita que se construía nesse meio. Em São Paulo Josildeth passou a conviver com pessoas de origem italiana, alemã, japonesa e até “quatrocentões”. O mundo era tão outro, que nele ela era a única afrodescendente. Esse novo mundo de oportunidades para além da Bahia era branco, ao ponto que encontrar grupos negros pela cidade, compostos por aquelas pessoas que não eram vistas no dia a dia, invisibilizadas pelos trabalhos subalternos, era motivo de espanto para ela mesma.

A efervescência intelectual acadêmica da São Paulo de 1950 tinha como centro a chamada Maria Antônia, sede da Faculdade de

Filosofia da USP, cenário no qual Josildeth estabeleceu muitos laços com o círculo de cientistas sociais paulistanos que viriam a lhe acompanhar por toda a vida³⁶. Sua formação antropológica começada no curso de História e Geografia na Universidade da Bahia, com as aulas de Thales de Azevedo, Carlos Ott e Frederico Edelweiss tinha sido amplamente complementada pela participação no Programa Estado da Bahia/Universidade de Columbia, processo que teria continuidade da ELSP. Na Escola Livre de Sociologia e Política, por onde Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Gioconda Mussolini já haviam passado, Josildeth teve aulas com Oracy Nogueira, Herbert Baldus e Hélio Schintler, professores com quem mergulhou na teoria antropológica estadunidense, especificamente da Escola de Chicago, com os trabalhos de Lloyd Warner e Robert Redfield, que em poucos meses seria seu professor em um curso de verão na Universidade de Chicago.

A efervescência intelectual paulistana e a recepção calorosa dos colegas não abalaram os planos de continuar seus estudos de pós-graduação na Universidade de Columbia³⁷. Pouco mais de um ano após sua chegada “no sul”, Josildeth parte para Nova York em setembro de 1953 como bolsista da primeira leva de estudantes de pós-graduação no exterior contemplados pelas bolsas CAPES³⁸, instituição fundada apenas dois anos antes por, seu já velho conhecido, Anísio Teixeira.

A Pós-Graduação em Columbia

Primeiro departamento de Antropologia dos Estados Unidos foi fundado por Franz Boas em 1896, antropólogo alemão responsável pela desestabilização do pensamento antropológico evolucionista do final do

³⁶ “É que eu vivia tudo aquilo com uma alegria tão grande, mas sem nenhuma preocupação com o fato de que eu estava fazendo uma carreira, de que todos esses contatos seriam, digamos, como pregos na parede para um dia... sabe? Era uma coisa tão genuína... tão sem compromisso com qualquer investimento futuro. Eu acho que era por isso que era tão bom! (...) quer dizer, eu realmente tive muito contato com o que havia de melhor... nas ciências sociais naquele momento, aqui no sul.” (CONSORTE, 1994:45)

³⁷ “eu sabia muito pouco sobre nosso sistema educacional, como já lhe disse. Eu conhecia mais da Universidade de Columbia do que da Universidade de São Paulo... Primeiro eu fiquei sabendo mais da Universidade de Columbia ou de uma... pós-graduação no exterior do que... das possibilidades que eu teria dentro do país.” (CONSORTE, 1994: 42)

³⁸ Bolsas que levavam o nome de bolsas de pesquisa, renováveis semestralmente.

século XIX e pela construção da antropologia em suas bases modernas³⁹. Não foi sozinho que ele desenvolveu a perspectiva relativista e construiu a antropologia cultural norte-americana. Seus muitos estudantes, homens e mulheres das mais diferentes origens, encantados com suas aulas e seu projeto anti racista e anti evolucionista, foram igualmente responsáveis pela transformação do paradigma vigente através de suas extensas pesquisas de campo com diferentes povos da América do Norte e do mundo. Entre os *boasianos* (STOCKING, 2004) mais famosos podemos citar Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir, Melville Herkovits e Gilberto Freyre, e também as menos renomadas, mas de forma alguma menos importantes, Elsie Clews Parsons, Ella Deloria e Zora Neale Hurston. Dessa forma, ao longo da primeira metade do século XX (mais exatamente, até o fim da segunda guerra mundial, 1945) o departamento de Columbia se tornou um centro irradiador de antropologia para o país e para o mundo, como pudemos ver nos exemplos acima mencionados de antropólogos de Columbia que vieram fazer pesquisa e auxiliar na formação da disciplina no Brasil, como Charles Wagley, Melville Herkovits e Ruth Landes (CORRÊA, 2003). O relativismo cultural, a valorização do trabalho de campo e do resgate de culturas em processo de desaparecimento, a preocupação com a aplicabilidade para além da academia, a ênfase psicológica (escola de cultura e personalidade) e o foco no local são alguns dos traços que definem essa corrente.

Contudo, esse não era exatamente o cenário em 1953. A perspectiva culturalista estava em cheque desde meados dos anos 1940, suplantada rapidamente pelos estudos de comunidade que, no começo da década seguinte, já encontravam-se em declínio. A própria ascensão e desaparecimento meteóricos dos estudos de comunidade no Brasil é amostra dessa antropologia em transformação, que buscava sair dos estudos com povos “fechados e tradicionais” para focar na tensão entre o tradicional e o moderno. A influência marxista cada vez mais forte, representada pelo neoevolucionismo, era cuidadosamente disfarçada

³⁹ Como coloca Foucault (1981), Boas desconstrói o “homem” das ciências naturais ao propor uma metodologia antropológica relativista pela qual devemos compreender as particularidades históricas e qualitativas das culturas em si ao invés de traçar comparações pouco fundamentadas de elementos totalmente distantes culturalmente e historicamente, como era feito por seus predecessores (James Frazer e William Rivers são os primeiros exemplos que vem a mente).

frente às perseguições relativas ao governo McCarthy e a Guerra Fria. Questões como ecologia e materialismo cultural estavam no foco dos doutorandos Marvin Harris, Anthony Leeds e Marshal Sahlins e dos professores Morton Fried e Karl Polany (que, de acordo com Josildeth, lecionava um seminário secreto sobre marxismo, cujos os insumos povoavam todo o departamento). Foi esse o departamento de Columbia que Josildeth viveu entre 1953 e 1955, um departamento que procurava abrir distância do culturalismo e relativismo que fizeram sua fama⁴⁰.

Josildeth não chegou lá sozinha, sua colega em campo na Bahia, Carmelita Junqueira Ayres também estava estudando na Universidade de Columbia, morando na mesma residência que ela, além dos já conhecidos colegas Charles Wagley, Benjamin Zimmerman, Anthony Leeds e Marvin Harris - escolhido para ser seu orientador de tese -, e de Fernando Procópio, seu conhecido de tempos de São Paulo. Como haviam lhe garantido antes da viagem, a segregação racial ferrenha do país não afetou-a diretamente; pequenas coisas como cortar o cabelo se tornavam delicadas para uma moça afrodescendente vivendo em um ambiente branco, mas, assim como em São Paulo, ao inserir-se em um espaço de ideais progressistas e anti-racistas, teve uma recepção e uma convivência tranquila. Nos Estados Unidos de 1950, em que a miscigenação era pouco comum, uma mulher mulata, de traços finos e cabelo afro, era vista como algo muito diferente, exótico, o que lhe rendeu diversas comparações com a única estrela de Hollywood negra do período, Dorothy Dandrige e sua personagem emblemática Carmen Jones, e convites para trabalhos como modelo fotográfica. Esses convites e aproximações com o universo artístico instigavam sua curiosidade e aterrorizavam seu orientador, “não faça isso! Não vá se envolver com essas pessoas!”. Aproximações que viriam a se

⁴⁰ Josildeth resume essas mudanças no departamento de Columbia: “O culturalismo nasceu em Columbia pelas mãos de Franz Boas e foi a vertente dominante do pensamento da antropologia até o início dos anos de 1940. Nos anos 40 o que você encontra em Columbia já é a crítica muito forte a Franz Boas. Essa crítica a Boas vai representar uma abertura de espaço pra outras influências. Aí entram os estudos de comunidade e depois entra o neoevolucionismo do Leslie White. Quando eu chego em Columbia, a vertente mais expressiva, mais importante do pensamento na antropologia era o neoevolucionismo. O neoevolucionismo com Morton Fried, com Marshall Sahlins (que estava fazendo o seu doutorado lá), com Marvin Harris, como o próprio Anthony Leeds. Era o que se discutia e funcionava como uma grande crítica ao culturalismo, na medida em que o neoevolucionismo retomava a grande história. Num momento em que se precisava pensar novamente a grande história.” (CONSORTE, 2009: 212)

intensificar em sua vida alguns anos depois.

Sobre os intensos anos de pós graduação (1953 a 1955) ela coloca:

Vim a dominar uma outra língua, conhecer professores que eram muito qualificados em suas áreas. Ouvir, falar, estudar coisas que eu realmente não tinha oportunidade de estudar nem na Bahia, nem em São Paulo. A gama de oportunidades era muito grande, conhecer museus, lugares, cinema, teatro. Foram dois anos muito intensos.
(CONSORTE, 2009: 210, grifos meus)

Em meados de 1955 Josildeth já tinha sido aprovada nos exames de qualificação para continuar trabalhando em direção ao PhD., feito todos os créditos exigidos e frequentado um curso de verão na Universidade de Chicago. Tinha um projeto em vistas para a sua tese e sua formação ia de vento em polpa; ela seria, ao que tudo indica, a segunda brasileira a obter o título de Doutor em Antropologia no exterior, sendo antecedida apenas por Eduardo Galvão, titulado em 1952, também pela Universidade de Columbia (CORRÊA, 1988). Seu projeto de tese partia de suas observações feitas no interior da Bahia durante as pesquisas de campo relativas ao Programa de Estudos Estado da Bahia/Universidade de Columbia, sobre a migração de homens para trabalhar na zona rural no sul do país (mais especificamente no norte do Paraná), região já ocupada por imigrantes europeus. “Eu queria ver o que era isso. Que Brasil era esse.” (CONSORTE, 2009:213).

Mas 1955 era também um ano de intensas mudanças no Brasil: Com a morte de Getúlio Vargas e eleição de Juscelino Kubistchek algumas situações políticas que asseguraram a ida de Josildeth para os Estados Unidos mudaram. “Eu me lembro do Thales me escrevendo: 'volte senão a senhora perde o emprego!'” (CONSORTE, 1994:28). Anísio Teixeira havia deixado a Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia e se encontrava no Rio de Janeiro, capital federal, dirigindo o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e fundando dentro dele o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Sua posição não garantia mais o comissionamento de Josildeth, sua situação de “colocada à disposição” do gabinete do secretário, nem seu afastamento dos quadros do professorado do estado. Com os

créditos do doutorado terminados, o risco de ser exonerada de seu cargo de professora (que garantia segurança financeira para a família) e planos de uma pesquisa de campo a ser realizada no Brasil, Josildeth voltou para o país.

Essa volta se torna um episódio que marca profundamente sua carreira, transformando os rumos então esperados para ela. Como conta em seu memorial:

[*Quando voltei*] eu tinha que descer no Rio, porque minha bolsa tinha sido da CAPES e eu tinha assinado um compromisso de quando voltasse desenvolver um trabalho para a CAPES... prestar serviços! (...) É claro que a primeira pessoa que eu tinha que ver, quando eu voltei, era o Dr. Anísio... Que me tinha muito apreço, eu... não tinha dúvida que ele ia topar [*que ela desenvolvesse o seu projeto de tese*]. E ele não só não topou, como... (rindo) me correu praticamente de lá (...) **ele disse que se eu estivesse interessada em trabalhar com educação, que ele me convidava para trabalhar no CBPE**, que era o órgão que estava sendo criado naquele momento, **mas que no meu projeto ele não tinha nenhum interesse, e ele estava muito decepcionado comigo porque eu estava mais voltada para a obtenção dos meus títulos... Claro!** (CONSORTE, 1994:29)

Em 1955 a Capes (então Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) tinha nome próprio: Anísio Teixeira. Fundada quatro anos antes dentro do ministério da cultura e sob a direção de Anísio desde 1952, era a única instituição de âmbito nacional que financiava estudos e pesquisas na área das Ciências Humanas⁴¹ (MICELI, 1995). Sobre esses primeiros anos lê-se no site da instituição⁴²: “**Autonomia, informalidade**, boas idéias e liderança institucional tornaram-se marcas dos primeiros anos da CAPES”. Eufemismos para caracterizar um órgão financiador de ciências em

⁴¹ Como coloca Miceli: “Ao longo dos anos 50 e 60, as Ciências Sociais não receberam nenhum auxílio do CNPq (...) cujas únicas prioridades de atendimento eram as Ciências ditas 'Exatas' (as Biológicas, de maior tradição no país, e as Ciências Físicas)” (1995:19)

⁴² <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>, consultado em 28/09/2011. Grifos meus.

processo de institucionalização, espaços de apoio a produção de conhecimento onde as práticas eram principalmente orientadas por uma lógica pessoalizada de subentendidos, distinta da formalização institucional e contratual que se seguiria nas próximas décadas no sistema acadêmico nacional.

Sobre sua experiência nesse sistema de entrelinhas, Josildeth coloca:

Ninguém me disse claramente que eu estava indo para fazer um doutorado. Eu estava indo porque era uma promessa e fizera por merecer, tinha mostrado que era bom que se investisse em mim. Assim, eu recebi inicialmente uma bolsa de seis meses, renovada por mais seis, por mais seis, por mais seis. (...) **Eu achava que tudo que eles tinham me mostrado até então sinalizava o meu doutoramento na Universidade de Columbia. Mas só eu achava isso, porque eles não achavam.** (...) Os de lá me diziam isso, e me incentivavam nessa direção. Lá estavam o Tony Leeds, o Marvin, o Wagley. **Todos que eu tinha ajudado tanto aqui.** Mas não deu certo. Voltei com os créditos de disciplina e os exames de língua, os exames finais. Mas o Dr. Anísio não estava interessado no meu projeto. Estava interessado em criar o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais [CBPE]. (CONSORTE, 2009:210-1. Grifos meus)

Até então sua formação tinha sido em grande parte “orquestrada” pelos seus mestres: Anísio Teixeira, Thales de Azevedo e Charles Wagley. Todos esses três investiram, respectivamente de maior a menor grau e de diferentes formas, de maneira pigmaleônica na sua formação em cientista. Doutor Thales foi seu professor e lhe apresentou a antropologia, a levou para sua primeira pesquisa de campo, chamou-a para assistir no programa Estado da Bahia/Universidade de Columbia, mediu sua ida para São Paulo e foi um amigo por toda vida, sempre apoiando suas novas empreitadas. Wagley foi como Thales, um professor, compartilhou com ela um universo intelectual e procurou intervir a seu favor quando seus projetos de doutorado se frustraram. Seus papéis de professores se restringiam à mestres intelectuais e apoiadores, uma vez que se encontravam em um sistema que dissociava

bolsas e financiamentos de suas alçadas, essas eram responsabilidades de uma figura que concentrava poderes e personificava instituições: Anísio Teixeira. Doutor Anísio investiu na formação de Josildeth como quem investe no “aperfeiçoamento de pessoal em nível superior”, seu interesse era formá-la cientista, mas, como era de se esperar, esse ideal de cientista conflitava com a realidade colocada. Se estabelece entre Josildeth e esses três homens uma relação de filiação, não exclusivamente de marcas teóricas, mas de caminhos para a sua carreira.

Eu não trago a **marca** de uma formação, assim... de fulano, de beltrano, de cicrano. Eu acho bom! Eu gosto! Hoje eu estou vivendo muito bem com isto, mas já sofri por causa disto... **Eu acho que eu preferia ter tido uma marca, ter me libertado da marca. Mas... não tive. Não tive mesmo! O que tornou tudo para mim mais árduo... (...) Agora, o fato de não pagar tributo a ninguém, especialmente, me colocou numa situação muito curiosa, quer dizer... me deu muita independência. E... me tirou alguns apoios... É o preço que você paga pela... pela independência.**
(CONSORTE, 1994:32-3, grifos meus)

Me parece que no momento de sua volta dos Estados Unidos, houve um impasse em termos de dádiva (MAUSS, 2003) entre ela e Dr. Anísio, um de seus mestres. Os subentendidos, que tinham encaminhado harmonicamente seus desenvolvimentos até então se rompiam bruscamente com o conflito das expectativas diferentes de cada um dos lados enquanto o que constituía o contra-dom adequado, e quem devia a quem⁴³. A relação de dádiva aqui estabelecida era uma relação de formação profissional e intelectual típica do processo educacional, e não apenas de reciprocidade de favores e serviços. Então porque aqui a linha se rompia? Não era a formação da aluna importante? Sobre isso, ela especula:

⁴³ A falha aqui talvez seja a daquela da verdadeira estrutura da dádiva, como Mauss classicamente formulou: “O caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira sócia, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico.” (MAUSS, 2003, p. 188)

Eu acho que na cabeça dele [*Anísio Teixeira*] eu fui porque era importante, mas ele não estava preocupado que eu voltasse titulada...(...) existem várias versões, **até de que ele não admitiria que uma mulher fizesse o doutorado** (ele tinha o mestrado por Columbia), alguma coisa assim.

Eduardo Galvão havia feito o doutorado poucos anos antes sem problemas... Há um recorte feminino aí que eu acho que atrapalha. O dr. Anísio era um homem cercado por homens. Os interlocutores dele eram todos homens... (...) As chefias do CBPE, as chefias secundárias digamos assim, estavam todas na mão de mulheres, mas as grandes chefias não. E essas grandes chefias é que eram os interlocutores do Anísio. **A interlocução das mulheres com ele era muito mais administrativa.** (entrevista 03 de maio, 2011. Grifos meus)

Esse lugar administrativo ocupado por mulheres em importantes órgãos de pesquisa social, como o INEP e o CBPE na década de 1950, muito me lembra do comentário de Miriam Grossi (2006) sobre a grande quantidade de alunas que frequentavam os cursos de Marcel Mauss em 1930 comparado com o exíguo número de antropólogas de destaque dessa geração, resultado de outros sutis mecanismos de segregação, como apontado por Londa Schiebinger (2001) na introdução, que se construíram juntamente com a formalização da disciplina, como a “direção de laboratórios de pesquisa do CNRS, direção de teses representação em organismos e instituições.” (p. 243). Aponta assim para um lugar subalterno que as mulheres ocupavam na produção de conhecimento nesse espaço e período.

Retomarei esse assunto no final do capítulo. Resta dizer que sem auxílio financeiro realizar a pesquisa planejada e levar a cabo o doutorado no exterior lhe era impossível. Josildeth volta para Salvador para pensar suas opções, e é nelas que ela provavelmente está pensando ainda durante a reunião da ABA, retratada nas fotos do começo do capítulo. Se tornar assistente do professor Thales de Azevedo na Universidade da Bahia era a primeira delas, que foi rapidamente descartada pelo próprio mestre ao felicitá-la pelo convite para trabalhar no CBPE. Voltar a trabalhar como professora primária, depois de passar os últimos cinco anos investindo em sua formação como antropóloga em grandes centros lhe parecia a pior das situações. Sendo assim, aceitou o convite de Dr. Anísio. “Eu vim para o Rio, mas como quem vem para o

calabouço.”⁴⁴(1994:30-1)

Uma nova fase: O centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

La filiation à un père imaginaire est nettement plus aisée que lorsqu'il s'agit d'un père réel. (MIJOLLA-MELLOR,1999, p. 75)

Diretor da CAPES e coordenador do INEP, em 1955 Anísio Teixeira canalizava suas forças para dar seguimento ao projeto (pessoal e político) de pensar e transformar a educação no Brasil – também de transformar o Brasil pela educação - criando, em convênio com o MEC e com a UNESCO (CORRÊA, 1988; ALMEIDA, 1989) o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE)⁴⁵, um órgão totalmente voltado à pesquisa e composto em grande parte por cientistas sociais, e especialmente antropólogos⁴⁶. Sobre esse centro ele comenta em carta ao amigo Péricles Madureira de Pinho: “o importante no INEP e no Centro seria o que chamaria de espírito universitário: um colégio de pessoas livres, imaginativas, abertas, estudando e documentando o problema brasileiro de educação.”(apud CORRÊA, 1988:19)

⁴⁴ Ela conta: “Ai o que que eu fiz, pedi licença sem vencimentos por dois anos do meu lugarzinho, não abri mão de vez, sei lá o que ia acontecer com a minha vida! Não tinha pai! Era arrimo de família! Né... O professor Wagley tentou tudo para o Anísio mudar de atitude em relação... “mas Anísio, você não tá entendendo, Josildeth é assim...”, e ele não cedeu!” (CONSORTE, entrevista 03 de maio, 2011). Ainda, a esse desconforto se somou o fato de que, ao aceitar o emprego, Josildeth pediu a Anísio o que ele havia feito para muito de seus colegas homens acima mencionados: que ele a transferisse da Bahia para o Rio de Janeiro como funcionária comissionada, de modo que ela não tivesse sua carreira como professora do estado interrompida. “Ai foi que ele me disse que cientista tinha que presar acima de tudo sua liberdade de ir e vir. Quer dizer, que eu tinha voltado com mentalidade de funcionária pública, e disse tudo isso assim, para mim. Desse jeito.” (idem).

⁴⁵ “Os recursos eram, basicamente, de três ordens – influência política, poder político e contatos internacionais – todos relacionados às histórias de vida da maioria dos construtores de instituições. Com efeito, foi comum a todos eles uma trajetória que se cumpria não apenas – nem principalmente – na academia, mas em agências governamentais ligadas ou não ao sistema educacional, e em cargos políticos de confiança ou de mandato eletivo. (...) Assim por exemplo, Anísio Teixeira usou o poder de que dispunha na direção do INEP para criar o CBPE, que nasceu com apoio entusiástico e grande envolvimento da UNESCO.” (ALMEIDA, 1989:207)

⁴⁶ Entre muitos outros: Bertram Hutchinson, Otto Klineberg, Charles Wagley (completando o corpo de pesquisadores estrangeiros enviado pela UNESCO), Costa Pinto, Josildeth Gomes (ainda não Consorte) e, mais tarde, Darcy Ribeiro.

A impressão de Josildeth, todavia, era bastante distinta em relação a este “espírito universitário”.

Se eu soubesse naquela ocasião trabalhar, tivesse um orientador... O fato de eu não estar na academia me deixou órfã, totalmente órfã de orientação. Eu era pesquisadora do CBPE (...) então eu estava ali... para produzir... resultados, e se possível orientar outras pessoas. Foi muita responsabilidade, muita, muita mesmo... Eu não tinha concluído a minha pós-graduação, mas eu era tomada... como se eu já tivesse uma formação completa (CONSORTE, 1994:36. Grifos meus)

Trabalhar com pesquisas aplicadas em órgão estatal trazia consigo um ranço negativo para um sistema de construção de conhecimento que se queria cada vez mais autônomo e acadêmico. Era, como Gilberto Freyre (1962) bem denominou em um artigo publicado no último número da Revista Educação e Sociedade⁴⁷, a transformação de *intelectual* para *intelectuário*, a mudança de um ideal de produção de ciência independente e universitário para um trabalho estatal, entendido como subserviente, hierárquico e burocrático. A produção feita em órgãos como o CBPE era, ao contrário do modelo que se construía concomitantemente em São Paulo, não dirigida à comunidade acadêmica e tampouco à grupos intelectuais, mas sim às elites políticas “esclarecidas” do país (ALMEIDA, 1989).

Esse olhar condescendente para pesquisas produzidas fora dos muros das universidades perde de vista a qualidade crítica e teórica desses trabalhos e o quanto essa produção diz respeito a uma fase importante, porém obscurecida, da construção da antropologia brasileira, principalmente em sua vertente carioca (CORRÊA, 1988; ALMEIDA, 1989). Exemplos essenciais disso são os artigos de Josildeth *A educação e os estudos de comunidade no Brasil* (1956) e *A criança favelada e a escola pública* (1959), ambos produzidos no seio do CBPE e publicados na Educação e Sociedade.

Primeiro artigo publicado de sua autoria, *A educação e os estudos de comunidade no Brasil*, é uma avaliação crítica sobre os

⁴⁷ A revista Educação e Ciências Sociais era o periódico quadrimestral publicado pelo CBPE de 1956 a 1962, no qual eram publicados os resultados das pesquisas lá realizadas.

estudos de comunidade realizados na Bahia alguns anos antes e sua eficácia em abordar temas como educação e escola, que haviam impulsionado a instalação do programa de estudos. Olhar criticamente para um passado tão recente e do qual ela tinha participado ativamente era um desconforto não apenas para Josildeth, mas para todos que tinham se envolvido tão apaixonadamente com esse projeto e se deparavam com resultados de pesquisa que pouco olhavam para a educação. Essa crítica era o caminho necessário para o começo do desenvolvimento das pesquisas do CBPE, e condizia igualmente com a crise que passavam os estudos de comunidade e a perspectiva culturalista nesse período. “Acho que no fim dos anos 1950 estávamos diante de outra realidade, da qual os estudos de comunidade não iriam dar conta. Por isso desapareceram” (CONSORTE e PEREIRA, 2010). Exemplo perfeito disso nas ciências sociais é a ascensão da perspectiva da chamada “escola sociológica paulista”, liderada por Florestan Fernandes⁴⁸.

Já *A criança favelada e a escola pública* (1959), artigo que Josildeth destaca em sua produção até hoje, foi fruto de uma pesquisa realizada no bairro Vila Isabel, no Rio de Janeiro, juntamente com o pesquisador da UNESCO Andrew Pearse⁴⁹ sobre a relação da escola pública primária com o seu bairro. Sobre essa época Josildeth relata a dificuldade de fazer antropologia fora da “zona de conforto da disciplina”, em trabalhar com uma alteridade mais sutil e próxima e sem uma bibliografia de apoio. Dificuldades inerentes à uma antropologia que ousa “sair do mato” e ir para o asfalto olhar para temas antes não estudados, um dilema adequado as transformações teóricas da segunda metade da década de 1950. Da pesquisa resultou a conclusão de que a escola é uma escola de classes, que atende de forma diferenciada crianças de diferentes origens (da favela ou do bairro). O que hoje nos parece óbvio em 1957 (quando a pesquisa foi realizada) era transformador e impressionante mesmo dentro do CBPE, e é inegável que muito do

⁴⁸ Me deterei mais sobre esse assunto em capítulos a seguir, mas para mais sobre isso ver: ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Florestan Fernandes e a Sociologia de São Paulo*. IN: _____ . *Metrópole e Cultura: São paulo no meio século XX*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

⁴⁹ Nessa pesquisa se repete a divisão por gênero do trabalho de campo. Josildeth conta: “Na divisão de trabalho, Pearse ficou com a comunidade e eu com a escola. Argumentou que seria muito mais fácil para ele do que para mim trabalhar com a comunidade, porque ele poderia ir para as biróscas, tomar cachaça. Eu entrava na favela com as crianças, visitava as famílias, sempre na qualidade de professora.” (CONSORTE, PEREIRA, 2010)

trabalho de Anísio Teixeira e do próprio Darcy Ribeiro como “estadistas da educação”⁵⁰ nos anos seguintes se alimentou dessas considerações. “Darcy passou a usar isto [*esta tese*] onde ele foi” (1994:67).

Conhecidos desde tempos da Escola de Sociologia e Política, Darcy e Josildeth intensificaram sua amizade durante os anos de CBPE (onde ele foi seu chefe como diretor da divisão de pesquisas sociais). Enquanto ela já trabalhava com o tema da educação ele seguia imbuído do ideal indigenista e estranhava o objeto de estudo da amiga. Sobre isso, Josildeth conta:

... A educação era um tema muito aversivo. Eu não quero esquecer disso. Cientistas sociais naquele momento não se interessavam por educação, não é? Eu me lembro que eu procurava na antropologia trabalhos sobre educação, e não encontrava! (...) Uma antropologia refletindo sobre o sistema educacional, isso você não tinha mesmo! **E tudo que dissesse respeito à sala de aula, ao sistema formal da educação, realmente era visto com desinteresse... ninguém queria!** (...) Darcy dizia: “então, minha filha, o que você está fazendo?” Eu dizia e ele falava: “Ah, larga isso para lá! Esse negócio de educação...”. (CONSORTE, 1994: 33-4, grifos meus)

Figura de destaque na antropologia já há alguns anos pelo seu trabalho como indigenista, Darcy Ribeiro congregava em torno de si na década de 1950 todo um grupo intelectual no Rio de Janeiro. “Darcy morava na Boca do Mato, na zona norte do Rio de Janeiro... E era assim, digamos, um lugar obrigatório. A gente ia muito à casa do Darcy. O pessoal novo e também Guerreiro Ramos, Costa Pinto, Eduardo Galvão...” (CONSORTE, 1994, p. 34). Josildeth retrata o Rio de Janeiro dessa época como um mundo muito pequeno, onde todos se conheciam, no qual sua convivência se restringia à um círculo formado por colegas, filósofos, pintores e arquitetos, bem diferente da famosa boêmia carioca de então, do cenário da bossa nova e do teatro, um “outro mundo” do qual, como já havia aprendido em Nova York, deveria guardar distância.

⁵⁰ Me aproprio aqui do muito adequado título do livro de Hermes Lima sobre seu amigo Anísio Teixeira - LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

Exogamia endogâmica

Mas em “um mundo pequeno” os “diferentes mundos” se comunicam; foi através de um amigo comum que Josildeth conheceu seu marido, o ator Renato Consorte, com quem viveu por 50 anos. Renato, paulistano de origem italiana, foi ator e produtor da histórica companhia cinematográfica Vera Cruz – da qual se tornou responsável pelo acervo muitos anos depois -, de importante carreira no cinema, na TV e principalmente no teatro, atuou com grandes companhias como o Teatro Brasileiro de Comédia e o Teatro dos Sete, além de ter se envolvido intensamente com o politizado Teatro de Arena nos anos 1960 e 1970. Em meados da década de 1950 transitava entre São Paulo e Rio de Janeiro, circulando na cena boêmia, composta diversamente por músicos, artistas e intelectuais (PACE, 2005).

O flerte de Josildeth com o mundo artístico era recíproco e de longa data. Convites para trabalhar com teatro e cinema existiram diversas vezes, convites que “arrepriavam” e sempre encontravam recusa por apontarem para um universo que fascinava e apavorava, apresentando possibilidades diferentes das que ela tinha encontrado na antropologia. “Eu tinha medo de mim mesma” (entrevista 07 de junho, 2011). Fazendo eco aos apelos de Wagley alguns anos antes nos Estados Unidos, seus colegas, amigos e mestres a preveniam sobre esse relacionamento. “ Dr. Thales disse para mim assim um dia 'olha esses casamentos, olha esses casamentos!' (...) 'Artista? Casar com artista?', quem tinha mais intimidade dizia 'está louca?’” (Entrevista 03 de Maio, 2011). Quando perguntei-lhe sobre a percepção do mundo artístico por parte de seus colegas de então, Josildeth explicou que era visto como detentor de valores e rotinas muito dispare das que eles viviam, diferenças que conflitariam com um ideal de formação de cientista⁵¹.

Talvez a foto abaixo possa melhor caracterizar o “perigo” que a comunidade artística/teatral parecia representar para aqueles que se queriam “cientistas sérios”. A vida noturna, os copos cheios de cerveja, o deboche, a informalidade de andar de bermudas e sem camisa eram incompatíveis com a autoimagem que “os cientistas sociais” buscavam estabelecer, de cientistas sérios e profissionais. 1950 era um momento

⁵¹ “Porque era assim, primeiro é um outro mundo, que você não conhece, (...). Num mundo que tem outra rotina, outros valores. “Você tem um projeto de ser cientista...”, ai parecia uma coisa meio estranha...” (CONSORTE, Entrevista 03 de Maio, 2011)

de institucionalização e profissionalização das ciências sociais no país, através dos órgãos e faculdades recém-criados procurava-se demarcar um território autônomo e científico que legitimava essa perspectiva em emergência, separando-a da tradição nacional ensaística e literária, tão irmã do mundo artístico, como retomaremos no capítulo 02 e 03. Se torna claro que o modelo de casamento ideal aqui, mesmo no campo carioca em que as ciências sociais desenvolvem-se especialmente distantes da academia, é o de total homogamia profissional. Nesse discurso, o casamento, talvez principalmente para a mulher, é a extensão de uma identidade idealizada e ao mesmo tempo frágil, facilmente poluível pela convivência em outros espaços. O casamento é parte importante na constituição ideal da profissional.

Como o livro “Intérpretes da Metrópole” de Heloísa Pontes (2010:30) aponta, até a década de 1960, ou seja até o início do declínio da importância social do teatro e de reestruturação definitiva do cenário acadêmico nacional, campos intelectuais e artísticos mantinham ligações muito mais estreitas do que as que vivenciamos hoje em dia, partilhando de uma importante similaridade de espaços e identidades. O teatro, de forma muito similar às Ciências Sociais, havia passado por intensas transformações nas décadas de 1940-1950 com a vinda de diretores e produtores estrangeiros para o país, fazendo do seu sistema mais “profissionalizado” com extensos horários de trabalho, longos ensaios, abolição dos pontos em palco, e uma agenda internacionalizada e dinâmica de espetáculos. Inspirada em Gilda de Mello e Souza a autora ainda aponta para uma similaridade essencial entre campos que escapava para os colegas de Josildeth: o teatro, em especial o teatro brasileiro das décadas de 1950 e 1960, é tal qual a antropologia, uma atividade intelectual de interpretação da realidade em transformação, atividade que em muitos casos antecipa as ciências sociais na acuidade de suas leituras (PRADO,2010).



Rio de Janeiro na década de 1950 – Renato Consorte (a frente) com amigos no Restaurante Jangadeiro. (retirado de PACE, 2005).

A desaprovação dos colegas, a má fama boêmia, e a própria “diferença de mundos” não foram suficientes para dissuadir Josildeth da união. Pelo contrário, frente à possibilidade de um novo estágio de formação no exterior (dessa vez na França, financiada pela UNESCO em parceria com o CBPE), ela escolheu o casamento. Beirando os 30 anos “Já estava achando que o quê queria mesmo era me casar, ter família, chegava de estar sozinha” (entrevista 03 de maio, 2011), assumir o papel da “profissional solteirona” não lhe interessava. Inserida profissionalmente em um campo que promovia poucas oportunidades para seu desenvolvimento intelectual uma aliança afetiva com o campo artístico apontava para caminhos mais instigantes, onde poderiam haver outras homogâmias, não profissionais, mas de interesses e discussões.

Parafraçando o companheiro ela relata:

Uma vez muito bravo ele falou comigo “eu sei porque você se casou comigo! Você se casou comigo para sair daquela chatice do seu ambiente!” [*muitos risos*]. “Aquele gente toda só discutindo questões, blá blá blá, não sei o quê, gente que não ri, que não se diverte. Eu sei porque você se casou comigo”. Ai eu fiquei pensando “será que foi por isso, será que tem a ver com isso?” [*risos*]. **É outra realidade, são outras pessoas... são outros olhares sobre o mundo, não é. Quer dizer, o nosso mundo é muito acadêmico, é muito voltado (...) para dentro. Porque você encontra entre eles [pessoas de fora da academia] pessoas com um cabedal inimaginável, sobretudo no ramo das artes.** (CONSORTE, Entrevista 03 de Maio, 2011. Grifos meus)

Revelador desse acolhimento emocional e intelectual pelo mundo artístico é a relação de compadrio formada pelo nascimento do primeiro filho, Renato Luís, com os colegas de Teatro dos Sete de Renato, Fernanda Montenegro e Fernando Torres⁵² e o carinho com que ela se refere aos amigos desse meio.

⁵² Sobre o nascimento de seu primeiro filho ele conta em sua biografia: “O momento marcante dessa ocasião foi que meu filho estava para nascer e antes de ir para o teatro, na maternidade, me avisaram que minha mulher teria de fazer uma cesariana. Sai dali abilolado, zozzo, e no Teatro Copacabana me encontrei com dois atores com quem eu dividia o camarim, um novato que chamavam de Dom José Cavaca (...) e o Benito Rodrigues. Comecei a me aprontar quieto, preocupado, e quando o Cavaca, arguto, me fez abrir o jogo, a notícia correu pelo elenco. O Fernando Torres foi então para a maternidade e quando voltou, me fez da coxia um sinal de que a criança tinha nascido. Em um dueto com a Fernanda Montenegro, alterei a letra da música para anunciar que era pai de um filho - a Fernanda Montenegro e o Fernando Torres são os padrinhos dele.” (PACE, 2005, p. 121-2)



Foto do casamento de 1959 (retirado de PACE, 2005)

Sobre o nome do marido, que adotou no lugar do seu “Silva Gomes” há mais de 50 anos atrás, ela conta hoje ser “mais seu nome do

que qualquer outro”, nome sob o qual alcançou a maturidade profissional e com o qual mais publicou, nome pelo qual se conhece há mais tempo em sua vida. Dessa longa união, da qual nasceram três filhos, Josildeth coloca a diferença de rotinas como o único complicador relevante da diferença profissional; mesmo com ela trabalhando durante o dia e ele durante a noite a divisão do trabalho doméstico e o cuidado com os filhos ficava mais sob seu encargo, apontando para uma divisão doméstica pouco problematizada, do tipo tradicional. Sua dupla jornada – de cuidado dos filhos e trabalho – era atenuada pela articulação de uma rede de apoio da família extensa feminina (a sua mãe viveu com eles por muitos anos, além de irmãs de Renato que moravam na vizinhança) e a presença constante ajudantes domésticas, também mulheres, como empregadas e pagens.

Com-Sorte: A volta para São Paulo e para a Universidade

As tensões que regem a Sorte são próprias da condição humana e foi lutando para resolvê-las que pudemos desentranhar, lentamente, a nossa identidade verdadeira. No início, a tarefa nos deixou em pânico, fez-nos retroceder, desistir, aliviar a culpa projetando-a no destino ou no próximo – mas, com o tempo, conseguimos dominar o medo e assumir a responsabilidade de nossa escolha, descobrindo o que havia de mais íntimo e autêntico em nós. (MELLO E SOUZA, 2004, p. 75)

No final da década de 1950 os esforços de grande parte dos profissionais do CBPE, principalmente de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, voltavam-se para o planejamento e construção da Universidade de Brasília. Procurando afastar-se da educação, Josildeth presta concurso para o extinto Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) para o cargo de Técnica em Imigração, no qual é aprovada em 1961. Dois anos depois, ao Rio de Janeiro de ensaios de uma peça produzida em São Paulo, o avião em que seu marido, Renato Consorte, viajava caiu logo após a decolagem. Ele sobreviveu gravemente ferido, permanecendo hospitalizado por mais de um ano e em recuperação por mais seis meses em São Paulo. Enquanto Josildeth se dividia entre as duas cidades, com o filho de três anos, o nascimento da segunda filha, a recuperação do marido e um novo emprego, ocorria o golpe militar de

1964 e a instituição da ditadura militar.

Em 1966, como funcionária do então INDA (que mais tarde se tornaria INCRA), Josildeth se estabelece com a família definitivamente em São Paulo. E com a nova cidade vem uma nova proposta: uma retomada do trabalho intelectual, para o qual não encontrava espaço no INDA, como professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo⁵³. Depois de onze anos amargurando o abandono do doutorado ela tem a chance de voltar ao espaço por excelência da produção e reflexão antropológica brasileira: a universidade (CORRÊA, 1995). E dessa vez com maior segurança em uma rede extensa de contatos imediatos construídos a partir de seu trabalho. Tendo se transferido para a delegacia de São Paulo do INDA Josildeth não abriu mão do seu vínculo estatal, já que novamente, de uma forma ou de outra, ela se encontrava em uma situação de “arrimo de família”, com o marido em recuperação sem poder atuar. Assim, é como professora hora-aula que ela declara sua volta para a antropologia, bem em tempos de reforma universitária, participando como uma especialista em educação de todos os debates e lutas relativos à implementação de um currículo básico e da reestruturação da universidade.

Em 1965, com o parecer 977 do Conselho Federal de Educação, dá-se a implantação formal da Pós-Graduação no Brasil. 10 anos depois de tentativa de Josildeth de doutoramento em Columbia, começam a instituir-se oficialmente cursos de mestrado e doutorado à moldes estadunidenses no país (SANTOS, 2003). Assim, foi harmonizando seus dois empregos (INCRA e PUC), que Josildeth finalmente defendeu seu doutorado em antropologia em 1973, sob orientação da amiga Carmen Sylva Junqueira de Barros Lima. A dissertação versava sobre as relações de trabalho rurais a partir de um curso de formação de trabalhadores em criação de bicho da seda, que ela acompanhava como funcionária do

⁵³ Sobre esse convite ela mapeia a seguinte rede: “A Carmen [Junqueira] que me convidou. Quem me apresentou à Carmem foi o Carlos Moreira, que eu tinha conhecido no Rio, num dos cursos do Darcy (...). Quando eu estava vindo para São Paulo, ele disse: “olha, a Carminha está precisando de gente na PUC; ela acabou de assumir as aulas do [Hiroshi] Saito, e eu sei que ela está precisando de gente. (...) Carmem que era amiga do Darcy, que era amiga do Carlos... então eu entro na antropologia via Carmem... apresentada por Carlos e... em última análise é o Darcy que está atrás de tudo isso, porque ele é... o elemento comum, não é? A essa altura também o [Fernando] Procópio era, porque o Procópio tinha sido professor da Carmem... já tínhamos estado nos Estados Unidos... então. Quando eu vim para São Paulo em 66, quando eu voltei, voltei já com alguns apoios.” (CONSORTE, 1994: 75)

então INCRA. Foi também já dentro da PUC, entre os anos de 1970 e 1980, que ela retomou com mais assiduidade sua participação nas reuniões da ABA e passou a participar frequentemente das reuniões da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), do CER (Centro de Estudos da Religião - PUC-SP) e do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos - USP). Não é a toa que ela afirma “eu acho que me tornei antropóloga na PUC!” (entrevista 03 de maio de 2011) já que foi essa instituição que permitiu não apenas seu doutoramento, mas principalmente que ela assumisse pela primeira vez desde seu período de formação a identidade de antropóloga como entendida tradicionalmente, dentro de quadros de um departamento universitário, independente de projetos e contingências do serviço público e tratando de “objetos propriamente antropológicos”.

Em 1978 Josildeth se aposenta do serviço público e passa a se dedicar exclusivamente à PUC. Daí para frente seus interesses e temas de pesquisa passam a ser determinados pela situação de ensino, traço comum da pesquisa universitária principalmente em universidades particulares, onde o tempo para pesquisa não é previsto no contrato. Assim ela passa a explorar a área da antropologia da religião através dos estudos de movimentos messiânicos (1983,1985). Segue-se o interesse pela saúde e pela prática médica a partir de aulas dadas para medicina e enfermagem (1983)⁵⁴. E é também pela atuação na PUC-SP que ela chega ao seu tema central de interesse até hoje: a questão negra.

O grupo negro da PUC começa a me solicitar para coordenar atividades deles... **Eu até o momento achava difícil... lidar com a questão do negro. Muito, muito mesmo. Pessoalmente, eu nunca tinha trabalhado na questão do negro, eu acho que tinha uma resistência muito grande... porque trabalhar com a questão do negro implicava em me colocar e... eu não tinham nem um pouco de clareza em relação ao assunto e talvez não quisesse ter mesmo... e então... eu acabei coordenando alguns eventos do grupo**

⁵⁴ CONSORTE, J. G. . À Espera do Salvador. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 12/3, p. 20-33, 1985.

_____. A Mentalidade Messiânica . Revista Ciências da Religião, São Paulo, v. I, p. 43-50, 1983.

_____. A Morte na Prática Médica. In: José de Souza Martins. (Org.). A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1983, v. 01, p. 38-57.

negro (CONSORTE, 1994: 84, grifos meus)

Significativamente, o primeiro curso que Josildeth leciona na PUC-SP sobre o assunto chama-se “A questão do negro, uma questão negada” em 1990, primeiro curso dado na instituição sobre o assunto, ao qual se seguiram muitos outros. Associada também à essas demandas discentes emerge seu interesse pela antropologia da religião, agora não mais focando no catolicismo popular mas nas religiões afro, no candomblé e em especial em um movimento de mães de santo baianas. É, claramente, uma volta para casa.

Minha família tinha um verdadeiro horror por candomblé, porque era uma família, assim, de mestiços... que recusavam [rindo] qualquer coisa haver com negro, com África, com coisa nenhuma! (...) Hoje quando eu me vejo lá [*no terreiro de mãe Stella*] – minha nossa Senhora, mas o que é isso? Eu voltei, mas não só voltei [rindo] como **voltei para aquilo que é mais... digamos... medularmente africano... que é o candomblé.** (1994:90)

Exemplo dessa relação de Josildeth com a identidade e religião afros, conflituosa familiarmente mas intrigante em sua perspectiva antropológica, é o episódio, relatado no começo do capítulo, da compra de um boneco de exu no mercado modelo em Salvador. A questão negra ganha ainda um maior tom de circularidade em sua trajetória quando lembramos que seus antigos mestres Thales de Azevedo e Charles Wagley já se debruçaram sobre esse tema, fortemente influenciados pelos trabalhos de Raymundo Nina Rodrigues e Arthur Ramos sobre o negro na Bahia (CORRÊA, 1995). E ainda que a sua entrada na antropologia dentro do programa Universidade de Columbia/Estado da Bahia se deu dentro do contexto do projeto de pesquisa da UNESCO sobre as relações raciais. É a continuação de uma linhagem. Ainda, essa volta à Bahia não se dá apenas pela trilha do candomblé. Desde 2009 ela participa de uma pesquisa intitulada “Educação e desenvolvimento nacional: Anísio Teixeira e o projeto Columbia”⁵⁵, no qual procuram reconstruir as relações que possibilitaram o desenvolvimento do

⁵⁵ Juntamente com José Claudinei Lombardi (Faculdade de Educação da UNICAMP) e Livia Diana Rocha Magalhães (Museu Pedagógico da UESB, Vitória da Conquista, BA)

programa e as relações entre comunidade e escola que o motivaram. Além disso, entre seus projetos futuros está a retomada dos dados da pesquisa feita sobre a escola de Vila Izabel na década de 1950 no seio do CBPE. É um pouco o lugar nessa linhagem antropológica, da qual Josildeth se sentiu excluída (desprovida de marca, como ela diz) que interessou-me recuperar aqui, completando as lacunas dessa história com um dos nomes femininos muitas vezes esquecidos.

Com esses tão simbólicos fechamentos de ciclo, me encaminho para a última parte do presente capítulo.

Comparações...

Em Janeiro de 2009 Renato Consorte falece em consequência de um câncer, tem 84 anos de idade e 50 de casamento com Josildeth.

... e depois quando eu perdi o Renato ficou muito mais difícil, muito mais difícil né, ainda estou me equilibrando. A única coisa que é âncora para mim mesmo (...) é o trabalho. **Para mim a antropologia é isso, ainda é. Faz sentido, eu gosto, me entusiasma, me empolga, eu faria tudo de novo...** (CONSORTE, entrevista 03 de maio, 2011. Grifos meus)

A paixão pela antropologia que começou nas aulas de Thales de Azevedo no curso de História e Geografia da Universidade da Bahia em 1949 segue até hoje como um âncora em sua vida. Sobre as origens dessa paixão, como sempre, só podemos especular: talvez seja o fato de ter crescido na Bahia, de todos os lugares, terra que já intrigou [tant@atropolog@s](#) – de Ruth Landes à Pierre Verger -, locus simbólico de uma certa brasilidade, de uma certa africanidade, que despertou esse encantamento com uma teoria sobre a alteridade. Crescer cercada de sincretismo, como ela diz ao se referir ao contexto religioso baiano, tem lá suas consequências. As aberturas e oportunidades que uma ciência em processo de constituição, para não dizer em estado de marginalidade em relação às ciências tradicionais (hard), propicia para aqueles que nela se interessam e para que ela se dedicam também não pode ser obliterada como um enorme atrativo. A “antropologia abria um horizonte que nós jamais tínhamos percebido” (entrevista 03 de maio, 2011) tanto

teoricamente quanto em termos de oportunidades profissionais. Mesmo assim, em um campo estruturado sob um ethos masculino, quando conjugadas no feminino essas oportunidades encontravam reveses, como mostra a trajetória relatada acima.

Talvez se olharmos para trajetória de outras antropólogas e intelectuais que se formaram entre a primeira e a segunda metade do século XX possamos melhor observar este sistema, de importante papel ao longo dessa dissertação.

Com os resgates feministas de trajetórias antropológicas de mulheres feitos nas décadas de 1980 e 1990, o exemplo de Zora Neale Hurston (1903 – 1960) se transformou em um caso clássico (MIKELL, 1989; HERNANDÉZ, 1995). Vinda do sul dos Estados Unidos, Hurston foi a primeira mulher negra a se formar pelo Bernard College (1928) e desenvolveu pesquisas sobre o folclore de origens africanas no sul da Flórida sob orientação e apoio de Franz Boas em Columbia para obtenção do título de PhD. Contudo, dada sua situação financeira, a continuação de seus estudos dependia diretamente de bolsas e financiamentos privados. Seu projeto de alcançar o doutorado foi frustrado quando a fundação que a apoiava carimbou como irrelevante, e portanto indigno de financiamento, sua proposta de estudar o *voodoo* no Haiti. Sem o título de antropóloga e com um interesse de longa data em diferentes áreas como o teatro, a literatura e o folclore, Zora se afastou do campo da antropologia mesmo sem nunca deixar de escrever e publicar sobre temas “tradicionalmente antropológicos”. Seus textos só passaram a ser olhados com interesse pelos estudos antropológicos e afroamericanos muitas décadas depois de sua morte, resgatados como uma forma de etnografia experimental (HERNANDEZ, 1995).

No Brasil, o caso de Gilda de Mello e Souza é igualmente paradigmático. Aluna das primeiras gerações da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, tendo aulas com Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Jean Mangué, se formou em filosofia em 1939 e deu seguimento a sua carreira acadêmica como auxiliar de ensino de Roger Bastide na extinta cadeira de Sociologia I em 1943, além de fundar e participar, juntamente com o marido (Antônio Candido de Mello e Souza) e de um grupo de amigos da faculdade, da importante Revista *Clima*. Sua tese de doutoramento de 1950, *A Moda no Século XIX*⁵⁶,

⁵⁶ Um ensaio de sociologia estética da moda como uma forma sutil de expressão de

foi, em tempos de sua defesa, percebido por seus colegas homens como abordando um tema fútil, menor e pouco científico. Entre seus maiores críticos estava Florestan Fernandes, rosto da nova sociologia cientificista que se instalava e figura que viria a substituí-la na sucessão ao mestre Bastide na regência da cadeira de sociologia I em 1953, cadeira na qual ela trabalhava como assistente há 10 anos (SPIRANDELLI, 2008). No ano seguinte ela transfere-se para a Filosofia, na área da estética, onde permanece até sua aposentadoria em 1973.

Apesar da carreira exemplar e das enormes conquistas Gilda define sua trajetória como marcada pela insegurança e pela frustração “inalienável ao destino feminino”, expressão condensada da situação vivida pelas mulheres de sua geração (PONTES, 2010). Como ela coloca sobre suas contemporâneas:

[*Aquelas*] que se aventuraram na vida profissional, com maior ou menor sucesso, talvez se possam dividir em dois grandes grupos. No primeiro, que arrebanhou as de temperamento sensível – e por isso extremamente vulneráveis – **o medo foi introjetado, prosseguindo na tocaia, o seu efeito paralisador. Embora tenham conseguido obter excelentes resultados no exercício do magistério, foram perseguidas, vida afora, pelo escrúpulo excessivo para dar forma definitiva aos trabalhos, publicar as pesquisas elaboradas com escrúpulo, enfrentar as provas obrigatórias da rotina acadêmica.** (MELLO E SOUZA, 2004:73-4, grifos meus)

Essa insegurança, como Gilda de Mello e Souza maravilhosamente coloca, não era exclusiva à aquelas de personalidades propensas, mas fruto de uma ruptura pela qual mulheres intelectuais passavam diariamente ao descobrirem por si próprias os caminhos, brechas e códigos de um mundo que até pouco tempo lhes era interdito. O tema do medo e da insegurança não é estranho à bibliografia de estudos de gênero e ciência, como Londa Schienbinger (2001) demonstra ao citar diversos sinais de desconforto de mulheres em situação de competição e debate acadêmico, como a linguagem corporal,

sentimentos pessoais permitido à mulheres burguesas (PONTES, 2010).

a velocidade da fala ou o número de intervenções feitas em um diálogo.

Tal sensação, especulo, era exacerbada pela *areia movediça* que caracterizava a academia e antropologia até meados de 1960, tempo do penoso processo de construção institucional e de formação dos padrões da carreira universitária (ARRUDA, 2001, p.216). Assim, em uma situação de imprevisibilidade e informalidade institucional, onde os contatos e vontades pessoais preexistiam aos acordos contratuais, formais e impessoais do sistema universitário como o conhecemos, a inserção pioneira feminina encontrava mais obstáculos do que sua própria condição impunha. Como parte dessa geração de 1950, presa entre um modelo catedrático de socialização universitária e uma nova universidade apoiada por instituições financiadoras estabelecidas e com o foco no campo de discussão nacional, Josildeth encontrou reveses em sua carreira. Mesmo assim, como foi o caso de Gilda de Mello e Souza e de outras trajetórias que veremos nos capítulos seguintes, sua independência e persistência permitiram que ela construísse nesse novo sistema seu lugar como antropóloga.

CAPÍTULO 02

Em tão boa companhia: Professora Jerusa de Carvalho Pires Ferreira

Entrando um pouco no pessoal, e até como mulher e com todas as interdições que uma mulher de minha geração esteve sujeita, estimo que eu valho mais do que dez homens, porque tive que quebrar barreiras. Tive e ainda tenho até hoje.
(depoimento de Jerusa, apud. AMARANTE, 2002:05)

Ainda em fevereiro de 2011 recebi a indicação de um casal formado por um professor de russo, já aposentado, e uma professora da área de letras, que seriam “informantes perfeitos” para uma pesquisa sobre casais de intelectuais. Eram Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira.

Formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia, mestre em História Social pela mesma instituição, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Pós-doutora pela a Universidade de Erlangen Nürnberg (Alemanha), e Livre docente em Ciências da Comunicação também pela USP, Jerusa de Carvalho Pires Ferreira é uma intelectual plural, que não se encaixa facilmente no esquadrinhamento disciplinar comum no cenário das ciências humanas contemporâneas, transitando entre a antropologia, a literatura e a semiótica. Enquanto professora da Escola de Comunicação e Artes (USP), onde começou a trabalhar na década de 1980, desenvolveu o projeto “Editando o Editor” que explorava a memória editorial nacional e fundou recentemente (2009) o Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE). Mais tarde, como professora da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo, onde começou a trabalhar em 1993, formou o Centro de Estudos da Oralidade (CEO). Ambos os centros (NELE e CEO) ao quais se dedica à coordenação atualmente. Tradutora prolífera é responsável pela divulgação da obra do medievalista suíço Paul Zumthor no Brasil, tendo traduzido seis livros seus⁵⁷ (em parceria com colegas e orientandos) e inúmeros artigos. Entre seus mestres mais recentes está também o francês Henri Meschonnic, a

⁵⁷ ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2007. ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000. ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo, Hucitec, 1997. ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997. ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

quem se dedicou recentemente a traduzir parte da obra para o português. Sobre sua vasta produção, volumosa e influente o suficiente para render-lhe um dossiê especial organizado pela revista eletrônica *Intermédias* em 2008⁵⁸, Jerusa me falou em entrevista.

Porque eu não tenho hora vaga, eu não tenho ideia de que vida é tomar férias, sair, não sei o quê. Não, vida é levar as coisas juntas para continuar pensando, estudando, fazendo... (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011. Grifos meus)

Seus trabalhos, sempre girando em torno do eixo da cultura popular, versam sobre temas tão diversos quanto literatura de cordel⁵⁹, literatura medieval⁶⁰, semiótica russa⁶¹ e memória⁶². Foi no encerramento do Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca, evento que reuniu centenas de pessoas na USP, onde Jerusa fez a fala final do evento (intitulada “A Cavalaria em Cordel”) para um auditório lotado, quando pude de fato visualizar o lugar de destaque que ela ocupa nesse campo.

Alguns dias depois, ao entrar no elevador do prédio em Higienópolis, conheci também um senhor simpático, de olhos azuis intensos, chinelo com meias e idade avançada. Era Boris Schnaiderman, o tradutor daquele *O Jogador de Dostoievski* que li há muitos anos atrás. A casa em que vivem forma-se por apartamentos confortáveis em um mesmo prédio, um utilizado como escritório onde ficam grande parte dos livros de Bóris, outro como casa, onde ficam a maior parte dos objetos de arte e decoração adquiridos Jerusa e ele ao longo da vida. Este é o apartamento lar, onde ouvem música, aconchegam-se e

⁵⁸ Dossiê que foi fonte importantíssima para o desenvolvimento dessa pesquisa. Dossiê *Intermédias* Jerusa Pires Ferreira. Vol. 08, ano 04, 2008. Disponível em: <http://www.intermedias.com/jerusa/> (acessado em 29 de novembro, 2011).

⁵⁹ FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1993.

⁶⁰ _____. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Prêmio Jabuti).

⁶¹ _____. *Clío en la Encrucijada*, de Iuri Lott. *Entretextos*, Granada/Espanha, n. 6, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~mcaceres/Entretextos/entre6/clio.htm>>.

⁶² _____. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

dormem, enquanto o do piso superior dedica-se aos estudos, aos livros, a receber colegas e alunos. Jerusa ainda possui um outro apartamento, algumas ruas abaixo, onde moravam antes e onde ainda se encontram muitos de seus livros. Atualmente, com o adoecimento de Boris, a divisão de funções dos apartamentos foi um pouco alterada: Boris com seus seis enfermeiros que se revezam 24 horas por dia e com as dificuldades da doença fica mais no apartamento-escritório do andar superior, Jerusa passa a maior parte do tempo lá com ele, descendo para o outro apartamento apenas para trabalhar ou quando está muito cansada. Nesse cenário, com vista para a copa das árvores do Parque Buenos Aires, e para as centenas de janelas dos edifícios vizinhos, conversei por horas com Jerusa: a saúde frágil de Boris impediria sua maior participação no projeto, apesar da disposição e simpatia a mim adereçadas. Ambos partilhavam do meu encantamento com o livro de André Gorz (Carta a D., 2009) e, apesar da dificuldade da tarefa, Jerusa estava disposta a fazer esse “mergulho na memória” comigo, recriando sua história de vida e sua parceria com Boris. Meses se passaram antes que pudéssemos novamente nos encontrar, quando suas funções como cuidadora do companheiro convalescente estavam menos intensas

O sertão e o mar: Infância e juventude

*Lá dentro no fundo do sertão
 Tem uma estrada
 de areia de ouro
 E contam que em noites
 De lua pela estrada encantada
 Uma linda sinhazinha
 Vestida de princesa
 Perdida sozinha vagueia
 Pelas areias
 Guardando o ouro
 De seu pai, seu senhor
 Aquele fidalgo
 que o tempo levou
 Pras bandas do mar de pó
 E hoje que tudo passou
 A linda sinhazinha*

*Encantada ficou
Lá dentro no fundo do sertão
Na estrada
das areias de ouro*

(Trecho da música “Na estrada das areias de ouro”, de Elomar Figueira de Melo)

Nascida em fevereiro de 1938 na cidade de Feira de Santana, no sertão baiano, Jerusa Castro Lima de Carvalho (seu nome de batismo) é filha mais velha de uma união de dois diferentes mundos da elite baiana: o pai, Celso, farmacêutico de formação e herança, exercia o ofício na farmácia que dividia com o avô de Jerusa, “um homem requintadíssimo, músico, maestro”. Flautista e amante da literatura clássica (Eça de Queiroz e Flaubert) seu pai era também um homem ligado ao mundo popular, “que punha galo para brigar, todas essas coisas” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro 2011). Já a mãe, Cesarina, representa-lhe a cidade de Salvador, a capital e sua severidade. Mulher inteligente de família de médicos e intelectuais mas, como mulher de sua posição, presa aos papéis femininos da casa, do cuidado, do “parecer”. Sobre a identificação maior com o universo masculino do pai do que com o mundo feminino, Jerusa conta:

Eu não suportava o mundo das mulheres, achava o mundo das mulheres muito chato, eu não queria ir para a igreja, para a missa, **eu preferia seguir meu pai** que era agnóstico, gostava de literatura, de conversar com homens mais do que estar bordando e tecendo intrigas...(FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008:06, grifos meus)

O mundo do masculino do sertão baiano na década de 1940 lhe parecia repleto de liberdade e independência, um mundo sedutor em suas possibilidades⁶³. Como coloca Norma Freire, sua biógrafa, esse mundo lhe chegava pela voz do pai, que convivia com cantadores e

⁶³ Relação que lembra os relatos de Simone de Beauvoir (1959) em seu livro de memórias da infância sobre a admiração do mundo do pai, sua ligação com a literatura e aceitação ambígua do pai “Papai dizia de com grado: 'Simone é um homem'. No entanto, tratavam-me como menina.” (p.113). Para uma rápida e interessante análise dessa relação, a partir de uma perspectiva psicanalítica, ver LEMOS, Cláudia. De como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir. In: *cadernos pagu* (12) 1999: pp.69-78

narrava suas histórias. “Um mundo em que os ditos, casos, cantigas celebram evocações distantes e se entrelaçam a outros sons, cores e ritmos” (2008:07), “um mundo semi-feudal, cheio de vozes, de injustiças, cheio de desesperos, de desigualdades sociais, mas ao mesmo tempo cheio de pactos, de forças, de universos a descobrir” (2008:09). Assim, parece-me que a terra natal de Jerusa é o mundo do pai, o mundo do sertão. É com ele que ela divide sua identidade “nuclear”, fonte de interesses que guiaram sua narrativa por toda a vida, como veremos mais a frente.

Esse mundo de Feira de Santana foi o mundo que ficou comigo, me evadiu fortemente, perpetuou-se pela vida afora. E talvez seja aquilo que eu considero minha *identidade nuclear*. Aquela célula inicial de tudo foi essa vida, esse convívio com o mundo do sertão. (...) então o meu pai era essa mistura dessa coisa popular com um conhecimento de outro tipo. Meu pai era um personagem extraordinário, ligadíssimo à minha vida, **e eu fiquei trazendo em mim esse mundo do sertão.** (FERREIRA, entrevista 24 de outubro 2011, grifos meus)

Em 1944 a família deixa Feira de Santana e vai para “a Bahia”, morar em Salvador, perto do mar e junto a parentela materna, onde o pai se torna funcionário do Banco do Brasil - “o que lhe garantiu um padrão de vida muito bom naquele tempo” (2011). É na capital então, mais especificamente no bairro do Canela, que Jerusa cresce, estuda e desenvolve seus interesses artísticos e literários, sempre com o “sertão mítico” no fundo de sua memória e ações, elo umbilical, patrilíneo e constitutivo do *self* mais interior (HALL, 2006).

A adaptação a esse “outro mundo” marítimo não é tão imediata; sofre com a disciplina do colégio de freiras Sacramentinas⁶⁴, com a

⁶⁴ Muitos anos depois, falando sobre suas primeiras impressões da Índia lembra-se “A lista dos hotéis estava amassada, meio rasgada, como deveres amarfanhados de menino sujinho de escola primária. E me lembrei então que fui sempre um pouco assim. Que eu nunca consegui ter nada arrumado e que também amassava as pontas, violava as exatas dobraduras de qualquer coisa, jogava fora e perdia e depois recuperava amassados papéis que me serviam. Lembrei do colégio das freiras Sacramentinas, rigorosas naquele tempo, em seus projetos de ordem e conseqüente punição. Eu sujava tudo, derramava os tinteiros sobre a mesa (naquele tempo eles eram de vidro, apoiados em espaços cavados na madeira das carteiras). Eu emporcalhava tudo em que tocava, ficava de castigo nos intervalos e,

primeira comunhão e volta todos os anos para Feira de Santana passar férias na fazenda do tio, onde sente-se em casa. Todavia, o interesse por literatura e música por parte do pai e a erudição de seus tios maternos reverbera com a formação de “moça culta e bem comportada de família tradicional” que lhe é dada: estuda inglês na Casa Brasil-Estados Unidos e francês na Casa da França (Aliança Francesa), tem aulas de piano clássico desde os seis anos de idade. Cresce então dentro de muros de “alta cultura”, de erudição clássica e burguesa. A outra Bahia, a Bahia negra do candomblé, é um universo à margem, vedado à mulheres de sua posição social (FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008). Mas o sertão continua se fazendo presente, seja na figura do pai, seja no seu hábito de tocar forró na sanfona com uma colega do Instituto Feminino da Bahia, colégio católico, feminino, privado e de pisos de mármore.

Na adolescência a educação erudita que lhe é dada começa a frutificar em interesses pessoais para além dos esperados: lê Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Stendhal, começa a estudar alemão por iniciativa própria, a discutir filosofia com amigos, a dar aulas de inglês para colegas de camadas populares e na casa Brasil - Estados Unidos. Começa a balançar os muros que a cercam: “Foi uma luta entrar para fazer o 'clássico' em ensino público, no Colégio Estadual da Bahia.” (FERREIRA, 1988, p. III), colégio que tinha grandes mestres e todo um fervilhar de discussões e de vida intelectual e política além de proporcionar uma vivência social muito mais múltipla do que os colégios católicos particulares a que estava acostumada⁶⁵.

Assim, ainda jovem Jerusa vive a Salvador do final dos anos 50, que prepara terreno para o tropicalismo e a contestação cultural, horas logrando aproximação, horas se afastando (ou sendo afastada) desses círculos de reflexão. Aos 17 anos ela é aprovada no vestibular para o curso de Letras Vernáculas na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, espaço elitizado e com corpo discente majoritariamente feminino, como remonta Elizete Passos (1999) em seu livro sobre as primeiras décadas da Faculdade de Filosofia da UFBA. Lá

depois, fazia xixi nas meias e voltava para casa, como diria o poeta Manuel Bandeira (o poeta brasileiro de mais poderosas artes de evocação), toda mijadinha. Minha mãe me tirou da escola.” (FERREIRA, 2006: 13)

⁶⁵ “Eram meus contemporâneos Fernando da Rocha Peres, Glauber Rocha, Muniz Bandeira, entre tantos. Também Lourival o guarda noturno, Haydée a menina pobre, José Jorge o rapaz do Bairro do massaranduba, vizinho aos Alagados.” (FERREIRA, 1988: III)

ela entra em contato com a linguística pela primeira vez. A escolha do curso é clara vista a educação de moça de elite que havia recebido, com aulas de inglês e francês desde infância, e o amor que nutria pela literatura, inspirada pelo pai e pelos tios. “Sobre o encantamento da leitura, ela coloca: “Porque livro tem o seguinte com a gente: ou te marca ou não marca. Se marca você tem que largar tudo, mergulhar naquilo e não querer mais nada! **É um destino, não é?!**” (FERREIRA, entrevista 24 outubro, 2011. Grifos meus).

Com a entrada na universidade segue-se o rápido namoro, noivado e casamento com um jovem engenheiro. “Há todo um consenso que diz que não é bom que uma mulher fique estudando” (2008:14). nessa nota, ela deixa a universidade para dedicar-se exclusivamente à casa e à nova família. Mais de 20 anos depois ela conta sobre esse período em seu memorial para livre docência:

O fato é que eu, mulher baiana, de família e casamento tradicional, para quem estudar foi sempre um impulso vital e uma ousadia teria de pagar um alto preço. **Proibições, interdições e a imposição precoce dos deveres do lar, maternidade etc.** Não quero aqui rejeitar experiências, que fazem parte da minha vida e que me deram grandes alegrias, quero apenas aproveitar para colocar aquilo que deve ser o **impasse de muitas mulheres.** Em verdade, estive proibida de estudar ou frequentar a Universidade, coisa que exigiu de mim uma auto - determinação, em esperar, uma resistência sem limites. E tudo isto é muito complexo, porque há categorias e modos de pensar, que vão penetrando no nosso próprio modo de viver e de agir. Não tive mocidade, o tumulto buliçoso do jovem universitário, a luta política, a riqueza das experiências. **Se nos querem lassos e submissos, ficamos lassos, introjetamos medos, adotamos limites, depois, em alguns pontos, intransponíveis.** (FERREIRA, 1988: II, *grifos da autora*)

A complexidade de tal impasse, como ela bem sublinha, não foi exclusividade sua, mas marca da condição de gênero das mulheres de sua classe e época. Como ela coloca: “... carreguei comigo a subalternidade da profissão-mulher numa sociedade patriarcal e protetoral” (1988: IV). As possibilidades apresentadas por uma grande

cidade efervescente e a inserção em um universo de fácil acesso à erudição conflitavam com expectativas de gênero, que não deixavam de ser partilhadas por ela mesma. A profissionalização para que a universidade encaminhava era melhor se deixada para moças que precisavam preocupar-se com seu sustento, Jerusa tinha o “privilégio” de ser “poupada” de tal preocupação, mas ao ser poupada era também impedida de desenvolver seus interesses intelectuais profundamente, relegando-os à um segundo plano, ao lugar de passatempo, sempre sujeitos ao papel principal de Esposa e Mãe.

Além disso, na década de 1950, como vimos no capítulo anterior, a carreira acadêmica engatinhava em sua institucionalização no Brasil, assim ao passo que os estudos universitários abriam uma miríade de horizontes teóricos e intelectuais ainda apresentavam perspectivas muito difusas e incertas em relação as possibilidades de continuidade nesse espaço. Em outro momento Jerusa afirma: “Eu me casei tendo a certeza de que não era aquilo que eu queria.” (FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008). Tal decisão não deve ser compreendida simplesmente como imposta, mas como fruto da internalização de papéis, destinos e desejos de gênero somada à incerteza, deslocamento e ruptura que arriscar-se por outros caminhos acarretaria. Como Gilda Mello e Souza (2004) bem evidencia em seu depoimento citado anteriormente, a sensação de insegurança e dúvida era inerente à mulheres que se encontravam nesse cruzamento de suas condições de gênero e classe (condição de “moça de família tradicional”) com seus impulsos intelectuais pessoais, “destinos” irreconciliáveis que se por um lado apresentavam uma opção insatisfatória, por outro apontavam poucas possibilidades de desenvolvimento e, principalmente, de reconhecimento. Sobre suas colegas da Faculdade de Filosofia da USP de final da década de 1930, Gilda coloca:

Ser frágil, tímido, inseguro, dividido entre a revolta e o medo, o desejo de afirmação e a dolorosa consciência do empecilho. **Era como se nos sentíssemos disputadas por dois discursos contraditórios mas coexistentes:** um lúcido, voluntarioso, libertário, empenhado em romper com a sujeição milenar; outro secreto, subterrâneo, culpabilizador, que nos paralisava e devolvia ao surrado estereótipo feminino. (SOUZA, 2004, p. 70, grifos meus)

Esse impasse foi resolvido por Jerusa – como o deve ter sido para muitas outras moças – retirando-a da faculdade, desse espaço que trazia apenas “conflito e confusão”. Em casa ela não demora muito para ter o primeiro filho, e logo depois o segundo, se tornando mãe e esposa em tempo integral. Toda a ideologia patriarcal que molda esse sistema pode ser bem exemplificada na frase de um primo dela: “mulher é como peru: a gente faz um círculo e elas ficam andando ali dentro” (FERREIRA, SCHNAIDERMAN entrevista 24 outubro, 2011). Enquanto isso, final da década de 1950 e começo de 1960, a UFBA borbulha culturalmente com a instalação dos Seminários de Música, o começo da escola de dança e com grandes professores trazidos para o teatro, como retomaremos no capítulo quatro. “... e eu de fora, reclusa e aturdida, não por culpa única de alguém mas de todos, assistindo de longe, com amargura e inveja.” (1988, p. iv).

Vivi em Salvador, na geração de Gil e Caetano sem conhecê-los, **passei os meus vinte anos na mais completa solidão e falta de convívio intelectual, mãe de família, já me sentindo envelhecida. Não tive geração, participação, juventude. Só tive angústia e desentendimento, mínimos contatos, cerceamento no pensar e no agir.** (FERREIRA, 1988: II, grifos meus)

Entre a criação dos filhos, cuidado da casa e viagens pelo exterior como “mulher de engenheiro” Jerusa segue investindo solitariamente em sua formação, lendo tudo que lhe caia nas mãos e frequentando os poucos espaços que lhe são permitidos desde a juventude, como a biblioteca da Casa da França, próxima a casa de sua mãe, e da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, onde segue dando aulas com a permissão do marido. Com outras “mães baianas” partilha “raramente, e as vezes mais intensamente” suas inclinações e inquietações intelectuais.

De companheiros dialogantes só a poeta Miriam Fraga, a contista Sonia Coutinho, a colega Maria del Rosário Suarez Alban, mães baianas como eu. Era no Iate Clube, no Jardim Zoológico, que falávamos de arte, literatura, vida. **Havia naquele tempo - espaço um ritual permitido para jovens**

senhoras: vestir-se e ir “passar” a tarde com uma amiga.
(FERREIRA, 1988, p. II-III, grifos meus)

Essa rotina é indício de uma situação que ao mesmo tempo que é privilégio – de classe – é também opressão e cerceamento – de gênero, condição dessas “mães baianas” com quem convive cotidianamente e dentre as quais consegue encontrar esporadicamente algumas companheiras dissidentes. Sua geração, portanto, é outra, uma vez que geração não resume-se ao tempo partilhado por um grupo social, mas um tempo que é comum apenas para aqueles que compartilham relações semelhantes (TRIGO, 1997). Capitais de classe, raça e gênero constroem a experiência geracional em uma mesma época de diferentes maneiras. A geração em caso, dessa forma, não é a do tropicalismo e da política estudantil, mas a das “mães baianas” que, também interpeladas pelos discursos de profissionalização e liberação da mulher que começavam a se manifestar sob diferentes formatos na sociedade, vivem esse período e suas transgressões de forma particular. É nesse movimento alternado entre privilégio e cerceamento que essa geração de mulheres acaba por conseguir, com astúcia e estratégia, a possibilidade de certos voos, sem romper drasticamente com a família ou com o status.

Na medida do possível...

Exemplo dessas rotas de fuga sutis é a primeira ida de Jerusa a Portugal, em 1962. Ela relata:

o meu marido (...) era um técnico, um engenheiro. O quê que eu fiz? **Eu arranjei uma bolsa para ele em Lisboa.** (...) ... já que eu não podia, eu tinha que ir junto né, eu lutei para que ele fosse com uma bolsa para Portugal (...) Para trabalhar, para fazer uma pesquisa. Eu estava por trás de tudo, **eu era a alma que incentiva.** E nós ficamos um ano, ele foi trabalhar no Laboratório Nacional de Engenharia Civil em Lisboa. (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011, grifos meus)

A alma que incentiva, aquela que proporciona o ambiente

para a criação, que se encarrega da logística, da organização do lar e do espaço de trabalho, e que ao mesmo tempo, por esse caminho indireto, tem a possibilidade de acessar instituições e círculos sociais (CHADWICK e COURTIVRON, 1996) onde pode, discreta e crescentemente, se dedicar a seus projetos pessoais. Usando os termos apresentados na introdução, é o caminho de uma *necessary other* para tornar-se uma *significant other*.

Assim, como acompanhante do marido e com dois filhos pequenos, Jerusa aterriza em Portugal – nos primeiros anos da década de 1960, tempos de estremecimento do Salazarismo. Lá ela ensaia seu reingresso na universidade frequentando cursos como aluna especial na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. “Me apresentei [*aos professores*] e disse “olha, não sou ninguém, não faço nada, mas eu gosto muito de literatura, de artes (...)”, e eles me permitiram assistir [*as aulas*] regularmente” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011). Literatura Espanhola e Portuguesa Medieval e Filosofia Romântica foram seus temas de interesse por esse ano de estudos guiado pelos professores Luis Felipe Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho e Lourdes Belchior Pontes, aos quais se filia até hoje ao afirmar que sua formação é ibérica e clássica.

De volta a Salvador Jerusa passa a escrever sobre literatura portuguesa contemporânea e seus textos são publicados no suplemento literário do Jornal da Bahia, no qual tinha contatos graças sua inserção em círculos sociais da elite baiana⁶⁶. Esses textos lhe rendem um convite para dar aulas na Faculdade de Letras da UFBA, “como ensinar se eu não tenho graduação?” (2011) ela respondeu. Após muita insistência conseguiu a permissão do marido e da família de voltar a estudar, retomando seus estudos de onde os havia deixado oito anos antes. Mesmo assim sua experiência universitária era limitada pela sua condição de mãe de família, moça bem comportada⁶⁷ de elite, as

⁶⁶ Ao perguntar-lhe como conseguiu que seus textos fossem publicados Jerusa respondeu-me de forma a indicar essa facilidade dada pelo inserção em determinado círculo social “Acontece que... a gente termina tendo uma inserção no ambiente que a gente vive... além disso, eu tinha condição econômica muito boa, porque o meu marido era um indivíduo vindo de família abastada, sempre morei em bons espaços...” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011)

⁶⁷ Venho usando ao longo desse capítulo da expressão “moça bem comportada”, referência inescapável à tradução para o português do livro de Simone de Beauvoir (1959) *Mémoires*

liberdades de participar das movimentações políticas estudantis em pleno ano de 1964 são veementemente vetadas. “Atividade política, nem pensar em pensar; só por questionar era punida como comunista” (FERREIRA, 1988, p. IV). A possibilidade de ser aluna e monitora do curso de letras era, como ela conta, uma conquista cotidiana e que não reduzia seu isolamento e a sensação de afastamento da convivência universitária, daquela que entendia como a sua geração. Termina seu bacharelado em 1966, já com três filhos crescidos, apresentando a monografia sobre a novela de cavalaria “Paisagem Fictícia e Verdadeira no Palmerim de Inglaterra” que se desenvolveria alguns anos depois na tese que apresentaria para efetivação como professora do departamento.

Concursada Jerusa começa a dar aulas na universidade onde tem a oportunidade de tornar seus estudos mais sistemáticos e cotidianos, dedicando-se a preparação de cursos e ao ensino. Sobre sua atuação como professora relata uma ex aluna, hoje colega, Edilene Matos.

De blusa verde-erva doce, mangas curtas, raglãs e arregaçadas, com ampla saia de variada estamparia de cores puxadas para semi-tons solares, e cabelos cortados de modo a permitir certos movimentos líricos, uma jovem professora de literatura portuguesa me despertou atenção: cantarolava subindo as solenes escadas. Tinha uma voz afinada: “navegar é preciso, viver não é preciso”, e, assim, cantarolando, entrou na sala 12 do 1º andar. Meu nome é Jerusa, Jerusa Pires Ferreira e eu vou dar aulas de Literatura Portuguesa. (2008:

d'une jeune fille bien rangée, literalmente, memórias de uma moça obediente, correta, bem comportada. No livro, a “mãe do feminismo moderno” narra detalhadamente, à moda existencialista, sua infância, a relação com os pais, a irmã, a religião, a escola, e os questionamentos à essas instituições que a encaminham ao estudo da filosofia. Os últimos capítulos do livro relatam sua ruptura com esse padrão de bom comportamento, com a obediência às regras dos pais, da religião, da burguesia e do gênero. Constrói-se aqui então uma personagem paradigmática que representa uma ideal moça de família burguesa, educada - adjetivo ambíguo que ao mesmo tempo indica sua formação escolar, que pode beirar a erudição, e a modéstia dos bons modos dela esperados – aquela que ajuda a mãe, orgulha o pai, acompanha o marido e educa os filhos. Como todo ideal, preenhe de significados culturais (no caso, especialmente, de gênero e de classe), e impossível de realizar-se em totalidade. De forma que o que me parece mais interessante em referenciar esse texto de Beauvoir é, não apenas a “tipologia social” que ele apresenta, mas a experiência que essa engendra, em suas insatisfações, contradições e, tanto no caso da intelectual francesa quanto no de Jerusa, suas possibilidades de questionamento e rebelião.

01-2)

Com a Reforma do Ensino Superior de 1968 passa a ser exigido que @s professor@s titulem-se mestres e doutores. Jerusa conta até então não ter pensado na possibilidade de fazer pós-graduação. Só poderia sair de Salvador na condição de acompanhante do marido e dentro do próprio curso de letras da UFBA, que engatinhava no mestrado, teria aula com aqueles que foram recentemente seu ex colegas e alunos (que estudaram com ela na graduação, se tornaram mestres/doutores em universidades do Rio de Janeiro ou de São Paulo e voltaram para lecionar na Bahia), o que lhe era inadmissível. Repetindo a mesma técnica de alguns anos antes, Jerusa então programou uma outra viagem familiar para Portugal, conseguindo (em suas palavras) uma outra bolsa para o marido e se colocando mais uma vez na posição de “acompanhante”.

Todavia em 1970 sua situação já começava a mudar: com a inserção na universidade ela conseguiu também uma bolsa, do Instituto de Alta Cultura de Portugal, para desenvolver sua pesquisa. O apoio não foi apenas institucional e financeiro, mas dessa vez também familiar, uma vez que seu pai e mãe, além do marido (que foi também à trabalho) e três filhos, à acompanharam nessa estadia.

Porque como é que eu podia estudar com três crianças, não é? Resultado: o meu pai era aposentado do Banco do Brasil, a minha mãe era disponível, alugou-se um apartamento maior, eles participaram da despesa, **e a gente montou um círculo para poder eu estudar.** (FERREIRA, entrevista 24 outubro 2011, grifos meus)

Nessa estadia, enquanto sua mãe e seu pai lhe davam guarida no cuidado dos filhos e o marido, alheio a esse universo doméstico, trabalhava, Jerusa dava continuidade aos estudos que havia começado em sua monografia de bacharelado, entregando a tese em 1973 para o concurso de professor-assistente da UFBA. Mesmo assim o título de mestre ainda lhe era exigido, de modo que decidiu, frente suas possibilidades, a fazê-lo ali mesmo, na UFBA, mas nas Ciências Sociais, campo em que “desejava se alfabetizar” e que percebia lhe abrir oportunidades críticas sem precedentes. Foi orientada pelo historiador

José Calasans, outro apaixonado pelo sertão e com importantes pesquisas sobre a Guerra de Canudos⁶⁸, com quem ela manteve fortes laços de filiação por muitos anos. Conta do período do mestrado em seu memorial com encantamento, foi um período, em suas palavras, de descobertas, contatos e discussões, foi o momento de sua inserção definitiva no mundo acadêmico, profissional, para além do lar e da família. “tudo isso era um mundo novo, e a partir daí, indispensável.” (FERREIRA, 1988, p. VIII). Coloca ainda sobre essa primeira metade da década de 1970: “O mundo, a renovação, a participação viriam nos interstícios. Em 1971 e 1972, estando gravemente enferma, obriguei-me a uma revisão de padrões de vida, e preparei uma revolução interna” (1988: VII), em tratamento no Hospital das Clínicas de São Paulo, vislumbra dali sua futura cidade.

Para além da doença e do cotidiano de mestranda na UFBA houveram outras vivências importantes para empurrar essa mudança; nos anos de 1975 e 1976 Jerusa frequentou os seminários de verão do Centro Internazionale di Studi Interculturali di Semiotica e Morfologia da Universidade de Urbino, na Itália. Caracterizado por ela como lugar de encontro e discussão de prestigiosos filósofos, semioticistas, estudiosos de literatura e etc. (FERREIRA, entrevista 24 outubro 2011). No primeiro ano foi acompanhada do marido e no segundo da mãe e do filho mais velho. Mais uma vez ao mesmo tempo em que sua situação de classe lhe proporciona viagens e estudos impossíveis para outras pessoas sem apoio institucional, essas incursões são sempre controladas pela presença e cuidado da família, “diferente de um jovem, que está sozinho no mundo, não é?” (apud.). Mesmo com todo esse cerceamento ela coloca esses momentos como decisivos para sua formação.

É em Urbino então que ela aprofunda seus conhecimentos sobre aquilo que chama de “a teoria russa da cultura”⁶⁹ – com foco tanto na área de linguística quanto na semiótica – que a havia encantado desde

⁶⁸ Para mais sobre José Calasans e sua pesquisa em Canudos ver o mini documentário de Claude Santos <http://vimeo.com/22105956>.

⁶⁹ Como coloca sua biografia, em Urbino Jerusa “Assiste aos do filósofo francês Jean-François Lyotard e os do semioticista italiano Umberto Eco. Além da Semiótica, duas novas áreas a interessam: a Etnografia, que estuda com o mestre romeno do Instituto de Etnografia e Etnologia de Bucareste, Mihail Popp, e o aparato mitológico indo-europeu, com o mestre russo Boris Oguibenin, cuja abordagem lhe oferece todo um lastro para pensar o substrato que permeia o relato do conto oral.” (FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008:18)

seus primeiros momentos na faculdade ao ler Bakhtin, na UFBA no final dos anos 1950. No ano de 1975 Jerusa conhece também a obra do medievalista Paul Zumthor através do livro *Essai de Poétique Médiévale*⁷⁰ (1972), quem até hoje considera seu principal mestre, aquele com quem teve diálogo mais intenso e com quem partilhava maior identidade - ambos possuíam formações múltiplas e destoantes dos cânones acadêmicos, além de um enorme interesse pelos estudos da literatura/poética do oral. Sobre esse primeiro contato, ela narra:

Quando eu li o livro dele fiquei completamente transtornada. (...) Passei quatro dias de cotovelos no chão, lendo o *Essai de Poétique Médiévale*, de Zumthor, e na sequência eu escrevi para ele, mandei meu livro [*sua tese em andamento, Cavalaria em Cordel*]. (FERREIRA, entrevista 24 outubro, 2011)

Alguns anos depois conheceria Zumthor em pessoa por ocasião de seminários que ele realizava na UNICAMP. “e deste momento em diante nós não nos largamos mais” (2008: 19). Desse primeiro contato seguiu-se uma viagem para o sertão, na cidade de seu pai e fazenda de seu primo – Paus Altos -, para onde levou Zumthor e a esposa, a também medievalista Marie Louise Ollier, ávidos por conhecer o mundo da poesia oral que ela descrevia incansavelmente. Nos próximos 18 anos viam-se com frequência, ela o encontrava em Paris, ele visitava-a em sua casa em Salvador, trabalhavam juntos, discutiam literatura medieval, poesia oral, cultura, memória, “fecundaram-se mutuamente”. Como ela conta, houveram desentendimentos, momentos em que o orientado não se vê devidamente contemplado nos agradecimentos do mestre, como acontece normalmente, e as vezes mais dramaticamente, como observamos no capítulo anterior, em outras relações de interlocução/orientação. Esses erros forma corrigidos em momentos posteriores, e a essa relação se fez de suma importância para Jerusa. Mesmo a distância Paul Zumthor foi, a seu ver, seu principal mestre. Relação de filiação e orientação pertinente à uma formação distinta, feita para além dos cânones acadêmicos comuns.

Por fim, Jerusa defende sua dissertação de mestrado em 1977 com o título *Cavalaria em Cordel*, “um sucesso retumbante” como ela

⁷⁰ ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*, Paris, Éd. du Seuil, 1972

mesma diz, aprovada com louvor e distinção e publicada pela Editora Hucitec em 1979 e em segunda edição em 1993. Nele ela estuda os diferentes desdobramentos dos ciclos narrativos medievais e, principalmente, a sua “transformação” em cordel, no folheto do sertão. Ainda hoje refere-se a ele como “o livro mais importante que eu já fiz na minha vida” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011) pois “foi onde pude reunir o sertão da minha origem com a erudição que eu adquiri então. Foi uma espécie de síntese...” (FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008:17). Ao realizar essa síntese pode-se dizer que Jerusa termina o primeiro estágio de sua formação, amadurecida intelectualmente desenha o projeto intelectual que a instigava desde a infância no interesse pelo mundo do pai, do sertão⁷¹.

Projeto que concilia sua identidade sertaneja com o conhecimento literário, “concilia o caráter com a vida”, como ela gosta de dizer parafraseando Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*. “Eu nunca me desviei um milímetro desse meu centro de mundo, que era essa busca do sertão” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011). O final dos anos de 1970 marcam também o fim de seu primeiro casamento, o divórcio e a inauguração de uma nova fase de sua vida tanto intelectual quanto pessoal.

Negando o Mar: A nova fase em São Paulo

(...) ser independente é como se assumir a si próprio todos os seus impasses e parasitas. É não precisar humilhar-se tanto. (FERREIRA, 2006: 16)

Quando perguntei para Jerusa porque São Paulo foi a cidade escolhida por ela no final dos anos de 1970 para seu doutoramento e sua primeira estadia autônoma, longe da família e da Bahia, ela respondeu rapidamente: “foi uma escolha deliberada, porque naquela época eu não suportaria o Rio de Janeiro, por isso eu vim para cá.” (FERREIRA, entrevista 24 outubro, 2011). Ir para outra cidade marítima como

⁷¹ Na introdução desse primeiro livro dá a entender a grandeza de seu projeto: “Há tanto para explicar que, humildemente se constrói um projeto ambicioso: o de cobrir o modo e realização de todo este universo cavaleiresco no Brasil. Para tanto, forças e paciência. Como os autores das extensas novelas de cavalaria, que deixam entrever continuacões ao encerrarem suas obras, só resta prometer mais, mesmo que só no bom propósito da promessa se cumpra fielmente o prometido.” (FERREIRA, 1979:06)

Salvador não fazia sentido nesse momento, como sugere sua biógrafa⁷², e São Paulo, além de abrigar universidades renomadas, já lhe era familiar pela experiência de doença alguns anos antes. “Foi aqui que eu conheci o sofrimento e a dor. Isso foi forte pra mim, essa identificação.” (2008:10), identidade necessária frente a mudança pela qual passava.

Lembro-me que nesta ocasião, encontrei no corredor do Crusp, o Antônio Cândido e eu trazia no pescoço um colarinho ortopédico, por causa de um problema de queda e entorse do pescoço e eu, muito aflita dirijo-me a ele e digo: - está vendo professor, **logo agora, que eu comecei a nascer...** **E ele com muita calma: - Traumatismo natural do nascimento.** (FERREIRA, 1988, p. IX)⁷³

Jerusa contou-me que em Salvador “vivia como uma rainha”, em um “palácio” construído com o material de demolição de uma igreja de 1706, com motorista e empregados a disposição e um “museu particular” repleto de objetos que tinha trazido de suas viagens pelo mundo, na condição de “acompanhante do marido”, engenheiro convidado para congressos, trabalhos e cursos. Em 1977 o rompimento com esse universo foi radical. Sem aceitar dinheiro de familiares, veio viver no Conjunto Residencial da USP (o CRUSP) em licença de sua função de professora da UFBA com a intenção de realizar o doutorado na área de Literatura Brasileira, com o professor Massaud Moisés. “Nesta

⁷² Sobre a relação de Jerusa com o Mar em oposição ao Sertão (entidades que aqui merecem letras maiúsculas), Meirelles coloca: “O mar veio depois, ele a encanta, *‘como não poderia deixar de ser’*, diz, *‘qualquer pessoa fica extasiada diante do movimento, do desafio, da idéia de perigo’*. Mas se a fizerem escolher, é profundamente mais sertão, *‘aquele do silêncio com os pássaros, com o gavião’*” (p. 09)

⁷³ Sobre Jerusa e seu “renascimento”, a amiga Marlise Matos escreveu: “**São múltiplas Jerusas**. Há a intelectual séria das conferências e cursos nacionais e internacionais. Há a Jerusa, orientadora-amiga, que dá força aos jovens pesquisadores iniciantes e outros tantos já iniciados; há a filha atenta e sempre disponível de Cesarina; há a Jerusa, mãe protetora de Rubens, Ricardo e Inácio; há a Jerusa, avó favo-de-mel de Ricardinho, Natália, Thiago e Manoel; há a companheira plena de Boris Schnaiderman; há a Jerusa, irmã-cúmplice de Guilherme; há a Jerusa, sambadeira de samba-de-roda da Bahia; há a Jerusa, eterna discípula de José Calasans e Rui Coelho; há a Jerusa, amiga de xilógrafos e poetas populares; há a Jerusa, correspondente de Zumthor, guardiã amorosa e difusora de seu pensamento. **Há a Jerusa, renascida sempre qual Fênix. Enfim, há a Jerusa que deixa marcas em sua obra, marcas que convergem para o núcleo da paixão.** Paixão pela arte. Paixão pela vida” (MATOS, 2008:04-5. Grifos meus)

fase de adaptação, muito tumulto e insegurança, solidão e medo, repressão e culpas.” (1988:VIII). Na universidade deparou-se com um departamento de letras tradicional, severo, “reacionário não só politicamente, mas em termos de forma, de teoria”. Em contato com Ruy Galvão de Andrada Coelho e Maria Isaura Pereira de Queiroz, dissidentes da “sociologia da USP”, migrou para o programa de doutorado em Ciências Sociais. Conta que quando perguntada por uma colega do porquê da mudança respondeu ironicamente: “sai de Salvador louca para fumar um cigarro, quando chego no departamento de letras, dou de cara com uma placa de proibido fumar” (trecho transcrito no meu diário de campo, 18 de maio 2011).

São Paulo no final dos anos 1970 era a coroação do processo de libertação intelectual e pessoal que ela vinha trilhando discretamente (e depois explicitamente) nos últimos anos, libertação das amarras de gênero, classe e tradição que a fizeram senhora mãe de família ainda moça jovem. Esse renascimento, essa descoberta de mundo foi feita em parceria do companheiro Olímpio Pinheiro, jovem artista com quem descobria a vida noturna paulista, as artes plásticas... Na universidade fazia questão de participar de um “viver estudantil descontraído”; professora já com 40 anos almoçava no restaurante universitário, frequentava assembleias estudantis e procurava se inteirar do processo político, vivia “a alegria de expulsar culpas e de experimentar a liberdade individual” (1988: IX).

Seu orientador nas ciências sociais, Ruy Coelho era representante exemplar da linha “vencida” na batalha sociológica uspiana. Como remontam Maria Arminda do Nascimento Arruda (2001) e Heloisa Pontes (1998) e Claudinei Spirandelli (2008), até o ano de 1969 o departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo organizava-se pelo tradicional e francês sistema de cátedras, no qual o professor catedrático detinha o poder intelectual e institucional sobre a disciplina, “determinando desde as lides teóricas desta até as contratações dos professores auxiliares ou subordinados” (SPIRANDELLI, 2008, p. 56). A cadeira de Sociologia I e a cadeira de sociologia II representaram, de certa forma, nos anos de 1950 e 1960, o embate entre duas diferentes formas de fazer e pensar ciências sociais⁷⁴

⁷⁴ Importante sublinhar que, apesar da disputa ser apenas entre cátedras de sociologia, ela determinava ideais teórico-metodológicos para toda as ciência sociais, uma vez que a antropologia e a ciência política nesse contexto uspiano se definiam no negativo da

no Brasil⁷⁵. Enquanto a cadeira de sociologia II – regida primeiro por Paul Arbousse-Bastide (1934-1940), seguido por Roger Bastide (1941-1942), seguido por Fernando de Azevedo (1942-1964) e depois pelo próprio Ruy Coelho (1964-1969) – era formada de modo geral pelos filhos das elites paulistanas, interessados em artes e fluentes em línguas europeias, a cadeira de Sociologia I – regida primeiro também por Paul Arbousse-Bastide (1934), seguido por Claude Lévi-Strauss (1935-1937), seguido por Roger Bastide (1938-1953) e por último por Florestan Fernandes (1954-1969) – era composta por pessoas de diferentes origens sociais, como filhos de imigrantes ou do proletariado urbano, que não possuíam a ilustração prévia dos colegas.

A Sociologia II desenvolvia uma sociologia de caráter mais ensaístico, com estilo literário e foco em temas da cultura, modelo que preponderou no curso até a década de 1950, ou seja, até a ascensão de Florestan Fernandes⁷⁶ à cátedra de Sociologia II. Cercado de um grupo coeso (dentre eles Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, dentre outros) Florestan focava no desenvolvimentismo do Brasil de então, na transformação de uma sociedade agrária e escravocrata para uma nova sociedade urbana, capitalista, moderna e industrial, atentando para as contradições e estruturas de classe e incorporando nessas análises aquilo que conhecemos hoje como os clássicos das ciências sociais: Marx, Durkheim, Weber, Merton, Mannhein, entre outros. Havia ali uma forte preocupação em contrapor o estilo então tradicional, considerado por eles estamental e elitista, por uma linguagem especializada, dura e científica, pautada pelo empírico e pela explicação dos fenômenos sociais que buscava criar uma sociologia brasileira (PONTES, 1988). Todo o perfil culto, cosmopolita, ensaístico e elitizado que a sociologia II representava passou a ser mal visto frente ao “modelo Florestan” que se estabeleceu como vencedor legítimo dessa disputa. Essas batalha estilística voltará a ser cenário das experiências relatadas nos próximos capítulos.

sociologia, como acessórias a ela. Para mais sobre esse embate ler a tese de Claudinei Spirandelli “Trajetórias intelectuais: professoras do curso de Ciências Sociais FFCL-USP (1934-1969)”, 2008.

⁷⁵ Devo dizer que conheci todo esse decorrer histórico pela primeira vez em conversa com a professora Heloisa Martins, em fevereiro de 2011.

⁷⁶ Para mais sobre Florestan Fernandes e seu papel paradigmático nas ciências sociais brasileiras ler: ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani. *Florestan Fernandes: Mestre da sociologia moderna*. Brasília: Paralelo 15, CAPES. 2003.

Em 1977 o sistema de cátedras já havia sido extinto e Florestan Fernandes tinha sido aposentado compulsoriamente pelo golpe militar e estava afastado da USP. Mesmo assim, muitos de seus discípulos eram então professores do departamento e o caráter da extinta cátedra de Sociologia I vigorava como hegemônico nas ciências sociais. Ruy Coelho, orientador que “roubou” Jerusa das letras para o doutorado em ciências sociais, sociólogo-antropólogo de origem abastada, formação francesa, ex catedrático da sociologia II que afirmava ter alergia da língua técnica da sociologia⁷⁷, representava, sem dúvidas, o *outsider* desse quadro. Não obstante, essa situação não poderia gerar melhor entendimento e diálogo com Jerusa, uma verdadeira *outsider* de formação autônoma, elitizada e literária que havia estudado principalmente no exterior, em Lisboa e Urbino. Dessa diferença dos colegas ela comenta “nesta fase andei muito tempo envergonhada de carregar erudição, que me fazia distante dos jovens de quem me queria aproximar; tratei de sufocá-la, quando pude.” (FERREIRA, 1988, p. IIX). Talvez esse tenha sido um dos motivos para que na banca de sua defesa de tese sobre poesia popular “No metal da fala”, em 1980, tenha encontrado perplexidade e estranhamento, tão diferente da recepção de sua tese anterior na UFBa.

Tanto que **na minha banca de doutorado ninguém entendeu nada da minha tese.** (...) [Um dos membros da banca] era um medievalista que não entendeu nada! Porque ele era um medievalista assim: é medieval, é medieval, (...) é popular, é separado. Então ele disse algumas gracinhas no dia do meu, da defesa de tese, foi muito traumático... **eu estava acostumada a entregar um trabalho a ter o reconhecimento, e de repente...** (*rindo*) (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011. Grifos meus)

A precariedade desses primeiros anos – como ela mesma

⁷⁷ “De modo que não se espantem; não terão aqui nada de técnico, em primeiro lugar, porque a língua técnica da sociologia me produz manifestações alérgicas; e em segundo lugar, porque não há utilidade nenhuma de apegarmo-nos a uma linguagem esotérica.”(COELHO, 1968, apud PUCILI, 2004:43). Sobre seu orientador de doutorado, que até hoje considera de seus principais mestres, Jerusa escreveu: Um mestre, cheio de delicadeza, humildade e humor para rir sabiamente, de vez em quando, de si mesmo, e deixar passar com benevolência quem, num dado momento, não era capaz de percebê-lo, ou se situava de outra maneira no mundo das ideias.”(2000: 02/04)

caracteriza – e o desconforto com certo pensamento acadêmico instituído não foram suficientes para dissuadi-la de continuar em São Paulo terminado seu doutorado. Seguiu-se um período complementar de pesquisa no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e o trabalho no Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista e a criação do Núcleo de Memória Popular do ABC, iniciativa transformadora tanto para ela quanto para a população – proletária e migrante nordestina – envolvida⁷⁸ já que foi ali que se descobriu, pela distância, nordestina. Nesse caminho por estabilidade em São Paulo passou a dar aula na área de Comunicação em outras instituições, como a FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. Com dificuldade de abrir mão de seu cargo na UFBA tentou ainda uma transferência para a Universidade Federal Rural de Pernambuco, escolha que rapidamente se mostrou incompatível com seu projeto de estudos e de vida (1988: xiii).

Em 1985 é aprovada no concurso para professora assistente do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e se dedica a dar aulas sobre a edição popular e memória editorial brasileira⁷⁹. O ano seguinte é intenso pessoalmente e intelectualmente: Jerusa separa-se do companheiro, Olivio, seu pai falece e nasce seu primeiro neto. Com tudo isso prepara-se para uma viagem importante para Índia, inscrita no Congresso Mundial de Sociologia de 1986 para apresentar um trabalho ligado ao grupo de Sociologia da Arte da USP, do qual fazia parte desde tempos de doutorado. Auspiciosamente, o congresso trazia como título *Change*.

Entre Nova Dehli, Jaipur e os Himalaias por um mês e meio “conhece o mundo e o vê de ponta-cabeça”. Lá encontra facilmente a terra de sua infância, da identidade sertaneja que carrega tão fortemente

⁷⁸ Para mais sobre o assunto ler: FERREIRA, Jerusa Pires; CABRINI, Conceição. Centro de Memória do ABC: Cultura Popular e Mudança Social. In: Dossiê Intermédias Jerusa Pires Ferreira, ed. 08, ano 04, 2008. www.intermedias.com/jerusa.

⁷⁹ “Sobre esse trabalho, consoante com seu projeto intelectual de rompimento das fronteiras da cultura “popular” e “erudita”, comenta: Na época, as pessoas faziam ironias por eu estar colocando dentro do espaço sagrado uma sub-literatura. A USP das letras não tinha essa visão da literatura popular. Então, essa literatura entrava no espaço da comunicação. A principal consequência de tudo isso é que propus uma leitura cultural que desestabilizasse essa cristalização de erudito de um lado, popular do outro, inclusive percebendo nuances do popular, do popularesco, acompanhando todas essas passagens.” (FERREIRA in AMARANTE, 2002:09)

“... brancas vacas nelores, comendo o que podiam. E eu, nascida no sertão, criada nos domínios do zebu, mais do que maravilhada, me incluía naquela ambiência.” (FERREIRA, 2006:15). Das muitas viagens que faz ao longo da vida, essa ida à Índia é das mais importantes, madura e sem tutelas familiares, experimenta o país como quer. “Viajar é sempre estar em estado de ousadia, sobretudo a de se desafiar e se contrapor, como disse alguém, carecer de nexos, ter a oportunidade de se encontrar consigo mesmo, numa outra solidão” (2006:13).

“Começamos a conversar e nunca paramos”: Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira



Jerusa e Boris. Foto extraída de FERREIRA, FREIRE e MEIRELLES, 2008

Nos seus primeiros anos em São Paulo, enquanto ainda se debatia para encontrar interlocutores que partilhassem de seus interesses e de suas leituras, de matriz russa e estrutural, Jerusa recebe a indicação de uma amiga: “essas coisas das quais você fala, essas coisas que você lê, essa *Tipologia da Cultura*... o seu dialogante aqui é um homem chamado Boris Schnaiderman” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011). “Tipologia da Cultura” aqui mencionado é um livro do semiótico russo Yuri Lotman, até hoje apontado pelo casal, de forma irônica, como responsável pela união, “Nós casamos por causa de Lottman. (risos)” (FERREIRA, SCHNAIDERMAN, entrevista 24 outubro, 2011). “Nós casamos por causa de Lottman”, frase que, mesmo dita em tom descontraindo, revela uma importante característica desse tipo específico de conjugalidade, a da necessidade da partilha de uma identidade intelectual, e dessa forma, cultural e política. Essa homogamia poderia parecer pouco provável a primeira vista, se levado em conta as grandes diferenças de geração, origem e formação.

A longa trajetória de vida de Bóris, hoje com 94 anos, é própria de uma testemunha de um século. Podemos reconstruí-la a partir de um livro que reúne suas muitas entrevistas, publicado no ano passado (SCHNAIDERMAN, 2010). Nascido em Uman, no interior da Ucrânia, em 1917 (mesmo ano da Revolução Bolchevique) em um lar judeu assimilado, foi levado para a capital Odessa ainda bebê pela família que fugia dos *pogrons*. Com oito anos de idade mudou-se mais uma vez com a família, dessa vez para o Brasil, país que conheciam apenas pelas cartas de um primo. Odessa ficou gravada em sua memória, como se comprovaria na sua volta ao país, mais de 60 anos depois de tê-lo deixado. Na chegada ao Brasil as dificuldades típicas de uma criança que vive a imigração: aprender uma nova língua, adaptar-se na escola, a perseguição dos colegas, os poucos amigos, lembranças que até hoje o emocionam.

Ainda criança lê clássicos da literatura russa que os pais importavam para o país, entre eles Pushkin e Gogol, mais tarde conhece a literatura nacional por José de Alencar e Machado de Assis, insuflando-lhe uma identidade brasileira. A pressão dos pais o faz desistir da ideia de ingressar em um curso de letras, literatura era o que se fazia nas horas vagas, deveria cursar medicina, direito... acabou por formar-se engenheiro agrônomo, “aí, a palavra engenheiro santificou um pouco a coisa” (SCHNAIDERMAN, 2010:20). Mesmo formado ainda

lhe faltava a naturalização, o que na legislação do Estado Novo o impedia de exercer a profissão. Com dificuldades financeiras resolveu oferecer seus serviços de tradutor Russo - Português a editora Vechi. Como primeiro trabalho um dos maiores desafios que já enfrentou: “Os irmãos Karamazov”⁸⁰, de Fiodor Dostoievski. Descontente com o resultado assinou com pseudônimos (Boris Salomonov) essas suas primeiras traduções.

Na década de 1940 com o antissemitismo do governo Vargas e as notícias da situação na Alemanha Boris se aproxima do judaísmo e vai lutar na guerra pelo exército brasileiro na Campanha da Itália, em 1944. Experiência das mais marcantes em sua vida, tão marcante que lhe fez escrever seu único livro de ficção, “Guerra em Surdina” (Cosac Naify, 2004 – 4º edição)⁸¹. Terminada a guerra volta ao Brasil e, finalmente naturalizado pelo quitamento do serviço militar, casa-se com a psicanalista também judia Regina Schnaiderman, companheira por 40 anos, com quem tem dois filhos. Aparte do trabalho de agrônomo, segue traduzindo e começa a publicar pequenos textos em jornais. Em 1960 abre-se uma vaga na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC) da USP para professor de russo, a qual Boris se candidata e é contratado, se tornando o fundador do curso de russo da universidade, o mais antigo ainda em atividade no país. Daí seguem-se quase 20 anos de docência, um grande aprendizado para ele, conta, que não tinha nenhuma experiência na área de humanas. Desse período além dos orientandos, amizades, cursos e publicações ficam também muitas lendas que compõe sua “personalidade heroica”, dentre elas a participação na “Batalha da Maria Antônia”⁸² (da qual diz nem ter estado lá) e a prisão pela ditadura em plena sala de aula. Hoje, professor emérito da USP, Boris é conhecido por ser responsável pela ampla divulgação da

⁸⁰ Seja por coincidência, seja pelo fato do número reduzido de edições/traduições de obras russas existentes no período, foi essa tradução de “Irmãos Karamazov” de Boris “Solomonov” que Jerusa leu alguns anos depois em sua juventude em Salvador. Seu nome verdadeiro só aparece em uma tradução em 1959, em uma antologia de contos de Tchecov.

⁸¹ Publicado originalmente em 1964.

⁸² Violento conflito ocorrido em 1968 entre alunos da FFCL-USP e da Faculdade Mackenzie, situadas na mesma Rua Maria Antônia. Tal batalha ficou famosa por representar bem a polarização política da época: foi deflagrada pelo ataque de alunos do Mackenzie pertencentes ao CCC (Comando de Caça a Comunistas) ao provocarem alunos da USP que promoviam atividades para arrecadarem dinheiro para a UNE (União Nacional dos Estudantes).

literatura e pensamento russo no Brasil, além de ter sido dos primeiros a fazer traduções diretas do russo para o português.

Jerusa conta que desde esse primeiro encontro, no final da década de 1970, desenvolveu-se entre eles um forte amizade e parceria intelectual baseadas na partilha de um universo teórico comum, o da teoria russa da cultura e o da literatura. A relação manteve-se platônica por anos, com o casamento acontecendo apenas em 1986, quando ele já era viúvo e ela estava solteira. Sobre esse diálogo de mais de 25 anos, ela comenta:

... e há toda uma adaptação, uma descoberta de outras coisas e um convívio intelectual intensíssimo, um amor, uma admiração, um respeito que nós vamos mantendo nesse tempo todo de convívio, de morar juntos, de discutir juntos. É uma relação de âncoras fortes e muitos caminharas. **Acho que ele me trouxe não só uma serenidade como uma precisão em termos de determinadas coisas e eu desvendei mundos muito fortes, acredito, que para ele também.** (FERREIRA, FREIRE, MEIRELLES, 2008: 27)

Boris ao receber o título de professor emérito da USP falou em seu discurso:

Nos últimos 15 anos pude contar com a **ajuda constante de minha mulher, a Profa. Jerusa Pires Ferreira, a quem devo tudo que realizei neste período pois, de outro modo, não conseguiria superar as dificuldades que surgiram.** Digo isso sem nenhum exagero, é apenas a constatação de um fato (SCHNAIDERMAN, 2002: 27. Grifos meus)

Ainda, quando conversamos rapidamente, sentados na sala do apartamento-escritório, lembrou da viagem que fizeram juntos logo depois do casamento.

Eu já tinha estado na Rússia várias vezes, mas eu não tinha a coragem de ir a Odessa. (...) Eu não tinha coragem porque eu tinha parentes em Odessa e foram todos massacrados [*durante a Segunda Guerra Mundial*], então para mim era muito difícil. **Mas com a Jerusa eu criei coragem, a Jerusa me deu coragem e então fomos.** Foi muito bom.

(SCHNAIDERMAN, FERREIRA entrevista 24 de outubro, 2011)



(Jerusa e Boris. Foto extraída de FERREIRA, FREIRE e MEIRELLES, 2008)

Como Jerusa mesmo colocou em um momento anterior: “essa reverberação é que é importante na relação da gente, quer dizer um vai acompanhado, vai reverberando e vai insuflando no outro aquilo que falta.” (entrevista 24 de outubro, 2011). Jerusa apresentou-lhe a Europa ibérica, levou-o para o período de pós-doutorado na Alemanha, além das férias anuais em Salvador, com todas as diferenças radicais ali apresentadas. Através de Boris, por sua vez, Jerusa teve a oportunidade de conhecer e conviver com grandes pensadores e poetas russos, como Eleazar Meletinski, Guenádi Augui, Osip Mandelstam e V. Ivanov. A produção em parceria foi igualmente constante, com a revisão e discussão de textos de mão dupla (interrompida atualmente pelo estado de saúde de Boris) e o trabalho conjunto em traduções, como foi o caso do livro de Guenadi Aigui “Silêncio e Clamor” (Ed. Perspectiva, 2010) com poemas traduzidos diretamente do russo por Boris e cotejados com a tradução para o português da versão francesa feita por Jerusa. Dentre

eles, um escrito especialmente para Jerusa.

*E: círculo
do amor¹*

à querida Jerusa
Rosa chamejante do Brasil
Linhagem-de-flor-do-“Caderno”
da antiga Nogueira Búlgara
diante da presença baixo-murmurante
das Plantas-Que-Não-Se Parecem – Com Nada
(segundo palavras Cália
de uma certa – ei-la! – Moita Lilás)

Gália se corrige:
“Boris? Talvez o tenho
araucariamente-firme
mas – o melhor é dizer – Constante”

com amor

Aigui

18 DE JULHO DE 1987

(Tradução de Haroldo de Campos e
Boris Schnaiderman)

1. Poema escrito em casa do poeta, em Moscou, por ocasião de visita de Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira.

(CAMPOS, CAMPOS, SCHNAIDERMAN, 2001:395)

Para além das publicações e produções formais ambos

costumam desenvolver, pessoalmente e sem maiores pretensões, programas guiados de leitura: há alguns anos, durante uma estadia em Londres onde Jerusa fazia pesquisa, o autor escolhido foi Yuri Lottman, no nosso último encontro eles começavam uma jornada de estudos “minuciosa e rigorosa” de Platão. O ambiente de troca e diálogo intelectual está estampado nos apartamentos que vivem, forrados de livros e obras de arte, povoado por orientandos e colegas sempre chegando e saindo. A relação ainda trouxe, como sempre traz nesses casos, uma expansão significativa da rede intelectual de ambos. Ainda na esfera da família há um investimento mutuo no carinho com os netos partilhados. Como ela coloca na dedicatória de seu livro *Armadilhas da Memória* (2004), “a relação é uma **partilha** de territórios e descobertas”.

Todavia, todos esses encontros fortuitos e o ideal igualitário da relação não apagam as diferenças individuais, pelo contrário, essas são sempre sublinhadas no discurso de Jerusa; aqui o modelo do casal fusional é algo do que se fugir.

Então nós somos um casal que troca ideias, (...) que enfrenta temas comuns, que enfrenta teorias as vezes próximas, **que tem afinidades de toda espécie, mas que tem diferenças de vida, de personalidade, de escolha, de formação, de geração enormes! E não há como negar isso.** Então, só para você ter ideia, Boris é desafinado que não entoa, não faz dó ré mi, eu sou musical o tempo todo! Eu danço, eu canto, eu sou ligada as coisas populares, sabe? (...) Então não tem como, são universos diferentes, são experiências de vida diferentes, são histórias pessoais diferentes, tudo! Tudo é diferente! (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011. Grifos meus)

Como Tânia Salem (2007) aponta ao discutir o modelo do “casal grávido” em camadas médias urbanas, o ideal de conjugalidade igualitária contemporâneo pressupõe uma não hierarquização de gênero dentro da relação, onde os parceiros se encontrariam em pé de igualdade em seus direitos e deveres. Tal paridade ideal, como Maria Luiza Heilborn (2004) afirma, seria uma atualização da premissa básica do individualismo igualitário, a da recusa do englobamento limitador das potencialidades e particularidades “naturalmente individuais”. Por sua vez, essa igualdade estatutária seria contraposta por uma tentativa de

complementariedade subjetiva presente no enaltecimento das particularidades individuais, a igualdade no plano formal seria “compensada” pela diferenciação, geradora de reciprocidade – ou reverberação, como coloca Jerusa -, no plano interno.

Por sua vez, ao contrário do modelo apresentado pelas autoras (SALEM, 2007, HEILBORN, 2004), não há aqui o rompimento com a família de origem. A diferença de discurso e experiência entre jovens casais da década de 1980 e casais maduros contemporâneos, mesmo que em um segundo casamento, não pode ser obliterada. Apesar da decisão pela união ser também absolutamente marcada pela ideia de escolha individual, essa não implica em um afastamento ou negação do núcleo familiar anterior (seja esse da família de origem, seja o de uma família formada por uma união prévia). Pelo contrário, aparentemente há nesses casos preocupação com um certo grau de concordância por parte da família de origem – revelado na aceitação de celebração de uniões religiosas ou mesmo na adoção do nome do companheiro com a união – além de uma preocupação pela partilha desses laços familiares entre os cônjuges. Com filhos crescidos e netos de ambos os lados, os laços aqui partilhados não são tanto de criação, mas de afeto e carinho. Nesse sentido parece que esse modelo opõe-se a ideia de casal-mônada e aproxima-se de um modelo mais próximo daquele de família estendida tradicional brasileiro.

Além disso, é importante matizar a igualdade como um valor ideal que se realiza muito mais em uma *expectativa* de compartilhamento e respeito às esferas individuais do que em práticas. Não quero aqui dar a entender, muito menos, que haja uma hierarquia generificada estanque ocultada por um discurso igualitário, pelo contrário, a transformações em camadas permeadas já há algumas décadas pela ideologia feminista são claras, argumento apenas que enquanto discurso e ideal de conjugalidade a igualdade exerce um papel muito mais importante na subjetividade dos indivíduos.

Mas, se por um lado ela é definidora da autoimagem dos indivíduos sobre a relação, o mesmo não pode ser dito, infelizmente, sobre a maneira que casais de intelectuais seguem sendo interpretados. Não é incomum encontrarmos ainda hoje referências à Simone de Beauvoir como “a mulher de Sartre”⁸³, por exemplo. Categoria

⁸³ Um exemplo, encontrado por acidente na internet, é o trabalho de Pizzinga (2009)

relacional aparentemente inofensiva para muitos, oculta em si a pressuposição de uma relação de subordinação não apenas conjugal, mas também de produção e pensamento. No campo dos estudos da arte são inúmeros os exemplos que podemos lembrar de casais dentre os quais as mulheres tiveram de conviver com a diminuição de suas obras e estilos à uma extensão dos companheiros; Camille Claudel, escultora e amante de Auguste Rodin (HIGONNET, 1993), Kay Sage, pintora e esposa do pintor surrealista Yves Tanguy (SUTHER, 1993) e Lee Krasner pintora e companheira do também pintor Jackson Pollock (WAGNER, 1993) são apenas alguns casos, tão emblemáticos que até hoje os trabalhos dessas mulheres seguem pouco reconhecidos.

Assim, como Jerusa me colocou diversas vezes, é constante por parte de observantes externos - seja por jornalistas, colegas, etc. - o enquadramento do casal em um modelo tradicional de conjugalidade colocando-a, como mulher e mais jovem, em uma posição desigual, subalterna, a de “esposa de”, ou mesmo de discípula, mesmo sem ter nunca tido sua aluna. Ela comenta:

O ruim é que eu tinha uma autonomia e uma personalidade conquistada a duras penas, não é, e de repente a figura dele tem uma história de luta na guerra (...) Então ele é uma espécie de herói, resistiu a ditadura, foi do partido comunista, saiu em 56, eu estava nascendo ele estava lutando na guerra... enfim, **ele tem uma heroicidade... já o estatuto masculino dá ao sujeito uma proeminência. Eu me recuso a ser mulher do Boris! Eu sou a companheira dele e dialogo com ele**, estou a 25 anos com ele.

(...)

Então eu tenho na literatura, nas artes, no meu fazer, na minha leitura de mundo a mola central, se é com Boris melhor! Eu tenho respeito e admiração e acho que eu colaborado muito na obra dele, não é, como ele colabora na minha. (...) nem eu me considero discípula do Boris, **eu me considero amiga e dialogante com ele, e não me considero discípula dele não. Porque eu tenho uma formação**

intitulado: “Pensamento de Jean-Paul Sartre e Existencialismo de sua mulher, Simone de Beauvoir” <http://svmmvmbonvm.org/sartresim.pdf>

diferente, e se alguém tiver que ser discípulo, os dois!
(FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011)

Dessa forma podemos entender as afirmações de individualidade e diferença entre os parceiros por parte de Jerusa não apenas como um enaltecimento de “individualidades complementares”, mas também como uma forma de refutar tentativas de imposição de modelos tradicionais de conjugalidade e gênero. Refutação essa que tem de ser reconstruída cotidianamente, como a questão da nomeação igualmente demonstra.

Ao casarem-se em 1986 Jerusa, que já havia adotado o nome Pires Ferreira de seu primeiro marido há 30 anos, foi pega de surpresa pela exigência do juiz da apresentação de um documento de autorização por parte de ex marido permitindo que continuasse usando “o nome *dele*” depois de casada com o novo companheiro. Jerusa conta que o nome de Pires Ferreira, adotado na juventude e usado por décadas há muito tempo era também *seu*, aquele que assina e pelo qual identifica-se. De forma similar, como mencionado no capítulo anterior, quando perguntei para Josildeth sobre seu nome de casada (Consorte) tive a resposta que há mais tempo se conhecia por Consorte do que Silva Gomes, seu nome de batismo. Assim, sem nunca abdicar do uso do nome Pires Ferreira, Jerusa teve, por essa “regra medieval” como ela mesma colocou, de assumir legalmente o nome Schnaiderman, fonte de desconforto frente a identidade étnica, religiosa e familiar que o nome acarreta e da qual ela não partilha. “eu não sou Schnaiderman e não quero ser, entende. Conhecendo a família dele de perto eu sei que eu não sou Schnaiderman, então para que esse **aplique falso**, não é? Eu sou Jerusa Pires Ferreira, quero ser Jerusa Pires Ferreira...” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011, grifos meus). Como coloquei acima, os laços familiares anteriores à união não são cortados, mas muito menos são forçados, eles são configurados sobre outras relações, que não as de criação e cuidado diretos - relativas à reprodução e ao natural (STRATHERN,2005). Articulam-se aqui relações de respeito, afeto e partilha que estabelecem laços talvez, mais de *familiaridade* do que parentesco, ou seja, que não implicam em filiação ou articulam discursos de consanguinidade, mas que não marcadas pela comensalidade e empatia.

Cuidado e companheirismo...

Também como no casamento de Josildeth, há na experiência de Jerusa e Boris o momento do cuidado relativo ao envelhecimento e ao adoecimento. Jerusa se define como *uma máquina gestora de relações familiares e domésticas*, especialmente no período atual de severo adoecimento do parceiro.

Porque enquanto ele está lá lendo os livros dele e ficando em casa **a grande máquina da gestão de tudo sou eu**, né: máquina da gestão dos meus filhos, máquinas de gestão profissional, quer dizer sou eu que resolvo tudo (*rindo*), contrato, tiro, faço compra... [*antes do adoecimento de Boris*] Havia um pouco mais de divisão... **mas a mulher sempre tem essa carga, ainda mais que eu sou mãe de filhos, avó de netos e essas coisa toda que faz com que você ganhe quase que... uma outra espinha dorsal**, duas para poder aguentar, não é, e **para não se transformar em alguém que se acomoda diante ou seja da idade ou seja daquilo que vem**. (FERREIRA, entrevista 24 de outubro, 2011 – grifos meus)

Assim, o cuidado é reformulado como uma capacidade positiva e empoderadora feminina, que “dá a mulher duas espinhas dorsais”, que possibilita sua atuação em múltiplas esferas uma vez que é uma dedicação que não parte de uma imposição, mas de uma escolha individual⁸⁴. Mais uma vez a não obrigatoriedade das relações embasa o investimento pessoal e o comprometimento com a diferença, no caso, trazida pela geração. Para além do *gap* cultural colocado pela diferença de 21 anos entre ela e o marido⁸⁵ - hiato que cria uma relação pautada por uma certa polidez e formalidade no tratamento pessoal e um descompasso de liberdades⁸⁶ - há também uma importante diferença

⁸⁴ “(...) essa dedicação é muito **importante** que venha de dentro, porque se ela vier de fora não serve. Ela vem de dentro.” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro).

⁸⁵ Além das diferenças de origem étnico - religiosa já esboçadas acima.

⁸⁶ Jerusa mencionou diversas vezes em nossas conversas as diferenças de liberdades entre ela – baiana que, mesmo “afastada de sua geração”, foi jovem na década de 1950 e 1960 – e o marido, que mesmo com a inserção em círculos artísticos, literários e de esquerda ao longo do século XX, é “um homem muito tradicional” (FERREIRA, entrevista 24 de outubro,

física, em termos de envelhecimento, tanto no cotidiano de viagens e locomoção dentro da cidade, como em ocasiões de especial adoecimento, como foi o caso dos últimos meses.

Durante os meses de julho, agosto e setembro de 2011 eu e Jerusa tivemos de adiar nossa entrevista por ocasião do adoecimento, internação, cirurgia e recuperação pelo qual passava Boris. Jerusa acompanhou-o nos 70 dias de hospital, arranjou a contratação de enfermeiros, cuidadores e empregadas domésticas, orquestrando uma rede de cuidado para atenderem-no nas necessidades da recuperação, além de ter se inteirado de todos os procedimentos e diagnósticos médicos, os quais me relatou detalhadamente em nossa conversa. Como é comum nesse tipo de situação (BROWN, 2010), a tensão e sobrecarga que o adoecimento do parceiro gerou se manifestaram em consequências físicas e emocionais também para Jerusa, já com 73 anos de idade. O cuidado revela-se aqui, para além de possíveis essencializações sobre capacidades femininas (BORDO, 2000; MONTENEGRO, 2003), como importante mecanismo de instituição de relações de reciprocidade tanto familiar quanto entre gêneros (BROWN, 2010).

Como observado anteriormente sobre as relações de Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre e André e Dorine Gorz, o cuidado do parceiro é parte essencial de um roteiro de envelhecimento conjugal. Apesar do “peso social feminino” relativo à essa função e a tradicional formação de casais por homens mais velhos e mulheres mais novas, nenhuma desses condições é regra, como o caso de André Gorz bem demonstra. O que podemos depreender desses casos de casais de intelectuais maduros é que o cuidado não é uma função exclusiva de uma certa moralidade de gênero, mas é também correlato à conjugalidade, à associação espontânea baseada em valores ao mesmo tempo românticos e igualitários. O impulso por esse cuidado “vem de dentro”, se torna é impensável não fazê-lo, uma vez que o companheirismo e a dedicação são valores fundantes para essas relações. O cuidado me parece parte essencial do companheirismo presente tanto nesse quanto em tantos outros ideais de conjugalidade.

Companheirismo esse que é articulado com um profundo respeito das identidades individuais, conquistadas à tão duras penas, e

2011). Exemplos dessa alteridade ela dá muitos: a relação com a música, com a cultura popular, a dança, os rituais religiosos afro-brasileiros, o fato de ela “se atirar” no mar enquanto ele se protege vestido na sombra no verão de Salvador.

harmonizadas em suas diferenças. Jerusa fala seguidamente de uma *identidade nuclear* (2004), sua identificação cultural com o universo do sertão e a tentativa de sua obra de conjugar essa identidade com um impulso de criação intelectual, de aproximar o sertão do mar. Seria presente em Boris também – como colocado por ela e corroborado por ele – esse movimento a partir de uma identidade nuclear reverberado em diferentes lugares e mudanças, no caso uma identidade russa e judia contrastada com uma vida brasileira laica e refletida na dedicação de anos na tradução da “cultura” russa – através da literatura, da teoria, da poesia e de ensaios⁸⁷ - para o Brasil. Como ela diz “A Rússia é o Sertão!” (SCHNAIDERMAN, FERREIRA entrevista 24 de outubro, 2011) para além de possíveis aproximações literárias que possam ser traçadas⁸⁸, a Rússia é o Sertão em um certo lugar original estrutural. O que eles partilhariam dessa forma, seria mais do que um homogenia de interesses e filiações teóricas, mas um modelo identitário que é de uma só vez nuclear e *diaspórico*. Identidades, como Stuart Hall (2006) coloca sobre a situação afro-caribenha, pensadas como essenciais mesmo que construídas fora de seus “locais de origem” e, exatamente por isso, em eterno movimento em direção a esse “lugar de redenção”, movimento que nunca se concretiza mas que dessa forma nutre as trajetórias e produções intelectuais. Essas origens são, como o autor coloca, um mito: “com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história” (2006: 29).

A valorização da autonomia individual no discurso de Jerusa, e de tantas outras mulheres com trajetórias similares, relaciona-se, a meu ver, com a formação dessas mulheres em meados do século XX, entre as décadas de 1950 e 1970, onde mesmo sem se envolverem diretamente com grupos ou discussões feministas, experimentaram pessoalmente as transformações da ordem de gênero, seja no âmbito público, da universidade, da produção intelectual, do investimento e do reconhecimento individual, seja no âmbito da conjugalidade, ainda fortemente marcada pelo modelo tradicional reprodutivo e “contratual” (sempre concretizada através de casamentos) mas em transformação em

⁸⁷ Como é o caso do livro “Os Escombros e o Mito”, Companhia das Letras, 1997.

⁸⁸ FERREIRA, Jerusa Pires. Conto russo em versão nordestina. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 23, p. 103-133, 198

termos de valorização do trabalho feminino e divisão do cuidado doméstico e dos filhos.

Outra experiência contemporânea que conjuga produção intelectual e conjugalidade é a de Heloisa Martins, que acompanharemos no capítulo à seguir.

CAPÍTULO 03

Professora Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins: Dando vez e voz.

Meu primeiro encontro com a professora Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins foi em sua sala no corredor do departamento de Sociologia da USP, esvaziada pelo recesso de verão. A sala, forrada de envelopes e papéis amarelados de pesquisas antigas leva na porta, além do adesivo envelhecido da campanha “tortura nunca mais”, o seu nome e do marido, que aposentados dividem oficialmente o espaço.

Além do longo envolvimento com movimento sindicalista e de trabalhadores de São Paulo, a dedicação às filhas e à implementação da sociologia no currículo do ensino médio, as relações e tensões intradepartamento, marcadas pela institucionalização e disputas de poder particulares à sociologia da USP possuem um lugar especial em sua fala. Recontar sua história de vida é, assim, procurar refazer essas relações e analisá-las no que possuem de comum e estrutural em relação ao campo acadêmico.

Uma formação sociológica uspiana

Heloisa nasceu em 12 de janeiro de 1941 no interior do estado de São Paulo do segundo casamento do pai, Benedito Robert Teixeira, funcionário da Companhia Paulista de Força e Luz, com a mãe, Adelaide Battaíola Teixeira, costureira da cidade de Barra Bonita. Família de classe média baixa com condições financeiras limitadas investia na educação dos filhos (uma filha mais velha da primeira união do pai, Heloisa e um irmão mais novo) como caminho para garantir-lhes estabilidade financeira. Dessa forma, ainda na década de 1940 restabeleceram-se em São Paulo, no bairro de Perdizes, para que a filha mais velha pudesse cursar Escola Normal. Anos mais tarde, influenciada pela irmã, a futura socióloga viu no magistério a possibilidade de seguir seus passos, ajudando a família financeiramente e sustentando-se através de uma profissão, como observado no primeiro capítulo, bem vista, bem remunerada e que lhe garantia certa autonomia.

Foram nas aulas de sociologia da educação no colégio normal, ministradas pelo professor Geraldo Brandão, que Heloísa ouviu falar pela primeira vez da Universidade de São Paulo e do vestibular. Mais uma vez, o ensino normal funciona como entrada principal para

mulheres de camadas populares acessarem educação e independência financeira. A Universidade de São Paulo, fundada em 1934 por iniciativa das elites paulistanas com o intuito de criar um espaço de produção e circulação de conhecimento erudito e desinteressado que formasse elites culturais, a molde de universidades francesas (ARRUDA, 2001; PULICI, 2004; TRIGO, 1997), teve seu projeto subvertido desde seus primeiros anos pela entrada de uma classe média urbana em busca de profissionalização. Desse influxo, um grande número era de mulheres, normalistas que além de possuírem o recurso de comissionamento⁸⁹ pelo estado para estudarem, encontravam nos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras suas poucas possibilidades de acesso ao ensino superior. Amostra disso é o fato de que no ano de fundação a faculdade teve 182 alunos matriculados, dentre esses apenas 8 mulheres, e no ano seguinte, com o recurso do comissionamento já em vigor, o número de matriculados era de 218, sendo desses 77 mulheres (BLAY, LANG, 2004:50).

Antes interessada em cursar história Heloísa desenvolve interesse pelas aulas de sociologia da educação que tem no curso normal, onde lê Durkheim e com as discussões em sala começa a melhor formular um incômodo anterior com a igreja católica. Com o pai muito religioso e morando do lado de uma igreja em São Paulo, Heloísa tem uma forte ligação com a igreja na infância e juventude, entra para a Irmandade de Santa Inês, “das moças de vestido branco, boina e horário especial para missa” (entrevista 29 de março, 2011), frequentando as aulas de catecismo todos os domingos depois do almoço até os 15 anos.

... eu comecei a perceber o ambiente carola daquelas mulheres que viviam ali penduradas na saia do padre e que tinham um comportamento fora dali de mesquinharia, sabe, de exploração do trabalho das domésticas (rindo), essas coisas que eu percebia assim um certo (...) cinismo. Quer dizer, você reza, reza, bate no peito e... e **eu comecei a me afastar da igreja sabe**. Eu achei

⁸⁹ No final de 1934 a baixa quantidade de alunos matriculados na faculdade associada à necessidade do Estado de preparar o professorado para o ensino médio em expansão fez com que o governo instituisse a possibilidade de comissionamento, pelo qual uma quantidade das vagas da FFCL era reservada para professores de ensino fundamental da rede pública que podiam cursar a faculdade sem prejuízo dos vencimentos. Esta política é apontada por muitos autores como responsável pela feminilização do alunado e pela ascensão à universidade de contingentes de camadas médias e baixas. Para mais sobre o assunto ver: BLAY, LANG, 2004; TRIGO, 1997.

que, tinha outras coisas... **Um pouco talvez o curso de sociologia que eu estava fazendo na escola normal. (...) E na faculdade, com as leituras todas, eu fui adquirindo um conhecimento que de alguma forma me permitia entender isso que eu tinha observado de uma forma ainda desorganizada, era mais uma intuição do que (...) propriamente algo que consistia em uma explicação sobre aquilo. Sobre o que era a igreja, o que era a religião.**
(MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

Como bem aponta o depoimento, a religião e as questões de classe tem destaque em seu discurso desde antes da entrada na faculdade. Sem muito conhecer da carreira e suas possibilidades, Heloisa presta o vestibular para Ciências Sociais em 1958. Nessa primeira tentativa não é aprovada (por 25 centésimos na prova de francês). Todavia, decidida a cursar a faculdade, com a ajuda dos pais se matricula no ano seguinte em um curso intensivo de francês na Aliança Francesa e no cursinho pré-vestibular do Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, sendo aprovada no vestibular (em 16º lugar, como ela bem lembra) e começando as aulas no ano de 1960.

Como a faculdade era pública e gratuita seus pais consentiram em apoiá-la ao longo do curso, de modo que Heloisa não teve de trabalhar no ensino fundamental durante os três anos de graduação e pode dedicar-se inteiramente à vida universitária que efervescia nesta época.

... minha família foi, ahn, aguentando digamos assim; ainda que eu não pudesse comprar muito, todos os livros possíveis – na verdade, nós tínhamos muito poucos livros –, mas eles me davam suporte que me ajudou a fazer todo o curso sem precisar trabalhar. (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011)

No começo da década de 1960 a FFCL localizava-se ainda no edifício da rua Maria Antônia, no bairro de Higienópolis, como Heloisa me descreveu no nosso primeiro encontro. Como sua contemporânea, Maria Helena Bueno Trigo (1997) descreve, a Faculdade de Filosofia juntamente com a Escola de Sociologia e Política formava um quarteirão universitário que se estendia até o centro da cidade, tomando como seu

espaço bares, cafés e a Biblioteca Municipal Mário de Andrade. A universidade, antes projeto ilustrado e elitista, se estabelecia tendo como alvo uma nova classe média formada de filhos de imigrantes e do proletariado, que via na faculdade uma oportunidade de estudo e profissionalização inédita, tendo em conta o caráter elitista que as faculdades tradicionais, como Direito, Medicina ou Politécnica, mantinham no perfil do alunado. Heloisa descreve sua turma como mista em termos de gênero, com um pouco mais de mulheres do que de homens, algumas poucas colegas com nomes “quatrocentões”, e tantos outros mais velhos, professoras comissionadas, filhos de imigrantes alemães e árabes, entre colegas de outras origens. Nesses anos teve aula com Fernando Henrique Cardoso, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ruy Galvão Andrada Coelho, Octávio Ianni, Egon Schaden, Eunice Durhan, Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman e Azis Simão. Este último viria a ser seu orientador por toda sua formação. Foi aluna, portanto, de muitos professores e professoras da primeira geração de docentes brasileiros da instituição (como Maria Isaura Pereira de Queiroz e Ruy Galvão, entre outros), além de recém egressos da graduação, como Eunice Durham e Fernando Henrique Cardoso (MARTINS, 1978).

Para além dos corredores da Maria Antônia e dos bailes do Grêmio da faculdade de filosofia, um espaço privilegiado para a socialização universitária nesse período era o da política estudantil (TRIGO, 1997). Era, como conta Heloisa, onde os alunos mais velhos e mais jovens se encontravam e partilhavam as siglas (POLOP, PC, JUC⁹⁰...), códigos (assembleias, atas, hierarquias...) e lideranças do movimento político de então, que se focava na discussão da reforma universitária, das reformas de base (agrária, educacional, tributária...) e na união estudantil com outros setores da sociedade.

Bom, eu comecei a participar do movimento estudantil, acho que mais no segundo ano da faculdade do que no primeiro, me aproximei de um grupo político que havia que era a **Polop** (Política Operária). Eu tinha colegas da classe, um deles, o Eder Sader, era ligado à Polop, e **eu então comecei a me interessar muito por questões referentes à política. Vivíamos em um contexto político muito importante em que se falava das reformas de base**, na própria igreja você

⁹⁰ Respectivamente: Política Operária, Partido Comunista e Juventude Universitária Católica.

tinha um movimento de contestação. (...) Polop era um grupo mais da esquerda, um PSTU de hoje, digamos assim, (...) um grupo leninista, mas um grupo mais... não quero idealizar, mas que tinha mais o pé no chão em termos das análises políticas que fazia. É, então... para mim pelo menos parecia. **Então, era a crítica, era um contexto também de revisão das teses do partido comunista, você tinha aí um socialismo real que a gente começava a criticar, a existência de uma ditadura, a crítica ao stalinismo, não é.** (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

Os anos anteriores ao golpe militar de 1964 foram de intensa efervescência política principalmente na articulação entre partidos políticos, movimento estudantil, igreja e sociedade civil, representada por movimentos de trabalhadores, camponeses e sindicalistas. Eram tempos do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE), que pretendia uma produção de cultura que representasse “as classes populares”, e das Une-volates, caravana que procurava conscientizar estudantes universitários em diferentes centros brasileiros sobre a luta pela Reforma Universitária⁹¹. A inserção no espaço universitário possibilitava então o contato com esses movimentos sociais, em sua crítica e ação política, de outras formas pouco acessível à jovens mulheres. O caráter democrático das assembleias, associações e partidos permitia uma vivência diferente da experimentada seja na escola, casa ou igreja, onde o engajamento em uma condição mais igualitária era possível, uma vez feito dentro da comunidade de ideais políticos. A participação nesses movimentos possibilitava, da mesma forma que o contato com a teoria social, como apontado acima por Heloisa, o aprofundamento de questionamentos anteriores, desdobráveis em interesses intelectuais. Como ela conta:

E fui aos poucos me aproximando de uma questão que era a questão muito próxima, das transformações da sociedade brasileira, **a constituição de uma sociedade industrial, e aí**

⁹¹ Aponto como exemplo paradigmático desse período o filme de Eduardo Coutinho “Cabra marcado para morrer” (1984) e sua reflexão sobre os ideais de movimentos de esquerda da década de 1960. Para mais sobre ver: Alcides Freire Ramos, « A historicidade de *Cabra marcado para Morrer* (1964-84, Eduardo Coutinho) », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 enero 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1520>. Consultado el 28 enero 2012.

a questão da classe trabalhadora, da classe operária era algo que despertava o meu interesse. Nós tínhamos uma, um lema, que era a União Operário - Estudantil – Camponesa, que era o grande tema da luta política e com isso nós fizemos assembleias, fomos a assembleias em sindicatos em que essa era a questão discutida. Essa era a **época das ligas camponesas, todo um cenário político que convidava ao engajamento, engajamento dentro dessas teses de uma nova sociedade que estava surgindo e nós queríamos que a classe operária tivesse uma participação maior nessa transformação**. Eu comecei então a me interessar pelo tema do **trabalho e sindicalismo**. (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. grifos meus)

Esse interesse bem condizia com as principais linhas de pesquisa da sociologia uspiana do começo dos anos de 1960, representadas pelas pesquisas de Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso⁹². Mesmo assim o professor com quem Heloisa encontrou maior interlocução e que a acolheu para iniciação científica, com uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, criada dois anos antes⁹³), em 1962 era um *outsider* para o grupo hegemônico de então, o professor Azis Simão. Como já mencionado no capítulo anterior, o começo da década de 1960 representa um período chave no embate entre a linha sociológica representada pelos integrantes da cátedra de sociologia II - de cunho mais ensaístico e literário, focando em temas de arte, tradição e mundo rural - e da sociologia I - que defendiam uma teoria social científica nacional, de linguagem técnica e foco em questões colocadas pela modernização, urbanização e industrialização pela qual passava o país. Se a polaridade teórica entre essas duas correntes era nutrida pela diferença em termos de origem de seus representantes até meados da

⁹² Nesse período desenvolviam o projeto Economia e Sociedade que tinha como uma de suas principais preocupações teóricas “a mobilização da força de trabalho, sobre as condições de transição da economia tradicional para a era tecnológica, com vistas para os desequilíbrios econômicos, demográficos e sociais resultantes, bem como para os influxos positivos da racionalização da ordem econômica, social e política.” (FERNANDES apud ARRUDA e GARCIA, 203:108).

⁹³ Para mais sobre a história dessa instituição ver: <http://www.bv.fapesp.br/linha-do-tempo/178/fundos-universitarios-pesquisa/>

década de 1950⁹⁴ – simbolizados respectivamente por Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes –, no momento aqui observado a diferença do alunado e a expansão do poder e da influência da Sociologia I mudavam o quadro. Apesar de ainda eminentemente formadas por pessoas de origens mistas o tom elitizado e erudito dos primeiros tempos da FFLC esmaece nesse período frente à hegemonia conquistada pelo grupo encabeçado por Florestan Fernandes, que tem sua coroação na fundação do CESIT (Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho) em 1961⁹⁵. Como Heloisa descreve, no começo da década de 1960 a dicotomia departamental já não é mais parelha, sendo o grupo da Sociologia II claramente de menor número e prestígio. Além disso, os temas antes típicos apenas à Sociologia I (sociedade industrial, trabalho) se encontram mais disseminados entre alunos e professores do departamento, seja pela “hegemonia estilística” conquistada, seja pelo momento político vivido.

Apesar da “política expansionista” do grupo de Florestan Fernandes⁹⁶ nem todos aqueles pesquisadores produzindo nas temáticas de trabalho e sociedade industrial eram assimilados a esse grupo. Exemplo explícito disso é dado pelo caso de Asiz Simão, cego, militante do Partido Socialista, entra no curso de ciências sociais como aluno em 1939, começando suas pesquisas com a classe trabalhadora ainda na década de 1940. Após sua entrada como professor da cadeira de Sociologia II em 1951 começa a estudar o movimento operário sindical, estudo que desembocariam na tese sua de livre docência de 1964⁹⁷.

⁹⁴ Esse recorte geracional é estabelecido por Claudinei Spirandelli (2008) separando as professoras formadas em ciências sociais pelo sistema de cátedras em uma primeira geração de mulheres que estudaram, de formaram e iniciaram a sua atuação entre 1934 e 1952 (dentre elas Gioconda Mussolini, Paula Beiguelman, Lavinia, Gilda Rocha de Mello e Souza, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Aparecida Joly Gouveia), e as que o fizeram entre 1952 e 1969 (Ruth Correa Leite Cardoso, Eunice Ribeiro Durham, Eva Alterman Blay, Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, entre outras).

⁹⁵ Para sua fundação o centro recebeu auxílio financeiro não apenas de instituições de apoio a pesquisa, como a FAPESP, mas também da Confederação Nacional das Indústrias, o que aponta para o reconhecimento do grupo, de seu viés teórico e da relevância de seus temas para além da academia, e especificamente, para a elite econômica e industrial nacional (ARRUDA, GARCIA, 2004:107).

⁹⁶ Comprovada pela candidatura de Octávio Ianni ao cargo de catedrático de Sociologia II em 1964, onde Ruy Coelho era primeiro assistente e conseqüentemente o “descendente legítimo” do título (PULICI, 2004).

⁹⁷ Título ao qual ele ascendeu sem passar por outros estágios da pós-graduação graças a uma

Heloisa conta sobre essa trajetória:

O Azis foi militante, ele foi do partido socialista, nos áureos tempos do partido socialista (...). Ele começou fazendo curso de farmácia, mas **tinha uma militância muito grande junto ao meio sindical**, pelo partido socialista. E ele teve um primeiro (...) descolamento de retina e então perdeu a visão de um olho, e o outro estava ameaçado. Mas ele tinha uma viagem para o interior de São Paulo, uma viagem de militância política, que ele tinha já marcado a ida, e ele resolveu ir antes de ir ao médico. Quando ele voltou houve o descolamento da retina do outro olho e não foi possível, perdeu a visão dos dois olhos. (...) E **ele começou a vir fazer outros cursos como ouvinte na faculdade de filosofia, um amigo dele que era o Antônio Cândido que era também do partido socialista insistiu que ele viesse também fazer curso como aluno regular. Ele fez o vestibular e veio fazer ciências sociais.** (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

Como Carolina Pulici aponta, seus estudos pioneiros na problemática do trabalho industrial na cidade de São Paulo não foram suficientes para garantir-lhe uma vaga no CESIT ou mesmo a inserção no grupo da Sociologia I, seja por sua impossibilidade de cumprir os moldes de produtividade lá exigidos, seja por suas amizades anteriores com outros professores da Sociologia II. De qualquer forma, exemplo aponta para importância das alianças e filiações políticas dentro do curso de ciências sociais, relações que organizavam o espaço e que continuariam dominantes mesmo após o fim do sistema de cátedras⁹⁸.

Como aluna de Asiz Simão, Heloisa desenvolveu, para além do tema sindicalismo, o interesse pela área de métodos de pesquisa qualitativa e trabalho de campo durante as aulas da disciplina de Prática de Pesquisa. Junto com a iniciação científica termina a graduação, em 1963.

licença especial concedida por sua deficiência visual.

⁹⁸ A este caso poderíamos ligar ainda a afirmação de Bourdieu (2011): “O que significa que não são, como se acredita comumente, os posicionamentos políticos que determinam os posicionamentos sobre as coisas universitárias, mas as posições no campo universitário que orientam os posicionamentos sobre a política em geral e sobre os problemas universitários” (p. 295)

... a formatura estava marcada para o dia dois de abril de 64, paraninfo era Darcy Ribeiro. (...) escolhemos para fazer a colação de grau, aqui na cidade universitária. Naquela época estavam sendo construídos os primeiros prédios, alguns cursos já estavam sendo dados aqui (...) e nós começamos a discutir, vamos fazer a formatura mesmo, ou não. Porque com o **golpe militar em 31 de março** o Darcy Ribeiro tinha saído de Brasília para evitar a prisão e a gente achou melhor que sem o paraninfo não dá para fazer colação de grau (rindo), resolvemos adiar. (...) **não participei da cerimônia de formatura que houve depois** porque achei que não tinha nada a ver comigo, **foi uma afirmação política**. E depois peguei meu certificado de conclusão na secretaria da faculdade, coleei grau na secretaria. (MARTINS entrevista 29 de março, 2011)

Profissionalização e Casamento

Mesmo formada Heloisa não afastou-se da Faculdade, continuou fazendo disciplinas isoladas (na estatística e na sociologia) e começou um curso de especialização em Sociologia do Trabalho, concluído em 1965 e equiparado em 1968 à pós-graduação, instituída em 1967. Procurando emprego se candidatou para uma vaga de “relações humanas no trabalho” na Colgate-Palmolive e enquanto esperava a resposta da entrevista recebeu o convite por parte de Asiz para trabalhar no órgão dirigido pelo professor José Albertino Rodrigues, o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), calculando índice de custo de vida. Ela conta:

Então eu falei 'Mas professor, será que dá certo?', ele respondeu 'Você não quer fazer pesquisa sobre sindicato?' (...) Porque o Asiz (...) achava que antes de você escrever um projeto, antes de você trabalhar com o seu material, ou fazer, ler teoria (*rindo*), você tinha que fazer uma observação, do que era o sindicato. Então ele dizia '**é lá que você vai começar a superar as impressões que você tem sobre o sindicato, essas as imagens que a militância dava.**' (op. Cit. Grifos meus)

Mesmo com a resposta positiva do cargo na iniciativa privada, com melhor salário e melhores benefícios, aceitou a oportunidade de assistente técnica junto ao Departamento Intersindical, onde trabalhou por três anos, sempre mantendo um “diário de campo” de suas observações sobre o universo sindical e sem afastar-se da universidade. Além do coordenar uma equipe que levantava dados e calculava o índice de custo de vida, tinha lá oportunidade privilegiada de observar mais de perto aquele que se delineava como interesse de pesquisa, a liderança sindical. “Ali eu vi o que era o pelego sabe, essa figura do pelego que todo mundo dizia, amortizava o conflito entre a empresa e o trabalhador.” (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011)

No final do ano de 1966 se torna diretora técnica do DIEESE. Sobre esses anos de trabalho no DIEESE ela comenta: “trabalhar no DIEESE é... é gostoso, é uma doença, eu brinco. Quem entra lá é difícil querer sair. Porque mesmo naquelas condições muito precárias de trabalho que nós tínhamos, (...) você estava fazendo uma coisa prática!” (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011)⁹⁹.

Pouco tempo depois Heloisa casou-se com seu namorado de tempos de faculdade e que havia conhecido durante uma greve em 1962¹⁰⁰, José de Souza Martins, ou Martins, como ela o chama. Nascido em família operária de origens espanholas em São Caetano do Sul (SP), se criou entre o ambiente rural e o trabalho desde cedo na fábrica de ladrilhos e cerâmicas São Caetano S.A., empresa que lhe pagou parte dos estudos que permitiram de entrasse na faculdade de ciências sociais em período noturno¹⁰¹. Já na graduação inseriu-se rapidamente no grupo de Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, pessoas a quem

⁹⁹ “Os sindicalistas nunca engoliram o fato de que eu era mulher, uma diretora técnica mulher (...) e mais que tudo, eu era socióloga!” (op. Cit) comenta ela sobre o incomodo dos sindicalistas por ela não ter formação em economia.

¹⁰⁰ Como coloca Maria Helena Bueno Trigo: ““O pertencer a grupos como AP, POLOP ou PC e atuar nesses grupos era garantia de uma comunidade de ideais, portanto, base virtual para o nascimento de uma união baseada em afinidades e visões de mundo comuns: (...) Assim, a escolha de parceiro nesse momento é, em geral, pautada pela afinidade de posição e de ação dentro do exercício da política, fatos básico da sociabilidade desses anos 60, como já foi visto.” (1997:214)

¹⁰¹ De acordo com Heloisa, a turma noturna diferia da turma diurna – como é até hoje – em termos de extração de classe, idade e gênero: com mais alunos homens era composta em grande parte por pessoas mais velhas e que já trabalhavam (muitos bancários, segundo ela).

declara filiação até hoje, desenvolvendo suas pesquisas de mestrado e doutorado¹⁰² em temas relevantes para o CESIT (MARTINS, 1997), sendo contratado por esse mesmo órgão como instrutor extranumerário em 1965, dando aulas de introdução à sociologia dentro da cadeira de Sociologia I da FFCL-USP. Hoje, livre docente e professor titular aposentado da Universidade de São Paulo, José de Souza Martins é conhecido dentro e fora da acadêmica, nacional e internacionalmente, por suas pesquisas sobre o universo rural e tensões sociais na Amazônia.

Assim, em 1967, ambos já tinham empregos estabelecidos e não encontravam maiores impedimentos por parte da família ou do trabalho para casarem-se. Pelo contrário, como apontado no primeiro capítulo, esse tipo de união de “homogamia profissional” costumava (e costuma) ser bem vista por colegas e professores, uma vez que multiplica as redes de contato e laços de convivência de ambos os lados, além de estender para o universo doméstico os ritmos e valores da vida acadêmica. Por outro lado a união é proveitosa também por promover uma “dupla inserção” no campo de forma que um é sempre uma constante no espaço de produção do outro, gerando frequentemente possibilidades de trocas de informações, oportunidades e indicações. Ainda, como apontam Schienbinger, Henderson e Gilmartin (2008) sobre “casais acadêmicos” no cenário estadunidense:

The professional “value added” of partnerships is particularly strong for academic couples. Partners share intellectual interests and discuss their academic work with each other. **Sharing professional networks** stands out as perhaps the greatest career gain for academic couples compared with other couple types. Fifty-eight percent of academic couples share contacts, mentors, colleagues, and friends compared with one-quarter or less of faculty with stay-at-home or employed partners. **This greatly enhances each partner’s reach into the other’s circle of mentors, friends, and patrons. In academia, where power and privilege still often divide along gendered and racial/ethnic lines, access to multiple circles of knowledge and influence can potentially boost careers.**(2008:37/9,

¹⁰² Dissertação de mestrado: “Empresário e empresa na biografia do Conde Matarazzo” (1966) e tese de doutorado “A comunidade na sociedade de classes” (1970), ambas defendidas no departamento de sociologia da USP.

grifos meus).¹⁰³

Aqui, da mesma forma como observado no capítulo anterior, a união baseada em afinidades políticas, intelectuais e igualitários não excluía a consideração pela família, principalmente da perspectiva religiosa.

Minha sogra era protestante, batista, o Martins também foi batizado na igreja presbiteriana, depois que a minha sogra mudou para a igreja batista. **Nosso casamento foi ecumênico, para você ter uma ideia, mas não porque a gente estivesse fixado na igreja. A gente tinha uma aproximação maior com os dominicanos. Quando nós resolvemos casar, o meu pai era muito religioso e na minha família não se aceitava casamento que não fosse na igreja, então como é que nós vamos fazer? Nem ele frequentava a igreja e nem eu. (...)** E a gente pensou, pensou, disse não, nós vamos casar na igreja, mas só se for na Igreja de São Domingos. (...) **porque casar lá nos dominicanos, nas Perdizes, que tinha fama de ser uma igreja, envolvida com a esquerda, que os padres eram subversivos... Isso era 67, já tinha havido o golpe militar.** (...) Então nós fomos, casamos lá, nessa igreja, convidamos o pastor que o batizou quando ele foi para a igreja presbiteriana, que era um pastor progressista, depois fui reencontrá-lo lá no CEDI [*Centro Ecumênico de Documentação e Informação*]. (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011. Grifos meus)

É claramente uma procura pela não ruptura de padrões e

¹⁰³ “O “valor acrescido” profissional das parcerias é particularmente forte para casais acadêmicos. Os parceiros partilham interesses intelectuais e discutem seus trabalhos entre si. A divisão de redes profissionais é, provavelmente, o maior ganho em termos de carreira para casais acadêmicos em comparação com outros tipos de casais. 58% dos casais acadêmicos compartilham contatos, mentores, colegas e amigos, em comparação à um quarto ou menos de docentes com parceiros em outras ocupações. Isso aumenta consideravelmente o alcance de cada parceiro no círculo de mentores, amigos e patronos do companheiro. Na academia, onde poder e privilégio se repartem ainda muitas vezes de acordo com gênero, raça ou etnia, acesso à múltiplos círculos de conhecimento e influência pode potencialmente impulsionar carreiras.” (livre tradução da autora)

relações, mas uma adaptação dessas à perspectivas individuais e políticas. Em 1968 Asiz Simão indica Heloisa, sua “orientanda caçula” (PULICI, 2004:148) para entrar no departamento de ciências sociais da USP como professora (instrutora extranumerária) da disciplina de metodologia de pesquisa dentro da cadeira de Sociologia II, então sob direção de Ruy Coelho. Desde que assumiu a diretoria técnica do DIEESE, Heloisa tinha se afastado da universidade e viu nesse convite a oportunidade de fazer seu mestrado e desenvolver uma pesquisa própria, independente da demanda do movimento sindical (como era necessariamente no diretório). “Também o meu marido me incentivou muito (...) me senti muito honrada por ter sido lembrada.” (op. Cit.). Era a época da reforma universitária e da intensificação da repressão por parte do regime militar, que precedia as aposentadorias compulsórias de Florestan Fernandes, Octávio Ianni, dentre outros. Sobre esse primeiro ano conta.

Foi um período muito difícil, um começo muito difícil, era o ano de 1968, houve a greve dos alunos, a ocupação do prédio da Rua Maria Antonia e depois o ataque pelo pessoal da repressão alojado no prédio do Mackenzie¹⁰⁴ e a vinda para a Cidade Universitária. (ibid. op.cit, grifos meus)

Conjugando família e departamento...

Os planos de mestrado tiveram de ser adiados por alguns anos: além das turbulências políticas do começo da década de 1970 – que com a implementação da reforma universitária desfazia o sistema de cátedras, instituía o formato de departamentos e reestruturava a pós graduação – Heloisa teve sua primeira filha em 1971. Com a filha bebê, o marido em constantes viagens de pesquisa para o Vale da Paraíba, dando aulas para o curso diurno e noturno e seguindo as pesquisas de mestrado Heloisa pode contar com a ajuda de duas empregadas domésticas e, esporadicamente, da sogra e do pai. Sua mãe havia adoecido durante sua gravidez e os irmãos trabalhavam e moravam longe, sem muito tempo para ajudar. Articular essa rede permitia que, quando a filha estava sob o olhar atento de outras pessoas, ela se poderia dedicar-se a dar aulas, corrigir trabalhos, pesquisar e escrever. Terminou por defender a

¹⁰⁴ Ver nota 71.

dissertação de mestrado, que tinha como tema a figura do dirigente sindical como um burocrata, uma discussão weberiana em cima das observações que tinha feito nos anos de trabalho no DIEESE, em 1975. No ano seguinte, graças a contatos que tinha estabelecido em uma ida anterior à Inglaterra (por indicação do prof. Fernando Henrique Cardoso) e ao seu envolvimento com a questão agrária, José de Souza Martins foi convidado como Visiting Scholar pelo Centre of Latin American Studies da Universidade de Cambridge, convite que foi estendido à Heloisa, permitindo que toda a família passasse um semestre lá.

Esse tipo de oportunidade repetiu-se outras vezes ao longo da carreira de ambos graças, segundo Heloisa, à visibilidade que o trabalho de seu marido sobre a Amazônia ganhara no exterior. Em 1983 José de Souza Martins foi convidado como visiting scholar da University of Florida (EUA), convite que mais uma vez foi estendido à Heloisa; pouco tempo depois, em 1985, foram convidados por diferentes movimentos sociais italianos, ligados à questão rural, à igreja e ao sindicalismo, para uma série de palestras no país. Por fim, em 1993 Martins foi nomeado professor titular da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge pelo ano letivo 1993-1994, ao que foi feito um convite de visiting scholar para Heloisa na mesma universidade. Em todas essas ocasiões, os intercâmbios acadêmicos converteram-se em viagens familiares.

... só aceitávamos compromissos assim grandes se coincidissem com o período de férias delas. Por exemplo, na segunda viagem para a Inglaterra, quando ele foi escolhido para a cátedra Simón Bolívar, lá na Universidade de Cambridge, ele iria ficar um ano. **Então, ele foi em setembro, que era quando começava o período de aula lá, em dezembro nós fomos (...)** E elas [*as filhas*] não queriam perder a turma [*de escola*], então eu voltei com elas e ele ainda ficou para completar o ano até o final do semestre. (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011. grifos meus)

Ainda sobre as “políticas” de cuidado com as filhas acrescenta:

Uma decisão que a gente tomou é que elas nunca

ficariam sozinhas, os dois viajarem no mesmo momento. Então quando ele tinha que viajar, eu ficava. Eu viajava muito pouco... (op. Cit. Grifos meus)

Nessas estadas no exterior ficava também a cargo de Heloisa matricular as filhas em escolas ou cursos e organizar (com outras mães) esquemas de cuidado que possibilitassem seus estudos. Foi sozinha também que ela fez a mudança para a primeira casa que compraram, e que passou pelos momentos finais da sua segunda gravidez, em 1979¹⁰⁵. Mesmo assim a valorização da qualidade de acordo, compromisso mútuo e responsabilidade compartilhada é muito presente no discurso sobre o cuidado com as filhas, e não apenas nessas ocasiões de viagens, mas também no cotidiano, como na escolha do horário de aulas de ambos na universidade, por exemplo. Dessa forma, fica claro como a limitação de seus interesses de pesquisa à grande cidade de São Paulo possibilitou diretamente o investimento do companheiro em longas pesquisas na Amazônia. Assim, se de certa forma os discursos feministas já estavam bastante internalizados nestes grupos, com o trabalho e a inserção de mulheres em meios intelectuais encarados com maior normalidade e respeito do que em épocas anteriores, a divisão do cuidado e da reprodução doméstica ainda engatinhavam (se é que hoje encontram-se em estágio muito mais avançado). Como comenta Paulo Henrique, filho de Ruth e Fernando Henrique Cardoso, na biografia sobre a mãe.

Na verdade, era ela quem tomava conta, **papai só entrava em cena por conta dela, ficava no mundo dele**, não queria problemas, esse negócio de filhos é um incômodo. **O criar era com ela**. A frase que todo menino ouve, 'espere até seu pai chegar', ouvi poucas vezes, ela resolvia logo, **não era de**

¹⁰⁵ “Eu estava de repouso, era a época da pesquisa dele na Amazônia, então ele aproveitava o mês de julho, **ele fazia pesquisa nos meses de férias**, e ele tinha um compromisso no mês de julho e **eu comecei o repouso já no final de junho. A minha sogra foi para casa ficar comigo. E ele então fez a viagem**. Eu fiquei de repouso durante julho, aí no começo de agosto era o casamento do meu irmão e na véspera do casamento do meu irmão, **eu comecei a ter contração, e ele, o Martins não estava. Ele chegou dali uns dias, ele não estava. Eu precisei chamar duas vizinhas, elas foram comigo até o hospital, a minha sogra não dirigia**, me levaram até o hospital. Eu fiquei internada do dia 4 até o dia 11. O Martins chegou... eu acho que ele chegou no dia 6 ou 7, qualquer coisa assim.” (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011. grifos meus)

delegar. O que víamos em casa era uma mulher sempre tentando passar uma visão, procurando ensinar, uma professora. (BRANDÃO, 2010:62. Grifos meus)

Como vimos nos capítulos anteriores, essas mulheres completamente inseridas no cotidiano profissional, não abriam mão das tarefas da educação e cuidado domésticas, entendidas por todos como suas por excelência. Elas não delegavam tarefas, mas as acumulavam para si ou dividiam com ajudantes pagas ou familiares. Contudo, seria errado afirmar que trata-se então de um modelo conjugal e familiar tradicional, uma vez que há uma grande diferença nos discursos: o tom não hierarquizado e de constantes conversas e acordos destacado nas falas acima revela sim uma valorização da igualdade nessas experiências, tanto entre o casal quanto com as filhas, promovendo uma vida familiar e conjugal não impositiva e pouco hierarquizada, onde os pais, em diferentes intensidades, esforçam-se para respeitar as demandas e participar da criação das filhas.

Ao falar da carreira de suas filhas hoje em dia, a mais velha professora do departamento de Geociências da mesma universidade e a mais nova psicóloga, Heloisa contou achar bom que nenhuma delas escolheu enveredar pela mesma carreira dos pais, já que, segundo ela, no campo universitário, tão concorrido e competitivo, existiria uma pressão muito grande sob os filhos que seguem na mesma área dos pais, tanto no sentido de terem seus trabalhos sempre comparados quanto por serem alvo de constantes comentários maldosos e acusações de nepotismo e oportunismo. Nessa mesma conversa, quando perguntei-lhe se esses problemas não aconteciam também com casais que dividem esse universo, ao que ela assentiu. Falou que além de ser difícil separar a casa do trabalho, o fato de eles serem casados não significava que “deveriam ter o mesmo pensamento, concordar sempre”, e que essa relação gerava comentários e intrigas no departamento, que sempre a incomodaram muito. Sobre um problema de saúde afirmou “isso é uma doença com um fundo emocional muito forte, e eu tenho certeza que isso se deve em grande parte a esses problemas no departamento”. Ainda sobre as dificuldades dessa relação casamento/departamento, contou que a filha mais velha, como ela, também conheceu o marido na graduação e que atualmente ambos trabalham em áreas distintas dentro do mesmo departamento na USP. Na aula de concurso da filha o tema que lhe foi

sorteado foi exatamente o com que o marido trabalha, o que, segundo Heloisa, foi uma sorte por um lado, pois ela já tinha contato e conhecimento do assunto, mas que por outro lado serviu como motivo para fofocas e acusações de que o marido teria feito a aula para ela¹⁰⁶.

Maria Helena Bueno Trigo em sua tese “Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)” (1997) afirma que, dentro desse recorte histórico, foram poucos os casais de professores que seguiram trabalhando por toda carreira dentro de um mesmo departamento. A convivência profissional, segundo ela, atrapalharia a relação conjugal por colocar o casal em competição direta. Parafraseando uma de suas informantes:

Diz uma professora nessa situação: 'digo a você que não foi fácil trabalhar no mesmo departamento que meu marido. Ainda que eu pudesse ter deixado de lado o tema da competição, fica um envolvimento em problemas semelhantes que acaba **invadindo a vida doméstica**. É comum reclamação dos filhos sobre o nosso tema de conversa durante as refeições. Dizem eles: vocês não sabem falar de outras coisas, é só departamento, departamento... (1997:215 – 6)

A informante não é identificada, mas a fala poderia ser facilmente atribuída à Heloisa, uma vez que representa algo que ela viveu e é característico dessa geração. Logo no nosso primeiro encontro, ao explicar-lhe o tema de minha pesquisa, ela comentou que achava esse arranjo – em que o casal é também colega de departamento – ruim, uma vez que se tornava difícil separar “a casa do trabalho”, segundo ela as questões da universidade são levadas para casa e não encerradas na jornada de trabalho, transbordando para os momentos em família, com as filhas, que constantemente reclamavam que durante as refeições em família o assunto principal era sempre o universo do trabalho. “É muito complicado, é muito chato isso para elas. É claro que elas tinham espaço para colocar as questões delas, a gente procurava ajudar nos trabalhos da escola, nas provas...” (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011). E, se

¹⁰⁶ Todo esse paragrafo foi extraído das anotações são do meu diário de campo de 17 de fevereiro de 2011.

em casa as filhas se incomodavam com a constante presença do trabalho no cotidiano familiar, dentro do departamento, a relação gerava também comentários e fofocas incômodas e a expectativa de que ambos partilhassem sempre do mesmo das mesmas opiniões e posicionamentos, que estivessem sempre de acordo.

Como no capítulo anterior, essa imposição de um formato “fusional” sobre o casal por um olhar externo engendra em discursos e práticas que sublinham as diferenças individuais por parte das mulheres. Em toda sua fala, Heloisa sempre reforça que seus temas de pesquisa e referenciais teóricos eram completamente distintos. Para um observante externo essas diferenças talvez não sejam tão óbvias, ou perceberia-se mais os pontos de encontro do que divergências – o foco na temática do trabalho (seja no mundo rural ou urbano), a preocupação com uma sociologia engajada e a influência do pensamento de Marx (mais ressaltada no trabalho dele do que no dela) – todavia, elas são essenciais para que se criem identidades intelectuais individuais e que, ao mesmo tempo, por seus temas e objetivos, os isentam da competição acadêmica.

F: você falou também, as suas pesquisas e as dele sempre foram em áreas distintas...

H: Diferentes

F: Nunca houve a ideia, a possibilidade de vocês desenvolverem uma pesquisa juntos?

H: Não, nunca

F: Nunca, nem um interesse?

H: Nenhum interesse! Mesmo porque ele trabalha com temas diferentes, o Martins conduziu um seminário aqui durante 15 anos, sobre Marx.(...). Ai ele sugeriu de lerem o Henri Lefebvre, então leram também toda a obra. (...) Ele começou a trabalhar nessa linha e que não é a minha linha de pesquisa, não é a minha influência teórica. Até li alguma coisa do Lefebvre, acho muito interessante, mas o Martins tem uma influência, uma linha de pesquisa, uma fundamentação, uma base teórica dada pelo método do Marx mesmo, porque o Lefebvre é marxiano também...

F: E nesse sentido então, você não percebe muita influência do seu pensamento no dele, e do dele no seu...

H: Não, nada, nada, nada...

F: Nada?

H: Às vezes temos divergências até, não tanto teóricas mas...

porque eu acho que a base do Marx é importante, mas é menos forte no meu trabalho. (...) **Agora o que mais a gente tem são divergências políticas...** (Op.cit. Grifos meus)

A não-competição é aqui um valor dado, não problematizado ou discutido e que modela as trajetórias de cada um dos parceiros. Ela é uma regra implícita, estabelecida uma vez que a competição nega as posições de companheirismo e igualdade tão valorizadas nas relações de conjugalidade. Como coloca Londa Schienbinger, Andrea D. Henderson e Shannon K. Gilmartin (2008) “Academic couples, in other words, place a relatively high premium on balance and equality in their relationships.”¹⁰⁷(p. 35). É essa preservação de espaços separados (mesmo que sejam micro), que aparentemente possibilita uma convivência tão intensa. Assim, para além de temas ou referenciais teóricos, é importante nas “estratégias de harmonia” desses casais que hajam diferentes objetivos de carreira, ou seja, que ambos não estejam atrás dos mesmos títulos, das mesmas bolsas ou dos mesmos cargos. É necessária uma micro diferenciação dentro do campo que possibilita a criação de espaços individuais que promovam uma convivência não competitiva no meio universitário, e que assim, não geradora conflitos no espaço conjugal. Vemos aqui a compatibilização de duas esferas com ideais amplamente incompatíveis¹⁰⁸.

Ao mesmo tempo em que se busca uma situação de não competitividade acadêmica, esta é montada levando em conta a necessidade de uma certa compatibilidade de diferentes *perfis intelectuais* no cotidiano familiar e doméstico. Defino aqui por perfis intelectuais acadêmicos as orientações individuais tomadas dentro da docência universitária, podendo ser focadas na pesquisa, aquisição de títulos e produção bibliográfica, no ensino e na orientação em seus diferentes estágios, na dedicação ao trabalho de extensão com a

¹⁰⁷ Livre tradução da autora: “Em outras palavras, casais acadêmicos colocam em alta estima o equilíbrio e a igualdade em suas relações.”

¹⁰⁸ Como define rapidamente Bourdieu: “O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.” (1983: 122).

comunidade, na política acadêmica e na intenção de acúmulo de cargos e poder dentro da instituição, entre outros. Ao misturarem-se conjugalidade com academia, esses perfis seriam compatíveis na medida que não instituíssem competição, ou seja, na diferença. É claro que não são identidades puras e que juntos esses compõe a gama de funções exigidas de um intelectual dedicado à universidade, o rodízio de cargos de chefia departamental é praxe em muitos departamentos pelo Brasil, todavia esses perfis representam orientações, vertentes diferentemente privilegiadas no cotidiano de cada profissional.

Além de ser problemático que ambos os parceiros tenham o mesmo objetivo/perfil no espaço de trabalho - como, por exemplo, o de galgar postos na política acadêmica – uma paridade de ritmo de dedicação e intensidade à universidade exigiria ou uma divisão completamente igualitária das funções de cuidado e reprodução doméstica, ou a terceirização total dessas. Essas duas opções raramente são adotadas, sobrecarregando-se assim um cônjuge ou “adequando organicamente” seu perfil acadêmico. Para que um parceiro passe meses fazendo trabalho de campo longe de casa, ou se dedique quase integralmente à escrita, para que ele renuncie à vida cotidiana em nome de um objetivo científico, como colocaria Londa Schiebinger (2001), é necessário que o outro esteja disponível para o cuidado dos filhos e da casa, para a reprodução das condições da vida cotidiana, que o outro assuma funções de um *necessary other* (BROWNLEY e PERRY, 1984), por assim dizer. E para que esse parceiro, por sua vez, possa dedicar-se no dia a dia à essas funções reprodutivas certas limitações rapidamente se impõe em seu trabalho, uma vez que lhe é essencial uma maior disponibilidade de tempo e dedicação para os filhos, para a casa, para a família, mesmo com todos auxílios que o trabalho doméstico terceirizado ou a família estendida possam trazer. Uma tradicional divisão de gênero do trabalho doméstico se desenha aqui, uma que implica em consequências importantes para as trajetórias e perfis intelectuais no feminino.

Como Londa Schienbinger, Andrea D. Henderson e Shannon K. Gilmartin (2008) colocam sobre o resultado de suas pesquisas realizadas em universidades estadunidenses:

... men privilege their careers over those of their partners at significantly higher rates than do women.(...) Analyzing

this finding further by academic rank, women even at the highest rank (full or endowed professor), whom one might expect to have to put their careers first in order to succeed, report that within their relationship they value their own and their partner's careers equally. In fact, this trend of lending **equal weight to both careers in the partnership increases as women move up the academic ladder. Men at all ranks, even the lowest, give priority to their careers significantly more than do women (P. 35-6)**¹⁰⁹

Ou seja, mesmo que dessas mulheres haja uma forte presença em seus discursos do ideal igualitário, de não hierarquia e partilha de responsabilidades, esse subsumi, muitas vezes, à divisões tradicionais de gênero relativas ao trabalho, administração e cuidado doméstico¹¹⁰. As consequências sobre quem, dentro do casal, tem maior disponibilidade para investir na carreira acadêmica e galgar lugares de prestígio e excelência é clara e reproduz a norma de gênero nesse campo (SCHIENBINGER, 2001).

Tensões acadêmicas

Um dos desdobramentos da reforma universitária de 1968 foi a exigência, por parte da Universidade, não apenas de titulação dos professores e professoras (mestrado e doutorado), como também a realização de um concurso para a efetivação de suas contratações. Como analisa Pierre Bourdieu (1983, 2011), concursos são um momento de especial tensão na vida acadêmica, que evidenciam as disputas de poder e os capitais simbólicos articulados no campo dissimulados pelo ideal de

¹⁰⁹ Livre tradução da autora: “proporcionalmente, homens privilegiam mais suas carreiras em detrimento da do parceiro do que mulheres. Analisando esse dado pelo ranqueamento acadêmico, mesmo mulheres que se encontram nas posições mais altas da escala universitária, aquelas de quem poderíamos esperar colocar suas carreiras em primeiro lugar para alcançar o sucesso, afirmam que nos seus relacionamentos valorizam igualmente a sua carreira e a do parceiro. De fato, essa tendência em atribuir peso igual a ambas carreiras na parceria cresce ao passo que as mulheres se encontram mais alto na escada acadêmica. Homens em qualquer posição, até na mais baixa, dão significativamente maior prioridades às suas carreiras que mulheres.”

¹¹⁰ É claro que, como em grande parte da classe média, esse trabalho doméstico é em parte terceirizado, com babás e empregadas domésticas ou mesmo outros membros da família, mas, de modo esmagadoramente geral, isso ainda implica em uma feminilização desse trabalho.

“eleição pura”, de meritocracia. Assim, um concurso para efetivação de professores já contratados (à título precário) com menos vagas do que concorrentes e em um departamento historicamente dividido é cenário mais do que propenso para conflito. Como Heloisa conta, em 1978 seu marido havia rompido relações recentemente com dois colegas também da extinta cadeira de sociologia I. Na ocasião do concurso conflitos pessoais e políticos se acirraram para a formação da banca julgadora e Heloisa, por solidariedade e concordância, alinhou-se contra alguns colegas poderosos e a favor do marido¹¹¹. Frente ao impasse apresentado outra banca foi composta, porém o conflito estava estabelecido e as relações entre Martins e muitos de seus ex colegas, rompidas, status que se estendia também sobre Heloisa.

Com outra banca formada, constituída por professores da antiga Sociologia II, Martins antecipou-se as provas de concurso, por ter compromissos de pesquisa previamente agendados na Amazônia.

... durante o concurso ele nem estava aí, o dia que eu li a prova ele não estava, o dia em que eu dei aula, ele nem estava aí, entendeu. E **os comentários também ele nem ouviu, porque eu que ouvi tudo, e eu vi a reação das pessoas!** Você precisa ver o desprezo com que me trataram ... (op. Cit)

Finalizadas as avaliações José de Souza Martins foi aprovado em primeiro lugar e Heloisa em sétimo, instigando assim animosidades e boatos.

... disseram que eu tinha sido protegida pela banca, sabe, que eu já sabia de antemão qual era o resultado do concurso. (...) você não sabe o que eu ouvi depois do concurso, os comentários até, ninguém se solidarizou comigo, ninguém, **todo mundo comentou que eu tinha sido favorecida, que a banca tinha ficado intimidada pela ação do Martins, o aprovou em primeiro lugar e colocou a mulher do Martins em sétimo lugar! Quer dizer, eu não tinha tido nenhum mérito, não foi pelo meu desempenho foi porque eu era mulher ...** (ibid. op. cit)

¹¹¹ “E eu por solidariedade fiquei do lado do meu marido, eu achava... mas, mesmo assim, eu achava que ele tinha razão!” (op. cit)

Todo esse episódio foi, segundo Heloisa, expressão da competição acadêmica. Ao se colocarem no caminho do grupo que detinha o poder político-institucional e com quem antes partilhavam de relações não apenas amenas como também de aliança, questionaram a ordem de poder estabelecida e, de diferentes formas, foram relocados para um lugar de *outsider* - para não dizer de ostracismo - dentro do departamento. José de Souza Martins em seu memorial de 1997 fala da posição que adotou ainda no começo dos anos 1970:

Para mim ficou claro, então, que a era dos interlocutores próximos tinha acabado. **E que a única maneira de sobreviver intelectualmente era a de construir uma nova modalidade de diálogo, através da redação e publicação de trabalhos, dando a conhecer um círculo mais amplo aquilo que estava fazendo.** Era o modo de escapar do assédio que limitava e empobrecia a atividade acadêmica. Era, também, o modo de furar o bloqueio do corporativismo excludente que já começara a ganhar força em 1968 e ia se tornando um estilo em nossas universidades. (p. 14-15, *grifos meus*)

Já Heloisa, além de afastar-se presencialmente do curso de ciências sociais por 10 anos - dando aulas no departamento de economia da USP - optou por dedicar-se ao envolvimento com o movimento social e trabalho de extensão. Para além das consequências em suas relações profissionais, ela ainda aponta como laços afetivos e de amizade também foram rompidos nesse momento.

Na academia eu virei um pouco cínica. **Na academia eu tenho colegas, eu não tenho amigos**, porque amigo você frequenta você procura. Houve uma época (...) a gente frequentava as casas uns dos outros, aniversário de criança, dos filhos, convidava. E agora não tem nenhum tipo de proximidade que eu possa dizer de amizade. Os meus amigos estão fora e aí que é o drama, porque para ter amigos você precisa frequentar e aí você leva o trabalho para casa a noite, você trabalha a noite, você trabalha finais de semana, é muito difícil manter essa amizade. (...) **Então a gente se isola, incrível essa sensação que eu tenho.** (entrevista 31 de março, 2011. Grifos meus)

Sob o mesmo cenário institucional que Josildeth e Jerusa, Heloisa fez seu doutoramento por exigência do sistema imposto pela reforma universitária. Nesse período o universo de estudo de Heloisa, o movimento sindical, encontrava-se igualmente em transformação aproximando-se da Igreja Católica através das recém-criadas pastorais sociais, das comunidades eclesiais de base e da influência da Teologia da Libertação. A pesquisa de seu marido na Amazônia já tinha como um ator importante a Pastoral da Terra¹¹² e foi ele quem, como Heloisa conta, chamou sua atenção pela primeira vez para a Pastoral Operária como uma possível entrada na relação entre igreja católica e movimento operário na região do ABC paulista que pretendia explorar no doutorado. Participando do Centro de Estudos da Religião Duglas Teixeira Monteiro, um dos poucos professores com quem manteve relações após o conflito do concurso, entrou em contato com o CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) onde trabalharia como assistente voluntária pelos próximos 16 anos, até o fim da instituição em 1994. Sobre esse centro ela conta:

Então a perspectiva do CEDI era: fortalecer esses movimentos, **subsidiar e fortalecer esses movimentos sociais e movimentos populares**, (...) discutir com eles e subsidiar em termos de um conhecimento que (...) contribuisse para que eles ganhassem uma autonomia e pudessem avançar por eles, sozinhos. (...) Porque o CEDI se organizou como um grupo especialmente de **membros das igrejas**, protestante e católica, (...) **no enfrentamento com a ditadura** e na denúncia da perda dos direitos humanos, da tortura e da defesa (...) das vítimas que estavam sendo torturadas e mortas pela repressão. Aquele movimento, **“Tortura nunca mais”** surge daí, o CEDI teve uma participação muito grande na elaboração desse material (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

¹¹² Ela explica: “E ele [José de Souza Martins] é que me chamou a atenção para a pastoral operária. Porque a Pastoral da Terra tinha sido criada por sugestão do Pedro Casaldaliga e a Pastoral Operária aqui em São Paulo é um pouco uma decorrência dessa proposta de pastorais dentro desse contexto da Teologia da Libertação, comunidades eclesiais de base, etc.” (MARTINS, entrevista 29 de março 2011)

Foi uma retomada do engajamento com os movimentos sociais dos tempos de graduação e uma reaproximação com o universo da igreja, tão presente em sua infância. Nesses 16 anos de trabalho voluntário o pretexto de realizar pesquisa para o doutorado acabou subsumindo frente ao engajamento político, pelo qual promoveu o diálogo entre o movimento social e a academia, levando professores e intelectuais para fazerem palestras e debates junto aos movimentos populares da região do ABC, zona leste e zona sul de São Paulo. Para além do projeto “Igreja e memória no movimento sindical do ABC” e do mencionado “Tortura nunca mais”, envolveu-se no acompanhamento do processo de redemocratização do final dos anos de 1980, promovendo debates e palestras junto à população nos finais de semana na periferia de São Paulo. “Então eu tenho muito orgulho de ter participado dessa história aí” (entrevista 29 de março, 2011). O prólogo de seu artigo de 1980 “A igreja na greve dos metalúrgicos, São Bernardo – 1980” resume bem o trabalho que desenvolveu nesse período:

Muito se tem dito e escrito, ultimamente, sobre as relações da Igreja com o movimento operário do ABC. Mas poucas vezes os verdadeiros personagens dessa história têm tido oportunidade de contar como ela ocorreu. **Este é um documento que pretende dar vez e voz aos operários e padres** que participaram da campanha salarial e da greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1980. (p. 07, grifos meus)

A definição desse período como gratificante e animador se faz principalmente com o contraste da situação que vivia na universidade.

Eu mal passava por aqui [*departamento de ciências sociais*], e aí eu me apeguei ao CEDI, ao pessoal, ao trabalho no CEDI. **Porque era isso que compensava de alguma forma o desgaste de ter que vir trabalhar aqui**, sabe. Eu não queria, eu passei a não conversar com vários colegas porque eles agiram de uma forma ofensiva, desrespeitosa sabe, fizeram muita intriga, muita fofoca ... (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

Reengajamento

O desapontamento com a vida acadêmica a fez pensar seriamente em abandonar a universidade e dedicar-se exclusivamente ao CEDI, já não na condição liminar de voluntária - militante, mas na de funcionária. Mesmo assim, a sensação de compromisso com o orientador Asiz Simão¹¹³, que a acolhera desde a graduação e a trouxera para o corpo docente, lhe impelia a, ao menos, concluir seu doutoramento, processo que demorou 8 anos.

Só fui terminar o doutorado mesmo em 86, eu defendi em 87, porque ai também os limites estava todos estourados. É, como lhe disse, **para conseguir terminar o doutorado eu fui fazer terapia**. [risos] Mas ai eu decidi, quando eu tomei a decisão... **Eu disse não, eu vou fazer, nem que depois eu saia da faculdade**. (31 de março, 2011. Grifos meus)

Mas não saiu, pelo contrário, resolveu voltar a dar aulas de Métodos e Técnicas de Pesquisa no departamento de ciências sociais¹¹⁴, e investir na formação dos alunos de graduação. Heloisa conta ser das únicas pessoas que conhece no departamento de Ciências Sociais da USP que entraram no professorado de ciências sociais para dar aula de Métodos e Técnicas de Pesquisa e seguiram ministrando essa disciplina até o fim de suas carreiras:

Me aposentei trabalhando (rindo) com métodos, fui a única pessoa que entrou para trabalhar com métodos e técnicas de pesquisa e se aposentou trabalhando com métodos e técnicas. Até dei a disciplina no ano em que eu me aposentei, ela era uma disciplina de segundo semestre, obrigatória, eu ainda dei porque não tinha, tinha só uma colega que ia ter que ficar sozinha com a disciplina, então eu assumi uma turma no diurno e outra no noturno.”
(MARTINS entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

¹¹³ Como ela coloca “eu devia isso a ele”.

¹¹⁴ “... cansei também 10 anos eu disse 'já paguei minha pena, eu vou voltar, uma pena que me impuseram', eu falei 'eu vou voltar'.”(MARTINS, entrevista 29 de março, 2011)

Tal comentário que indica não só o apreço que Heloisa tem pela discussão metodológica, mas principalmente sua percepção sobre o caráter desvalorizado que a formação do alunado de graduação (e não apenas em habilidades práticas) assumiu para a docência. Desenvolvendo projetos de pesquisa com seus alunos da disciplina possibilitou que muitos dessem os primeiros passos naquilo que seria, mais tarde, seus objetos de pesquisa na pós-graduação e na vida profissional.

Eu ficava catando colega “ah, vai procurar fulano que trabalha com esse tema, vai procurar sicrano”, **ninguém queria perder tempo com aluno de graduação. Era a época em que a pós-graduação estava se fortalecendo**, todo mundo queria trabalhar na pós-graduação: você dá 4 horas de aula, conta o dobro e você tem 10 alunos na sala de aula, entendeu, quando muito. Muito diferente de você dar uma disciplina na graduação quando você corrige, eu tinha 150 projetos no final do ano para ler. (...) **Por outro lado isso me incentivou a trabalhar só com iniciação científica.** Quando eu gostava do projeto de um aluno eu chamava e dizia “quer trabalhar comigo?”. Não necessariamente num projeto que eu tava desenvolvendo. (MARTINS, entrevista 29 de março, 2011. Grifos meus)

Assim, como Heloisa indica, me parece que, na década de 1990, com o estabelecimento definitivo das instituições de fomento à pesquisa como CAPES, CNPq e FAPESP, a adoção nacional do sistema lattes¹¹⁵ e da avaliação dos programas de pós-graduação por parte da CAPES¹¹⁶ engendrou-se uma significativa valorização da pós em oposição à graduação no cenário brasileiro. Os mecanismos instituídos por essas instâncias de avaliação tem por objetivo principal “o fomento da ciência e tecnologia” - e não a formação de profissionais em nível superior, por exemplo -, ou seja, tem por objetivo incentivar a produção de pesquisas e publicações além de orientações no nível da pós-graduação, espaço entendido como privilegiado para a produção de conhecimento. Dessa

¹¹⁵ Para mais sobre a criação da Plataforma Lattes ver: <http://lattes.cnpq.br/conteudo/historico.htm>

¹¹⁶ Para mais sobre a “coleta CAPES” ver: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/avaliacao-da-pos-graduacao>

forma, uma vez que o sistema funciona por mecanismos de premiação/pontuação das atividades profissionais - como veremos mais detalhamento no próximo capítulo ao abordarmos o título de pesquisador@ CNPq A1 – o trabalho docente na pós-graduação, como aponta Heloisa, se torna mais “bem recompensado” do que o feito na graduação. Como ela coloca sobre sua experiência na USP:

E eu sempre me recusei a trabalhar com a pós-graduação. (riso), **exatamente porque a pós-graduação começou a ter um destaque, todo mundo só queria trabalhar com a pós, e a graduação ficou abandonada.** Eu ria, porque eu mandava aluno conversar com professor, as vezes um professor bom, eu chegava e dizia “olha esse projeto aqui está ótimo, está dentro da sua linha de pesquisa, você não quer trabalhar com iniciação científica?”, “ah, deus me livre! Iniciação científica dá muito trabalho, não sei o quê” e não queria.(...) **Olha, doutorado tem prestígio, iniciação científica não tem. Essa é a minha interpretação, não sei se é válida ou não. Então eu achava que tinha que valorizar a graduação.** (Op.cit. Grifos meus)

Sem ser credenciada como professora da pós-graduação do departamento, coisa que aconteceu apenas no começo dos anos de 2000 pouco antes de sua aposentadoria, muitos desse alunos que formou em iniciação científica foram encaminhados para orientação de outros professores na pós, sendo assim responsável por essa importante primeira etapa de suas formações sem beneficiar-se das pontuações, reconhecimento e filiação que essa acarretaria mais para frente.

De 1968 à 2011 são 43 anos de trabalho como professora do departamento de Sociologia da USP, trabalho que pouco diminuiu com a aposentadoria em 2003. Na última década envolveu-se ainda com a luta pela volta da Sociologia no currículo do ensino médio, envolvendo-se assim com a Sociedade Brasileira de Sociologia e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo na elaboração do material didático para os professores e alunos da rede pública de ensino. Sobre esse extenso e importante trabalho, ela descreve:

Entrei naquela questão da proposta curricular de sociologia para o ensino médio, **essa luta pela volta da**

sociologia ao ensino médio também. Me envolvi também com a Sociedade Brasileira de Sociologia, isso me levou ao envolvimento com a secretaria de educação, a elaboração da proposta curricular de sociologia do ensino médio, elaboração do material didático, que são os cadernos que a secretaria fornece aos professores e alunos (...) Então eu montei uma equipe com 4 pessoas e a coordenei. Eu e outra colega elaborávamos o texto base dos 10 módulos, outra ajudava na pesquisa bibliográfica e de imagens e outra cuidava da parte da plataforma eletrônica. Trabalho insano, a cada 15 dias você tinha que entregar um módulo em que você discutia um tema, você elaborava, buscava material visual, bibliografias, documentários, textos suplementares, **tudo para subsidiar o professor, era uma loucura, uma loucura.** (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011. Grifos meus).

Desde seus tempos de graduação até a aposentadoria seu trabalho teórico nunca dissociou-se da prática, do engajamento, e da preocupação em realizar trabalhos para além da academia. Tendo se formado durante os debates pela reforma universitária, que pregavam uma universidade pública que prestasse serviços à comunidade (BOMENY, 1994), Heloísa e o marido dividem um posicionamento relativo ao trabalho de docência:

E isso é uma coisa que a gente sempre defendeu principalmente quando estava trabalhando com os movimentos sociais, os movimentos populares: nunca cobrar nada quando é convidado para fazer palestra, participar de seminário, que venha dos movimentos sociais ou que venha do governo, nada disso. **Porque isso é parte da nossa atribuição enquanto funcionário da USP. Nós temos que ter um trabalho de extensão,** e isso é parte desse trabalho de extensão. Eu entendi que muito do que eu fiz lá no CEDI como parte desse trabalho de extensão (...) Então é, **tudo isso eu entendia como uma parte, uma contribuição que eu podia dar enquanto um intelectual da universidade para esses movimentos. Transferir um pouco, enfim, não é transferir, mas, ajudar com um conhecimento que eu**

tinha sobre algumas coisas. (...) Foi muito interessante e muito importante para mim ter feito isso. (MARTINS, entrevista 31 de março, 2011. Grifos meus)

O que emerge aqui é uma noção de “função social” do intelectual acadêmico, ou seja, para além de desenvolver pesquisas individuais e “produzir resultados” (artigos, capítulos de livros, apresentações de trabalhos, todos os elementos valorizados pelas instituições financiadoras) o foco está na dedicação ao ensino e a formação de alunos desde a graduação e no trabalho juntamente com a comunidade, trazendo-a para o mundo acadêmico – através de artigos como os acima mencionados – e levando as discussões acadêmicas até ela. É uma percepção ética e política da profissão de docente em universidades públicas.

Atualmente, junto a seus planos de “aposentar-se de verdade”, afastando-se da docência e da universidade, Heloisa pretende desenvolver mais pesquisas dentro da área de juventude e trabalho. Uma delas se baseará em uma entrevista em profundidade com um jovem trabalhador fabril da Mercedes Benz, texto que ela pretende construir e publicar em parceria com ele. Trabalho próximo aquele feito com os trabalhadores e sindicalistas de São Bernardo, há 31 anos atrás (MARTINS, 1980), que tem por foco “dar vez e voz” à sujeitos distantes do debate e da discussão acadêmica, marca de toda sua produção intelectual.

Na sequência acompanharemos a última trajetória desse quarteto, apresentando um outro “perfil intelectual-acadêmico” e um certo fechamento de ciclo nesse bordado da formação das ciências sociais aqui desenhado.

Professora Nadya Araujo Guimarães: Nome e renome.

Desde a reforma universitária de 1968 estabeleceu-se uma trajetória acadêmica modelar – mestrado, doutorado, pós-doutorado, livre docência¹¹⁷, professor titular... - que é condizente com um sistema de valores no qual esses títulos são aliados à excelência profissional e intelectual. A escada de títulos baseia-se na capacidade dos indivíduos de produzirem pesquisas e monografias autorais (por mais que possam ser realizadas, em diferentes etapas, em grupo, os trabalhos devem ser eminentemente individuais) em suas respectivas áreas.

Um indício importante desse sistema é a Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) oferecida pelo CNPq, dividida em duas categorias (1 e 2) e quatro níveis (A, B, C e D) que apontam para uma escala de prestígio e excelência. Uma vez contemplado por essa bolsa, e conseqüentemente munido do título de “Pesquisador ...”, essa se torna a primeira informação que encontramos no *currículo lattes* d@ pesquisador/a, imediatamente abaixo do seu nome, obviando sua condição de elemento definitivo de distinção no meio acadêmico. Como o próprio nome indica, essa é uma bolsa – e conseqüentemente um prestigioso título - atribuída a quem se dedica à pesquisa, que tem como critérios de seleção e manutenção (CNPq, 2011): a produção científica do candidato, a formação de recursos humanos em nível de Pós-Graduação, a contribuição científica e tecnológica e para inovação, a coordenação ou participação principal em projetos de pesquisa e a participação em atividades editoriais e de gestão científica e administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica. Ou seja, não contempla em suas exigências principais a dedicação ao ensino de graduação, a orientação de Iniciação Científica ou de Trabalhos de Conclusão de Curso, nem trabalhos de extensão com a comunidade, outras facetas importantes da função docente.

Cheguei à professora Nadya pela dupla indicação de colegas e da professora Heloisa Martins ainda nos primeiros meses de 2011, quando fizemos o primeiro contato. Todavia se passaram mais de dois meses, 27 e-mails trocados e vários encontros desmarcados e

¹¹⁷ Apesar de não existir mais na maior parte das universidades do país (sendo considerada um resquício do sistema de cátedras) ainda é presente, e importante, no cenário universitário paulistano com concursos promovidos pela USP, UNICAMP, UNESP e UNIFESP .

remarcados para que pudéssemos finalmente realizar nossa entrevista no dia 30 de junho 2011, meu penúltimo dia em campo em São Paulo. Uma agenda tão concorrida e atribulada não é apenas típica do trabalho acadêmico como me pareceu então, mas é também sintoma do status de pesquisadora de produtividade nível 1A que Nadya ocupa, categoria de excelência atribuída aos pouc@s que cumprem suas altas exigências. No ano de 2010 existiam 1038 pesquisador@s contemplados por esse tipo de bolsa no país, sendo desses 242 mulheres e 796 homens (CNPQ, 2012)¹¹⁸.

Especialista em sociologia política, sociologia econômica, radicalismo eleitoral, trabalho industrial e desemprego, formou-se entre a UnB e o México, foi professora visitante na Universidade de Princeton, realizou seu pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology (MIT), ambos nos Estados Unidos. A trajetória e desempenho de Nadya, que a encaminharam para essa posição de prestígio, é profundamente marcada pelo cenário universitário já consideravelmente estruturado do qual usufruíram as pesquisadoras e pesquisadores de sua geração. Tendo se formado entre o final dos anos de 1960 e começo de 1970, Nadya teve a sua disposição, além de um sistema acadêmico mais consolidado (em termos de universidades, departamentos, financiamentos e carreiras), um cenário fortemente influenciado pelos discursos feministas, facilitando a inserção e desenvolvimento de mulheres nessas carreiras.

A formação do ethos acadêmico

Nadya nasceu em Salvador no começo da década de 1950 em uma família de situação financeira confortável (seu pai era contador de

¹¹⁸ De acordo com os números do CNPq, em 2012 133 bolsas de produtividade em pesquisa 1A encontram-se na grande área das ciências humanas (sendo 68 homens e 65 mulheres) e 21 uma delas na Sociologia (divididas entre 12 homens e 9 mulheres). Os número foram retirados das listas que encontram-se em <http://fomentonacional.cnpq.br/dmfomento/home/fmtmenu.jsp?op=1&sop=2>, (acessado em 22 de fevereiro de 2012). Todavia essas estatísticas não encontram-se “prontas” no site, sendo apenas listados os pesquisadores contemplados por qualquer forma de bolsa de produtividade. Os número acima foram levantados a partir de uma contagem nessa lista, de forma “artesanal” podendo não estar clinicamente precisos. Além disso, o último censo realizado pelo órgão foi em 2010, de modo que esses números não correspondem exatamente ao universo mencionado no texto acima (o de 1038 bolsas PQ1A). Não obstante, eles são um bom indicador do panorama nacional.

uma grande empresa, e a mãe dona de casa). Com a morte precoce da mãe, seguida pelo casamento e constituição de nova família pelo pai, ela passou a ser criada por uma tia médica que, com sua rotina de cuidado com pacientes, lhe inculuiu o desejo de estudar medicina para tornar-se cirurgiã pediátrica, como hoje lembra (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011). Apesar disso os testes vocacionais realizados pela escola indicavam o secundário clássico e não o científico, curso eminentemente masculino e prerrogativa para uma faculdade de medicina. O clássico, tido como a opção de moças de família, que faziam ballet e debutavam, era mal visto pela nova geração de moças, que se envolvia com a militância política e com as novas ondas artísticas. Como ela coloca.

... ao escolher o “científico” me vira livre da companhia indesejada daquelas que, com indisfarçável desprezo, chamávamos “as meninas do “clássico”. Sim, porque para o “científico” haviam se deslocado quase todos “os meninos” e um grupo muito especial de moças que, diferentemente das “meninas do clássico”, jamais haviam estudado ballet nas seletas escolas que preparavam as futuras debutantes, nem sequer haviam “debutado” **Entre nós, ao contrário, a saída da infância vinha marcada pelo rebelde habito de fumar e pelo prazer de partilhar os espaços da vida cultural alternativa...** (GUIMARÃES, 2002:08. Grifos meus)

Era a época do surgimento da tropicália, com os primeiros shows de Caetano Veloso e Gal Costa, da faculdade de filosofia da UFBA dirigida por Thales de Azevedo, com cursos e debates noturnos na Escola de teatro da Universidade e sessões frequentes do Clube de Cinema da Bahia. O ideal para estes jovens era a Paris de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que recentemente haviam passado pela cidade (1960), provocando rebuliço. Exemplares de periódicos como o *Les Temps Modernes* eram tidos como verdadeiros tesouros. Sobre a francofilia da juventude desse período, o contemporâneo soteropolitano e seu atual marido Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, descreve em seu memorial:

Estudei francês como um maníaco, para tirar o atraso, segundo racionalizava, posto que **àquela época parecia pensar que deveria ter nascido falando a língua dos**

sábios. (...) e passei a ler quase tudo, principalmente os autores considerados imprescindíveis por meu círculo, em francês. Não contente, fiz assinaturas do Le Monde, do Temps Modernes e do Esprit. Da varanda de minha casa, agora, não observava apenas as esparsas nuvens brancas de um céu sempre azulado: **acompanhava cuidadosamente o que se passava em Paris.** (2003:08-9)

Nesse cenário Nadya cursava o ensino médio no concorrido Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia, caracterizado como espaço para os filhos de uma classe média urbana e progressista, com uma inserção intensa no ethos e no cotidiano universitário da década de 1960. Por todo o Brasil os colégios de aplicação surgiram seguindo a criação das jovens universidades federais, proporcionando um espaço de treinamento para seus estudantes de licenciatura. Escolas marcadas pela experimentação pedagógica, pela proximidade entre alunos e professores e por um perfil democrático de ensino, que, a gosto da contracultura da época, desafiava hierarquias e propunha um diálogo horizontalizado¹¹⁹. Seus professores eram os jovens alunos da Universidade, muitas vezes companheiros de militância. Sobre essa inserção antecipada e intensa no cotidiano acadêmico ela coloca:

Essa insubordinação, que nasce da experiência de compor o cenário dos mestres aprendizes. **De ser socializado na certeza de que todos e qualquer um estão sujeitos à avaliação pública do seu trabalho, mesmo os nossos mestres; que consagra a capacidade intelectual como o passaporte do êxito, num mundo radicalmente universalista, marcaram a nossa socialização no Colégio**

¹¹⁹ Para um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFSC nesse mesmo período ver: DALLABRIDA, Norberto e LUCIANO, Ademir Soares (2011). CONTRACULTURA ESCOLAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC (1966-1973). IN: Revista Linhas. v. 12, n. 01, p. 189 – 203. Ainda para caracterizar essas instituições de ensino nesse período podemos lembrar da simbólica música dos Novos Baianos de 1970, que levava como título “Colégio de Aplicação”: No céu, azul, azul fumaça/Uma nova raça/**Saindo dos prédios para as praças/Uma nova raça/**No céu, azul, azul fumaça/As palavras correm pelos pensamentos/No céu, azul, azul fumaça/A mídia a morte calçam igual/**Uma geração em busca/Nem o bem, nem o mal/O próprio passo é a razão.**

de Aplicação. Aqui não valia o sobrenome ou a tradição familiar nos meios sociais da 'Cidade da Bahia', valiam a nota, o boletim, a capacidade de confrontar intelectualmente os professores na sala de aula. (GUIMARÃES, 2002:10. Grifos meus)

O ideal universalista, competitividade, a meritocracia e a excelência, valores centrais da carreira universitária foram para ela antecipados no cotidiano escolar. Além disso, o envolvimento com o movimento estudantil secundarista nos debates pela reforma do ensino em 1967 e também com sua faceta artística, integrando o grupo de teatro do Colégio de Aplicação completavam sua esfera de socialização, caracterizando-a, como ela bem o diz, como “alguém da geração de 68” (apud. p. 04), geração irmã das manifestações políticas estudantis apresentadas no capítulo anterior, envolvida nos debates sobre as reformas de base e, principalmente, a reforma universitária (BOMENY, 1994). Essa identidade “68” pode ser estendida para além de suas características culturais e geracionais e observada também como uma gama de possibilidades institucionais disponíveis nesse momento, dentre elas particularmente a Universidade de Brasília. Instituição de destaque nacional pelo seu projeto inovador, atraía para o vestibular e graduação muitos amigos, colegas e jovens professores do Colégio de Aplicação, que seguiam para diferentes áreas como medicina, ciências sociais ou artes. Sem maiores impedimentos da família, Nadya, aprovada no vestibular para História na UnB em 1967, juntou-se aos amigos na nova capital federal em 1968.

Gestada pelos educadores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, longamente mencionados no primeiro capítulo, desde o final da década de 1950, a UnB representava a síntese do processo que vinha desenvolvendo-se nas últimas décadas, projetada para atender as críticas ao formato universitário vigente no país, era a tentativa de criação de um novo modelo: inovador e democrático (BOMENY, 1994). Tal crítica, como vimos anteriormente, já se expressava a partir de 1930-1940, com a fundação da Faculdade de Filosofia da USP dentre outras faculdades de filosofia pelo país - que tinham por intenção aglutinar as diferentes escolas e faculdades profissionalizantes já existentes - e com a criação da CAPES e do CBPE por Anísio Teixeira na década de 1950. Em 1961, por decreto do então presidente João Goulart, foi criada a Universidade

de Brasília em cima dos projetos de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Oscar Niemeyer, entre outros. A nova instituição se contrapunha às outras universidades brasileiras pela centralização de cursos e campus - “com o propósito de criar um ambiente propício à transmissão do saber, à criatividade e à formação de mentalidades mais abertas, mais generosas, mais lúcidas e mais solidárias” (RIBEIRO, 1978:60) - , organização em departamentos, valorização da pós-graduação (a fim de formar professores para o cenário acadêmico nacional, uma das grandes preocupações de Anísio Teixeira), a existência de dois anos de curso básico para todos os alunos de modo à “oferecer a todo estudante durante seus dois primeiros anos de curso tanto programas científicos como humanísticos, a fim de proporcionar ao futuro cientista ou profissional oportunidade de fazer-se também herdeiro do patrimônio cultural e artístico da humanidade, e ao futuro graduado de carreiras humanísticas, uma informação científica básica” (Idem), além de ter por objetivo maior integração com a comunidade voltando atenção para “problemas nacionais”.

Todavia, com o golpe militar de 1964 e com as conseqüentes perseguições políticas à professores e alunos no ano seguinte, resultando no exílio e demissão de muitos professores, o projeto universitário inovador foi engessado pelo regime. Como coloca Darcy Ribeiro

Quando a UnB foi avassalada, estando a meio caminho na marcha de sua auto-edificação, tendo mais de metade de seus órgãos por implantar – e mesmo os já criados operando em nível experimental – **o que se construiu sobre os escombros foi um espantinho. Alguma coisa ficou, é certo, tanto nos estudantes que sempre procuraram dar prosseguimento às ambições originais da UnB**, como em certa continuidade institucional e vocacional, que ainda vincula a Universidade de Brasília de hoje à nossa Universidade de Utopia. (RIBEIRO, 1978:70. Grifos meus)

Dentro dessa geração de alunos que ingressaram na UnB nos anos posteriores ao golpe ainda encantados pela experiência inovadora da “Universidade de Utopia” estava Nadya¹²⁰. Era na biblioteca da

¹²⁰ Sobre a escolha pelo curso de História ela comenta: “É certo, por fim, que a história e as ciências sociais eram um mundo novo, que desafiava aqueles alunos que se pretendiam mais intelectualizados, em vias de finalizar os seus estudos secundários, especialmente os

universidade que ela mantinha a rotina intensa de estudos aprendida no Colégio de Aplicação da UFBA, rotina que apoiou o desenvolvimento dos interesses acadêmicos: primeiro foi monitora na área de história da antiguidade oriental, em seguida antiguidade clássica e depois, Brasil colônia. Ao mesmo tempo, cursava também disciplinas das ciências sociais, antropologia e sociologia, disciplinas pelas quais as aulas do ciclo básico haviam despertado interesse. Foi assim que conheceu aquele que seria seu orientador, o recém chegado professor de sociologia Glaucio Ary Dillon Soares, um estudioso da sociologia política de formação estadunidense que então desenvolvia pesquisas sobre o radicalismo eleitoral, dentro da qual convidou Nadya para iniciação científica. O convite definiu uma nova orientação em sua formação, uma vez que apontava para possibilidades imediatas de mestrado. Com o currículo de ciências sociais já avançado concluiu sua graduação com um bacharelado duplo em História e Ciências Sociais, com habilitação em sociologia.

Os últimos anos de 1960 e começo de 1970 eram, apesar da intensa repressão política – com um novo reitor imposto na Universidade e com o movimento estudantil desmantelado –, tempos de reestruturação para o curso de ciências sociais, profundamente enfraquecidos pelo expurgo de 1965. Ao contrário do que havia sido idealizado pelos fundadores da universidade – e daquilo que a própria Nadya identifica como “o espírito de 68” – se construía um cenário “profissionalizante” no qual a liberdade de pensamento era compatível com a falta de liberdade de ação política.

Como afirma Darcy Ribeiro (1978) a UnB pós 1964 era um espantinho de seu projeto, certas inovações institucionais em termos de formação de professores, valorização da pós graduação e organização acadêmica seguiam sendo levadas a cabo, mas a liberdade e tolerância docente e discente, pontos principais do projeto, haviam sido aleijadas. Nesse contexto formava-se a primeira geração do mestrado em sociologia da instituição com aulas abertas para seletos alunos da graduação, aqueles que tinham por objetivo antecipar sua socialização no espaço da pós-graduação e que pretendiam seguir esses passos. Em 1971 Nadya apresenta a monografia final de graduação “As bases socioeconômicas do radicalismo eleitoral: o caso de Goiás”,

desenvolvida a partir dos levantamentos estatísticos feitos para o livro de Glaucio¹²¹ “Sociedade e Política no Brasil”¹²². No mesmo ano, a contragosto de seu orientador - que preferia que ela fosse cursar doutorado na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos - ela prestou e foi aprovada no concurso nacional para Auxiliar de Ensino do Departamento de Ciências Sociais da UnB.

Ser auxiliar de ensino era realmente iniciar a socialização na carreira docente com todo o apoio institucional que um iniciante requer: o concurso (...) nos obrigava a cursar pós-graduação, tornando-nos **compulsoriamente alunos do Mestrado;** mas, por isto mesmo, nossa carga didática era bem mais reduzida que a dos demais professores colaboradores do Departamento, cabendo-nos apenas uma turma por semestre. (GUIMARÃES, 2002:27. Grifos meus)

Nas aulas as teorias marxistas eram amplamente discutidas e, em especial em sua vertente exegética como promovida pelo francês Louis Althusser, em detrimento das teorias estadunidenses que, dadas orientações ideológicas, passaram a ser menos bem vistas. Dessa forma, o convite do orientador para dar continuidade aos estudos com o doutoramento pela universidade de Cornell, nos Estados Unidos, foi declinado, tendo pesado também o recente casamento com um estudante da área de desenvolvimento urbano, e, como ela sublinha em seu memorial, o momento político que o país atravessava.

Ademais, estávamos em pleno período obscurantista da ditadura e **me sentia verdadeiramente compelida a buscar uma interpretação mais radical da sociedade e um**

¹²¹ Sobre esse primeiro orientador, ela comenta: “Glaucio realmente... a minha agenda também no começo... espelhava um pouco a dele, minha dissertação final de graduação tinha a ver com o tema do doutorado dele, sobre o radicalismo com determinantes sociais... na verdade sociologia eleitoral, determinantes sociais do radicalismo eleitoral, era isso um pouco o que ele trabalhava, o que ele tinha trabalhado, e eu trabalhei com isso.(...)Então a marca é enorme, desde a maneira de você ver a profissão, de você se relacionar com os alunos, de você ler os textos, marcar os textos (*rindo*), gostar de temas entende, é muito grande, é muito grande.” (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011).

¹²² SOARES, Glaucio Ary Dillon. Sociedade e Política no Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973. 176 p.

entendimento mais contestatório do Brasil, ao menos para mitigar a sensação de culpa de antiga militante que optara pela vida legal e pelo trabalho profissional quando, sabia então, muitos dos amigos e companheiros da militância já haviam entrado na clandestinidade. (GUIMARÃES, 2002:28. Grifos meus)

Assim, o final do mestrado ficou sob orientação da nova professora no departamento da UnB, Barbara Freitag, recém-chegada da pós-graduação na Alemanha. Além disso, os anos de 1973/1974 coincidiram com o casamento com um colega da área de economia urbana, o nascimento da primeira filha e a mudança para a Bahia para coordenar um estudo de avaliação da reforma universitária, promovido pela UFBa. A esse estudo se engatou o concurso e Nadya passou a integrar o corpo docente de sociologia da universidade baiana, antes mesmo de completar 30 anos. Sua escalada rápida e ininterrupta pelos recém institucionalizados estágios da formação acadêmica revela, para além de seu brilhantismo pessoal, a gama de possibilidades formada pela padronização nacional e formalização da carreira universitária. De cara o impacto de inserir-se em uma universidade “tradicional”¹²³, oposta aquilo que a UnB preconizava em seu projeto: encontrava-se em um departamento indiferente as agências e sistemas de amparo a pesquisa nacionais (Capes, CNPq), distante do debate teórico internacional e fechado em si mesmo, focado em suas próprias disputas de poder e legitimação e em pouco contato com a comunidade.

Os terrenos da vida profissional

O ressentimento com o novo espaço de trabalho, não impediu que o doutorado continuasse como o próximo passo “óbvio” para carreira. Desde o final do mestrado esse passo já era planejado e articulado entre o jovem casal, ambos desejavam estudar no exterior e a escolha (e consequente aprovação) pela instituição devia ser tomada em

¹²³ Uso aqui o conceito de “universidade tradicional” brasileira como apontado por Darcy Ribeiro (1978), todavia me parece que as experiências universitárias brasileiras pré década de 1960 são, não apenas muito diferentes, como também muito recentes para caracterizarem em si um modelo tradicional. Não obstante, entendo que o indicado aqui é um modelo de *ensino superior*, ao mesmo tempo profissionalizante e rebuscado, elitista e alienado do comunidade.

conjunto, de modo a contemplar as duas áreas de interesse. A Universidade Experimental de Vincenne – criada pelas movimentações de maio de 1968 – era o destino ideal, mas da qual não obtiveram resposta. Após outras tentativas chegaram ao Colégio do México para onde foram em família – com a filha de dois anos e meio e um recém-nascido de um mês – em 1976 munidos de bolsas CNPq, ela com uma licença de três anos da UFBA e ele com um afastamento de dois anos. Sobre a escolha desse país e instituição, ela conta:

Na verdade eu levei um tempo escolhendo, queria ir para a França tentei Vincennes, nunca tive resposta, era aquela época muito conturbada, pouco depois do 68, (...) eu comecei a escrever já no 73 para tentar admissão. **E tinha que conciliar uma coisa com família também, tinha que ser um lugar que fosse bom também para o meu marido anterior.** Ele também tentou a França, não rolou. Eu tentei a Alemanha por causa do contato com Bárbara, consegui uma aceitação mas ele não conseguiu nada. Aí nós tentamos o México. Porque o México, Roberto Cardoso de Oliveira, que já estava em Brasília quando eu estava lá, Roberto... pouco depois que eu defendi (talvez justamente quando eu fui para defender a minha dissertação), batendo papo com ele falando sobre o doutorado, eu disse (...) “estou escrevendo, meu marido também está, a gente está tentando”. Ai ele me disse “porque você não tenta o colégio do México?”. (...) “está abrindo um doutorado [*no Colégio do México*], teve a primeira geração e vai entrar a segunda”, eles não tinham gerações simultâneas então a cada três anos entrava uma nova geração, “ **porque você não tenta? E o México está tendo um programa também na área do seu marido?**”. (...) Os golpes no Chile e especialmente na Argentina tinham desorganizados muitos grupos importantes na área de planejamento urbano latino-americano, e eles foram para o México (...). **Ai apliquei, ele também, nós fomos aceitos.** (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus)

Após algumas dificuldades de emparelhar seus títulos dentro do programa do Colégio do México, Nadya transferiu-se para a Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) onde pode melhor encaminhar sua pesquisa sobre o radicalismo político de

camadas populares/trabalhadoras brasileiras, não mais no espaço eleitoral, mas nas relações de trabalho. Passados dois anos e meio retornou ao Brasil com a família, retomando suas atividades docentes¹²⁴ e tentando levar a cabo sua pesquisa de campo. O doutorado foi defendido em 1983 com o título “Ejército de reserva: su especificidad y comportamiento político en el desarrollo del capitalismo en Brasil”, seis anos depois da ida para o México, tempo na época comum para o doutoramento.

Escapando de “pântanos de relações” e criando “colchões de cumplicidade: Universidade Federal da Bahia

No início da década de 1980, já de volta à docência na UFBA, a intenção era construir um espaço de produção de conhecimento que compensasse a vida conflitiva do departamento e foi no Centro de Recursos Humanos, um órgão de pesquisa sobre trabalho ligado diretamente à reitoria, que ela encontrou um lugar institucional para ancorar suas pesquisas. Espaço no qual desenvolveu diversos acordos de cooperação¹²⁵, angariou financiamentos de agências nacionais e

¹²⁴ Seu ex aluno de mestrado dessa época, Antonio Sérgio Guimarães narra: “Nadya Castro acabara de chegar do México, onde fizera seus créditos de doutoramento na UNAM, que congregava, na época, alguns dos principais intelectuais latino-americanos, fugidos das repressões brasileira, argentina e chilena. Seus cursos de Teoria Sociológica Clássica e Sociologia Contemporânea uniam o conhecimento dos clássicos, que trouxera dos mestres que passaram pela UnB entre 1969 e 1974, e a discussão que fervilhava nos meios marxistas latino-americanos naquele momento. Era tudo o que eu queria.” (2003:18-19)

¹²⁵ Como ela coloca: “A cooperação internacional, desde então, já se revelava um instrumento vital ao desenvolvimento da minha agenda de pesquisa: seu papel, no caldo desta pesquisa, atesta como o suporte articulado entre governos e órgãos de fomento de distintos países tem a capacidade de alavancar o processo de produção de conhecimento, ao estimular o uso de uma ferramenta crucial à análise sociológica – a comparação. A possibilidade de levar a cabo, na Bahia dos anos 1980, um tão ambicioso leque de estudos resultou também do respaldo recebido da Anpocs e Fundação Ford, que juntas mantinham uma linha de financiamento a projetos de pesquisa, mediante a concorrência nacional.” (GUIMARÃES, 2008:50)

internacionais¹²⁶, treinou pesquisadores e do qual foi diretora. Sobre esse trabalho institucional particular à atividade de docência atual, comenta:

Em todas elas [*instituições nas quais ancorou a atividade de pesquisa*], entretanto, meu papel sempre foi duplo. Se por um lado delas obtinha o respaldo para o desenvolvimento da minha atividade, em todas elas tive que agir de modo a criar as condições para o avanço da minha própria pesquisa. Isso, evidentemente, não diz mal das instituições e nem diz bem do pesquisador. **Revela apenas esta particular forma de relação entre empregado e empregador, entre dirigente e dirigido, que vige no mundo acadêmico e que pauta o trabalho intelectual. Somos tão interessados nas instituições que nos acolhem como no trabalho que nelas produzimos e nos resultados que deles obtemos. (...). Para mim, produzir resultados de pesquisa sempre andou de braços com produzir condições para a adequada realização da atividade de pesquisa.** (GUIMARÃES, 2008:114, grifos meus.)

“Pesquisar significa também, muitas vezes, recriar instituições” (GUIMARÃES, 2003:34). O trabalho acadêmico é, para além de uma produção intelectual, também uma criação de espaço, ele envolve os seus sujeitos na construção direta das condições cotidianas de trabalho e de prestígio, engendrando assim relações de identidade com os grupos de trabalho (núcleos e centros de pesquisa, alianças políticas e de linhagem) e a instituição. Não por coincidência, esse mesmo período (décadas de 1980-90) marca a expansão dos órgãos de financiamento, como CAPES e CNPq, para além dos centros universitários – como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília -, espalhando-se por outras

¹²⁶ Dentre a extensa e detalhada lista que encontramos em seu memorial (2008) estão: ANPOCS, Fundação Ford, FINEP, CNPq, Cebrap, ORSTOM (Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement), Governo do estado da Bahia entre outras. Sobre o trabalho de construir projetos para pleitear financiamentos conta Antônio Sergio Guimarães, seu ex-orientando de mestrado e então colega de departamento: “Foram, ao todo, seis projetos de pesquisa que escrevi com Nadya, entre 1985 e 1991, para podermos continuar existindo como equipe. Os temas destes projetos (...) estendiam e desdobravam aspectos de um grande programa de estudos sobre a formação de classes na Bahia do pós-guerra, o qual infelizmente, nunca tivemos tempo de desenvolver metodicamente, apesar de termos escritos juntos oito artigos para publicação em revistas acadêmicas e coletâneas, e dois livros.” (GUIMARÃES, 2003:34)

universidades do país, fazendo-as vestir, como coloca Nadya (entrevista 30 de junho, 2011), um mesmo uniforme em termos de prazos, regras e formatos. Assim, ao alavancar sua carreira e construir um nome pessoal ela também trazia visibilidade para o departamento de ciências sociais da UFBA.

Prova disso, se você quiser dar o pulo, é esse trabalho sobre a petroquímica¹²⁷. Foi um trabalho que foi feito num quadro de **um grande projeto interdisciplinar mas de cooperação internacional também. Que era uma coisa que na Bahia tinha sido comum nos anos 50**, com Thales [*de Azevedo*], o projeto da UNESCO, né. (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus)

Assim, 30 anos depois dos programas de pesquisa mencionados no primeiro capítulo, a respeito da trajetória de Josildeth Consorte, se repetem os acordos de cooperação internacional dentro do departamento de Ciências Sociais da UFBA. Dessa vez, não mais exclusivamente apoiados em contatos individuais – Entre Thales de Azevedo e Charles Wagley, por exemplo – mas também fundamentados por acordos institucionais mais amplos, interdisciplinares, e que tem respaldo em um sistema de financiamento nacional. Com o ritmo intenso de trabalho, produção e intercâmbios, Nadya “constrói” seu nome no campo da sociologia do trabalho, ou melhor, seu renome (BOURDIEU, 1998, 2011). Após seu casamento no começo da década de 1970 ela deixou de utilizar seu nome de solteira – Nadya Neves Araujo – para adotar o nome Araujo Castro, não exatamente por escolha, mas por uma imposição legal da época que obrigava a mudança no nome das mulheres ao matrimônio. Norma já questionada pela crítica feminista da época não era aceita tranquilamente, como no caso de Nadya, essa imposição era um espaço de tentativa de luta e barganha: se a renomeação era inevitável, que o novo nome pudesse ao menos ser

¹²⁷ Se refere ao Projeto de Cooperação Internacional Acordo CNPq/ORSTOM- Práticas Familiares e Culturais entre Trabalhadores da Bahia composto por Michel Agier (Integrante), Antonio Sergio Alfredo Guimarães (Integrante), Emmanuelle Kadya Tall (Integrante), Maria do Rosário G. Carvalho (Integrante), Carlos Alberto Caroso Soares (Integrante), Claudio Luiz Pereira, (Integrante), Nadya Araujo Guimarães (Coordenador).

escolhido. Ao invés de adotar o nome de família do pai de seu marido adotou o Castro materno.

Renomeando-se

Menos de 20 anos depois o casamento acabou, mas o nome continuou; nesse entremeio Nadya já havia publicado um número relevante de trabalhos sob a rubrica CASTRO, N.A.¹²⁸, já havia “feito um nome”, literalmente, o seu renome (CORRÊA, 1995, 2003). Por essa motivação, escolheu manter o nome de casada após a separação. Como ela conta:

Deixei o nome. E lhe falo a verdade, o nome começou a me pesar. **Quer dizer, o nome traz com você a história de relações. Nenhum nome é neutro, sobretudo porque ele não nasceu com você, quer dizer aquele nome viveu comigo menos que vinte anos, entende, eu já tinha quase cinquenta, quarenta e muitos, né. E aí eu lhe confesso, depois de uns poucos anos eu tinha um arrependimento atroz. Eu dizia “que diabo, eu tive a oportunidade de voltar ao meu nome, e não fiz, né”.** Mas bom, já que eu não fiz, você respira fundo, né, mas você sentia que emocionalmente isso me custava. Porque as vezes você passa a página na sua vida e **tinha uma coisa que me acompanhava, e não era qualquer coisa, era a coisa que me identificava face aos outros**, que era o seu nome. (...) Quando eu casei de novo, eu não casei... no papel como a gente fala. Quando resolvemos casar de papel, um dia a pessoa que tava tramitando os papeis me perguntou “**com que nome você quer ficar?**” (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus)

Um depoimento tão rico quanto esse abre um amplo leque de questões: o que tem um nome? Qual é o *nosso* nome? O verdadeiro? É o que recebemos no batismo? Formado, tradicionalmente, de um nome próprio + o sobrenome paterno do pai + o sobrenome paterno da mãe? A

¹²⁸ De acordo com seu memorial de 2002, entre 1972 e 1997 (tempo em que utilizou o nome Castro), a autora publicou 44 trabalhos sozinha e 55 em parceria com outros autores, totalizando 99 trabalhos de diferentes tipos sob essa assinatura.

veracidade desse nome é assegurada apenas pela sua antecedência? E por fim, como podemos pensar em nomes como marcas de identidade em uma sociedade em que as trajetórias femininas são marcadas pelo renome?

Mariza Corrêa, ao analisar trajetórias intelectuais de antropólogas no Brasil na primeira metade do século XX afirma: “Ao serem assim renomeadas [*no casamento*] essas mulheres se tornam então esposas, e passam a ser assim também consideradas pelos outros” (1995:114). Com o renome matrimonial as mulheres seriam sempre esposas, sempre percebidas *em relação* a pessoa que leva aquele novo nome como seu nome próprio, o seu marido. De maneira similar Lévi-Strauss (1997) afirma que na França se uma mulher viúva é conhecida como “*veuve Dummont*”, por exemplo, é porque, quando vivo o marido ela era “*Madame Dummont*”, ou seja, ela já havia abandonado seu autônomo, seu nome próprio, por um termo que indicava sua relação com o marido. Ao casar-se ela deixou de ter um autônomo e passou a possuir um tecnônimo, um nome eminentemente relacional. Contudo, não seria o autônomo, o “nome de pia”, como diriam os portugueses, também um tecnônimo? Ele não é também indicativo de relações?

Não, talvez respondesse Pierre Bourdieu (1998). De acordo com o autor, o nome próprio não veicula nenhuma informação sobre o seu portador, ele é apenas uma marca da *personalidade*, da individualidade socialmente construída a custo de uma alta abstração. O nome próprio seria então “um ponto fixo num mundo que se move”, uma identidade social constante e durável que garante ao indivíduo o fundamento da unidade, o fio condutor da identidade pessoal frente à uma “uma rapsódia heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação” (p.187) que seria a vida. Portanto o nome é, para Bourdieu, a marca da ilusão biográfica da identidade, ele é a assinatura do indivíduo. Mas o indivíduo, que aqui o autor toma de forma generalizada, é um indivíduo masculino – além de ocidental – que permanece com o mesmo nome por toda a vida. Como coloca Donna Haraway “Apenas aqueles que ocupam as posições de dominadores são autoidênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentos, renascidos.” (p. 27). A teoria bourdiesiana de uma identidade essencial e imutável, mesmo enquanto ilusão simbolizada pelo nome próprio, é incondizente com a experiências dessas mulheres que são renomeadas e se renomeiam ao longo da vida.

Já o antropólogo português João de Pina-Cabral, ao analisar a nomeação em países lusófonos (2005, 2010) e as relações estabelecidas a partir desse processo afirma, ao contrário de Bourdieu, que os nomes funcionam como marca das relações afetivas e sinalizadores emocionais, eles indicam que relações são estabelecidas, obscurecidas ou privilegiadas pelos indivíduos nomeados. O nome aqui não é apenas um título imutável dado ao nascimento, ele é um código articulável com espaço para manobra para que o indivíduo nomeado aproprie-se do nome, tome-o como seu nome *verdadeiro*. Assim, temos escolha, podemos optar pelo uso do sobrenome materno em detrimento do paterno, preferir por um tempo um apelido para mais tarde apresentar-se pelo nome do meio. Não trata-se mais de uma identidade una e constante, mas de um processo plural e em contínuo movimento de engajamento, desengajamento e reengajamento com a panóplia de possibilidades que emergem com a sociabilidade cotidiana (PINA-CABRAL, 2010). É através dessa articulação entre ser nomeado e nomear-se, aceitar o nome dado como seu, que localizam-se os discursos que atribuem, como coloca o autor português, a qualidade do nome de nome *verdadeiro*, aquele tomado para si, internalizado. Há, nesse processo, como ele afirma, uma ponderação ontológica (*ontological weighting*), uma pesagem das relações enaltecidas pelo nome adotado e da sua importância para o indivíduo nomeado.

Each mode of naming only makes sense in terms of its contexts of attribution, acceptance, and use: that is, each mode of naming contains the reference to a series of aspects of personhood, which it validates or invalidates in the course of the naming process. **These aspects of the person, therefore, are reinforced or repressed by the use of these modes of naming. (...) There is no reduction of any other aspect of personhood – there is only the attribution of greater certainty to some aspects of personhood.** The process of ontological weighting that this kind of ‘truth’ establishes, then, is a matter of greater or lesser certainty. Strictly speaking, therefore, it is not existence that is at stake but confirmation: that is, a readiness to affirm existence. (PINA-CABRAL, 2010:307. Grifos meus)¹²⁹

¹²⁹ “Cada modo de nomeação faz sentido apenas dentro de seu contexto de atribuição, aceitação e uso, ou seja, cada modo de nomeação referencia uma série de aspectos da

Pina-Cabral não aborda, todavia, o modo de nomeação aqui observado, a renomeação feminina no casamento. Um modo de nomeação marcado especialmente por dinâmicas tradicionais de gênero já há muito apontadas pela crítica feminista: seria uma forma de nomeação eminentemente patrilinear em que a mulher, e apenas a mulher, perderia sobrenome materno de batismo e assumiria o nome próprio (o sobrenome familiar paterno) de outrem, pelo qual seria interpelada daí por diante. As mulheres que fossem nomeadas por essa regra teriam seu tecnônimo, para usar temos levi-straussianos, formado por suas relações com outros homens – pelo sobrenome paterno do seu pai e sobrenome paterno de seu marido. Como já muito foi apontado (BUTLER, 1997, PINA-CABRAL, 2005) é pela interpelação de outrem, pelo uso do nome em uma convocação, que emergimos socialmente como sujeitos, sujeitos especialmente marcados por esse nome chamado, definidos por ele dentro de uma matriz identitária unitária. Dentro dessa perspectiva, essas mulheres seriam assim sempre percebidas, como aponta Mariza Corrêa (2003), como *mulheres de*, menos individualizadas, mais relacionais uma vez que no lugar de um nome próprio são referidas por um nome de casada. Uma perspectiva que, negligencia as sutis – mas não menos importantes - subversões dessas regras de nomeação e as relações de apropriação que as mulheres desenvolvem com seus re-nomes.

Como evidencia a discussão acima, o nome próprio é também relacional, é também tecnônimo. Dentro dessa estrutura cultural de nomeação – e dentro de qualquer outra, pelo que me parece – todo nome é um referencial de relações, seja ele de homem ou de mulher, casada ou solteira. Talvez o ideal aqui, principalmente no caso dessas mulheres, fosse não falarmos de nomes próprios, mas de nomes *apropriados* (ou expropriados, por um tom um pouco mais libertário), nomes que são tomados para si em uma equação que leva em conta o teor de escolha tido nesse processo de nomeação e o tempo em que vive-se com o nome

peçoalidade, ao quais ele legitima ou não durante o processo de nomeação. Dessa forma, esses aspectos da pessoa são reforçados ou reprimidos pelo uso desses modos de nomeação. (...) Não existe a redução de nenhum outro aspecto da personalidade – existe apenas a atribuição de maior convicção à alguns aspectos da personalidade. O processo de ponderação ontológica que esse tipo de 'verdade' estabelece, é uma questão de maior ou menor convicção. Assim, estritamente falando, não é a existência que está em jogo, mas a afirmação, isto é, a prontidão de afirmar existência.” (livre tradução da autora)

em questão. Como apontei anteriormente ao abordar as trajetórias de Josildeth (capítulo 1) e Jerusa (capítulo 2), o nome adotado pelo marido é transformado em seu nome, no nome *verdadeiro*, nos termos de Pina-Cabral, pelo tempo de vivência com ele. Todas minhas informantes tem *seus* nomes há no mínimo 10 anos (e em outros casos, mais de 50), de forma que este sobrepõe-se facilmente ao nome de batismo, nome encarado por elas com desapego, como algo do passado.

Todavia esse processo de apropriação do nome leva também em conta a escolha na nomeação, uma vez que adota-se um nome que não representa relação que deseja-se sublinhar (como podemos ver no caso aqui mencionado e no caso de Jerusa em seu segundo casamento), este nome torna-se um “aplique falso”, um incômodo que, se não é ignorado no dia a dia com a preferência por outro nome, é trocado na ocasião de uma nova aliança. O autônomo é, por fim, tão ilusório quanto uma identidade fixa e autônoma. Assim, o nome perde sua qualidade de marca individual para tornar-se um ponto em um feixe de relações, indicando escolhas e caminhos. Passamos portanto de um modelo identitário individualista para outro definido por esquemas de afinidades, por escolhas e por alianças.

Sobre a apropriação do sobrenome Guimarães, de seu segundo marido, Nadya comentou:

Aí eu resolvi **botar todos os nomes na balança**. (...)

Quando você toma uma decisão, em geral você é contente de tomar uma decisão, pode ser que você se arrependa da decisão (...). Mas, para você é sempre uma coisa boa tomar uma decisão. (...) Eu acho que no fundo, no fundo isso tem a ver com o quanto você mesmo está seguro do que você está fazendo, **o quanto você acha que isso é uma coisa que lhe convêm**. (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus)

E, de fato, sua escolha por mudar de nome já em um estágio avançado da construção de seu renome acadêmico teve poucos efeitos para além de algumas confusões risíveis em congressos e eventos. De fato, em uma consulta a seu lattes feita ainda em maio de 2011, Nadya tinha mais artigos publicados sob a nova assinatura do que com a anterior (29 artigos publicados como CASTRO. N.A., e 39 como

GUIMARÃES, N.A.). Sua escolha por adotar o nome do novo marido, um colega de pesquisa e departamento da UFBA aponta, dessa forma, para a valorização dessa aliança em detrimento da anterior, há muito rompida, e da familiar, com o nome Neves Araujo, da qual também já havia afastado-se desde tempos de faculdade. *O nome é, dessa forma, um agente coagulante dos laços de afeto*, ele identifica e distingue seu portador localizando-o em um tecido de relações familiares e afetivas (PINA-CABRAL, 2005).

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, seu segundo marido, foi também seu contemporâneo de juventude em Salvador, seu orientado de mestrado e parceiro de importantes pesquisas. Sociólogo de destaque tal qual a esposa, é também livre docente pela Universidade São Paulo e pesquisador IA do CNPq, dedicando-se a temas como sociologia do trabalho (campo onde desenvolveram pesquisas juntos) e relações interétnicas. Casamento este que, não pouco significativamente, foi construído em torno do meio acadêmico-profissional. Mais uma vez, observamos laços de lealdade familiar tecidos individualmente que indicam a valorização de um modelo individualista de matrimônio, em que a união mantém fortes similaridades com as representações de amizade, relações tomadas como da ordem da volição, deliberação, afinidade, liberdade de escolha.¹³⁰ “O reino por excelência da afetividade e da determinação individual” (HEILLBORN, 2004: 119).

Comparando suas experiência em dois relacionamentos pautados pelo aquilo que venho chamando de endogamia acadêmica - essa homogeneidade de campo profissional e intelectual comum em trajetórias universitárias - um casamento desenvolvido ainda no período de formação acadêmica, enquanto ambos estavam no mestrado e procuravam estabelecer-se na carreira universitária, e outro experimentado já quando ambos se encontravam mais estabelecidos profissionalmente, Nadya matiza pontos importantes.

Olha só: se você estabelece uma relação com alguém que se torna depois seu colega quando você é uma pessoa completamente madura, senhora do seu lugar, isso é

¹³⁰ Como ela descreve: “eu vivo longe da família desde os 17 anos, então eu vivo com relações extra família de origem, em que você tece lealdades, todas sempre muito fortes, e todas em torno do meu meio, profissional, do trabalho, entende.” (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011).

muito diferente de fazer isso quando você está negociando o lugar no mundo, e quem está no seu lado é alguém que negocia também o lugar dele. É claro que a vida inteira a gente está negociando lugar, mas **uma coisa é você negociar o lugar quando o seu chão é firme, outra coisa é você negociar o lugar quando o seu chão ainda é meio pantanoso**, e você não tem um lugar para você, entendeu? Então eu acho que esse talvez seja um ponto muito importante. Quer dizer, certamente é. Isso foi igual com o meu primeiro marido, né, nós estávamos juntos na universidade, na verdade nós tivemos tensões muito grandes! Não estávamos no mesmo departamento, mas estávamos no mesmo mercado! **E é uma coisa horrível você sair e disputar um lugar no mercado e um conseguir e o outro não. Não estão no mesmo departamento, não estão nem na mesma instituição!** (...) Num estávamos ambos começando a carreira, ambos disputando um lugar, mas em lugares, em disciplinas diferentes, e em instituições diferentes e em domínios do mercado de trabalho diferentes. A quantidade de tensão que isso colocava na vida familiar era mo-nu-men-tal! **Porque tem uma coisa de reconhecimento, é claro! Todo mundo que olha de fora olha comparativamente:** “que gracinha, os dois terminaram a graduação, um tá trabalhando o outro não! Um já dá aula na universidade e o outro não! Um já passou no mestrado e o outro não! Um defendeu a dissertação e o outro não! Um está entrando no doutorado e o outro apenas está começando o mestrado!”, você está entendendo? **Isso tudo rebate aonde? Na vida familiar. Com uma força enorme**, em que pese os dois estejam em disciplinas diferentes, em instituições diferentes, entendeu? (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus).

Assim, me parece que a competição profissional instituída pela inserção efetiva da mulher no mercado de trabalho – e nesse caso, no campo universitário, com sua lógica meritocrática e continuamente hierarquizada – é, como já apontado no capítulo anterior, incompatível com ideais modernos de conjugalidade, mesmo com aqueles que procuram afastar-se dos formatos tradicionais e propor relações individualizadas e igualitárias (SALEM,2007). A igualdade e liberdade

individual aqui propaladas não correspondem à um *laissez-faire* de livre mercado, oportunidades e competição. Pelo contrário, a situação de competição profissional é entendida como uma infração às esferas individuais, parece ser um desrespeito aquilo que deve ser valorizado como a esfera mais pessoal, mais íntima, e assim mais importante, a das relações pessoais e afetivas¹³¹. Como Nadya coloca sobre a decisão de, após o casamento com o atual marido, o sociólogo Antônio Sérgio Guimarães, de não mais trabalhar em temas da mesma área.

N: Trabalhamos juntos, mas desde que passamos a estar juntos nunca mais trabalhamos o mesmo tema... (...) **Aí sim é uma questão de sanidade.**(...) porque olhe só, quando você desbrava um tema você está restabelecendo essa situação inaugural do pântano, certo? Digamos, se eu estava trabalhando com radicalismo eleitoral e agora eu vou trabalhar com a classe trabalhadora e o radicalismo da classe trabalhadora, tá. **Se estamos ambos começando a trabalhar com radicalismo da classe trabalhadora, vamos ambos batalhar por apresentar no mesmo grupo da ANPOCS, vamos ambos batalhar por publicar na mesma revista, você está entendendo?** (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus).

Compreendo que a competitividade entre cônjuges em um modelo de afetividade igualitária e individualista poderia entrar no que Maria Luza Heilborn (2004) coloca sobre como a dissolução das fronteiras distintivas infringiria as representação de indivíduo “como um ser cujas propriedades básicas – igualdade e liberdade – são atributos naturais e, dessa maneira, o que venha limitar suas potencialidades é percebido como nefasto e constrangimento ilegítimo” (p. 112), principalmente, acrescento, quando vindo d@ parceir@. O antídoto para a possível competitividade, fruto da intensa convivência, seria, mais uma vez, o estabelecimento de fronteiras e diferenciações, seja em termos de campo de interesse, seja em termos de ênfase em certas

¹³¹ Para uma interessantíssima análise sociológica das relações entre afetividade e dinheiro na contemporaneidade ver: ADELMAN, Miriam. Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados In: *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 117-138.

facetas da carreira, em diferentes “perfis acadêmicos”, como colocados no capítulo anterior, “Eu acho que o problema é quando você superpõe (...) o coração das metas. Quer dizer se vamos disputar as mesmas metas no mesmo lugar, aí realmente é competição...” (idem.).

Através dessa criação de espaços próprios em que ambos encontram-se estabelecidos, a convivência conjugal entre colegas intelectuais é, segundo Nadya, facilitada. Dessa forma, em parceria, Nadya e Antonio publicaram entre artigos, capítulos de livros, livros e trabalhos em anais de congresso 20 trabalhos juntos, além de terem desenvolvido diversos projetos de pesquisa em tempos de trabalho no Centro de Recursos Humanos, na UFBA, e de lecionarem duas disciplinas juntos na mesma instituição (uma para graduação e outra para pós). Distâncias e fronteiras são mantidas, todavia a cumplicidade afetiva advinda da relação conjugal é também aproveitada para o desenvolvimento de trabalhos e pesquisas e, por outro lado, é suporte para uma compreensão cotidiana dos comprometeros e rotinas do trabalho acadêmico.

Então se você pensa como pesquisador tem coisas boas, (...) quer dizer, **a cumplicidade afetiva ela produz boas parcerias em termos do trabalho. Não é pântano de relação, não é promiscuidade.** Mas a boa cumplicidade afetiva, eu acho que ela é condição para o trabalho, entende. E esse tipo de cumplicidade você tem em uma relação de companheirismo, de afeto ou de casamento. Isso é bom, **quando você tem relações emocionais intensas elas podem ser (...) colchões de cumplicidade,** e colchões de cumplicidade sempre ajudam. O suporte emocional, na divisão de trabalho. **Quer dizer, como você está próximo, você sabe o quanto custa.** (GUIMARÃES, entrevista 30 de junho, 2011. Grifos meus)

São Paulo

Insatisfeitos com o departamento de sociologia da UFBA, tanto em suas possibilidades de pesquisa e discussão tanto com seus conflitos políticos cotidianos, ambos começam a ensaiar novos vãos. Em 1993 Nadya intensifica seus trabalhos em parceria com o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) que financiam, em parte, seu pós-

doutorado no prestigioso Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos. No mesmo ano Antonio foi como professor visitante para a pós-graduação em Sociologia na USP, para onde prestou concurso e entrou como professor efetivo em 1997. Nadya aposentou-se da UFBA em 1995 e também veio para São Paulo, onde trabalhou como pesquisadora no CEBRAP por três anos para depois inserir-se também no departamento de sociologia da USP em 1999. Socióloga de produção prolífera, com larga experiência com pesquisas em equipe, financiamentos nacionais e internacionais, foco em temas da “sociedade industrial” como trabalho e desemprego e especialista em métodos quantitativos, Nadya encaixou-se bem no perfil da “sociologia da USP”, delineado nos capítulos anteriores a partir das teses de Carolina Pulici (2004) e Claudinei Spirandelli (2009). Entrar em uma nova universidade quase ao mesmo tempo que o companheiro poderia ser restabelecer a “situação de pântano” e competitividade que Nadya bem caracteriza acima. Todavia, seu status de professora aposentada, o amplo reconhecimento no campo de seu trabalho e de seu marido e a separação de suas áreas de interesses servem aqui, segundo ela, como antídotos para esse tipo de tensão. Sobre as motivações para essa mudança, Nadya discorre:

Primeiro a USP tem uma coisa muito boa que é o fato que ela está em São Paulo. **O que significa que você tem um mercado profissional**, que a rigor você não tinha em Brasília quando eu tava lá e você não tinha na Bahia quando eu estava lá. **Não ter o mercado profissional significa que tudo se joga naquele lugar, entende. Toda consagração está dentro da universidade. Todos os conflitos estão dentro da universidade, toda a tensão, entende. A universidade ela é de certa maneira o locus exclusivo da vida profissional das pessoas. Isso não é assim aqui, né.** Aqui eu tenho colegas extremamente dedicados ao departamento, mas que tem uma vida profissional muito intensa fora, ou porque escrevem em jornais, ou porque são ligados a instituições que estão fora, a museus na área de cultura, ou porque estão ligados a centros de pesquisa que estão fora. **Essa ideia de mundo plural, em que a universidade é parte, mas não é o único espaço eu acho que isso matiza muito: um, o provincianismo, dois, a tensão, três, a importância da**

universidade. Até porque, enfim é só uma universidade!
(GUIMARÃES, entrevista 30 de Junho, 2011. Grifos meus)

Como bem vimos nos capítulos anteriores, e principalmente no relato de Heloisa, a gama de opções profissionais apresentadas pela metrópole paulista representa importantes possibilidades de escape das tensões e insatisfações que podem emergir no cotidiano universitário. O trânsito entre essas instâncias marca a trajetória dessas pesquisadoras que, nesse movimento, procuram estrategicamente balancear a inserção no universo acadêmico – espaço por excelência da produção de conhecimento no contexto contemporâneo nacional – com outras aspirações políticas, intelectuais ou pessoais não supridas (ou oprimidas) pela universidade. Emerge aqui uma outra estratégia de diluição de tensões (sejam profissionais, matrimoniais ou a mistura de ambas), marcada especificamente pela cidade em que as pesquisadoras radicaram-se.

A guisa desses comentários sobre o cenário acadêmico da cidade que foi dos planos de fundo principais do trabalho e meu campo de pouso durante a pesquisa, me encaminho para as considerações finais dessa dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

O que procurei demonstrar ao longo dessa dissertação, ao recontar quatro ricas trajetórias, foi como diferentes mulheres articularam parcerias intelectuais e carreiras acadêmicas próprias ao longo da segunda metade do século XX no Brasil, e em particular entre as cidades de Salvador e São Paulo. Atentar para aquilo que o discurso acadêmico sistematicamente esconde: as condições pessoais, familiares e afetivas que fazem do cotidiano de produção intelectual possível.

Meu material aqui foi, como me disse Josildeth, o “filão da memória”. Em seus depoimentos, entrevistas e memoriais suas histórias de vida eram construídas obliterando lugares e enaltecendo outros, frisando identidades, objetivos e caminhos unilineares. Mesmo assim, como aponta Ecléia Bosi (1994), a consciência não é constante e o discurso revela também discordâncias, incoerências, caminhos inesperados, reconstruções espontâneas e inovadoras. Trabalhar com história de vida É nesse espaço entre o dito e o quase dito, entre o que foi lembrado, o que transbordou e o que se esqueceu, que procurei construir meu texto, apontando para as articulações culturais, históricas e generificadas que essas trajetórias pessoais carregam.

Ao desenvolver minha pesquisa de mestrado em um alteridade tão próxima, com mulheres que poderiam ter sido minhas professoras, que tem trajetórias de vida tão parecidas com tantas que conhecemos, procurei problematizar historicamente e antropológicamente os sistemas e possibilidades que hoje nos parecem dados. Bolsas de mestrado, concursos para docência e até o ingresso na universidade não eram caminhos tão simples há 60 anos atrás. Aparte as diferenças geracionais e geográficas (que, obviamente, não são negligenciáveis), esse foi um esforço de auto-antropologia (STRATHERN, 1987), de colocar em questão ideais de carreira e conjugalidade partilhados e problematizados por minhas informantes e por mim, de usar de nossas ferramentas teóricas para refletir sobre nossos próprios padrões de gênero e trabalho.

No processo de remontar suas trajetórias foi inevitável atentar para as transformações pelas quais passou o sistema acadêmico nacional entre as década de 1950 e 1970 e depois entre os anos de 1980 de 2000, e perceber junto a estas mudanças institucionais, como se modificaram as condições para a formação e consagração de mulheres intelectuais e

cientistas. Como coloca Maria Hermínia Tavares de Almeida (1989), a história das Ciências Sociais até meados da década de 1960, pode ser vista como “um penoso processo de construção institucional, onde os fracassos somaram bem mais do que os êxitos” (p.192) fica claro que os diferentes desvios e obstáculos pessoais aqui narrados fazem parte de um quadro instável de formação institucional agravado pelas relações de gênero em transformação. Se na década de 1950, pelas histórias de Josildeth e Jerusa, observamos roteiros pouco formalizados de carreiras, pautados por indicações, comissionamentos e convites pessoais, esse cenário logo se transformou na década seguinte e, principalmente com a reforma universitária de 1968, como demonstram as trajetórias de Heloisa e, principalmente, de Nadya.

Muitas universidades e institutos de pesquisa são citados ao longo das quatro narrativas, carreiras longas que se formam em diversos espaços, mas é inegável que duas instituições se destacam em presença, importância e significados antagônicos nas décadas de 1950 e 1960: são elas a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, representando um formato tradicional, elitista e catedrático universitário; e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (Humanas) da Universidade de São Paulo, que se pretendia mais democrática, científica e engajada socialmente. Figura chave dessa mudança é o uspiano **Florestan Fernandes** e seu grupo de alunos que, nos anos 50, expurgou da universidade os tradicionalismo em troca de uma perspectiva científica e especializada de criação de uma teoria nativa para o país em transformação. Me parece que o passo decisivo desse movimento de cambio é dado em 1968 com a reforma nacional do ensino, fruto de debates e lutas políticas de anos anteriores, empurrada garganta abaixo pelo regime militar: institui-se o sistema de departamentos (abolindo as cátedras e seu universo simbólico) e a pós-graduação como a conhecemos hoje. Fonte torta desse novo modelo é a UnB, fundada seis anos antes por **Darcy Ribeiro** e Anísio Teixeira – instituição e personagens igualmente presentes em vários capítulos dessa dissertação.

Outra instituição fundamental para a criação desse modelo universitário “moderno” é a **CAPES**, criada também por **Anísio Teixeira** alguns anos antes (1951) com a intenção de apoiar a formação de professor@s para o ensino superior. Nos anos posteriores, juntamente com o **CNPq** e outras instituições de fomento universitário, esses órgãos

tornaram-se instância principal de financiamento à pesquisa em diferentes áreas do conhecimento; Bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado, produtividade em pesquisa e apoio a projetos coletivos definiram-se como os motores e modelos do fazer universitário, expandindo-se (em diferentes ritmos) por todo o país e criando o uniforme que hoje vestimos.

Assim, se até os anos 50 o prestígio era personificado na figura da cátedra e seus estamentos adjacentes (ex: assistente de ensino extranumerário), baseado no reconhecimento pessoal e em formações autodidatas e eruditas, este se tornou mais disperso a partir dos anos 1970, com o estabelecimento de um modelo mais “democrático”, onde a “fama” é, ao meu ver, definida pelas instituições onde foram feitos os estudos e a carreira, as relações de filiação no campo e, principalmente, pelas regras estabelecidas pelas instituições de fomento (tipos de bolsas, número de publicações...).

Não obstante, o que os discursos apresentados ao longo dessa dissertação demonstram é que, em ambos os sistemas, seja o dos anos 1950-60 seja no que forjou-se a partir da década de 1970, diferenciações de classe, raça e, especialmente, gênero, são articuladas de forma a determinar o reconhecimento no campo. Se, no caso de Josildeth, como vimos no capítulo 01, sua condição de mulher afrodescendente e “arrimo de família” impediu-a de seguir suas pesquisas de doutoramento sem auxílio da CAPES – instituição ainda pautada por uma lógica personalista e informal, um sistema de entrelinhas - no caso de Jerusa, personagem do capítulo 02, foi também sua condição feminina, mas cruzada com uma situação de elite, que limitou por muitos anos suas investidas acadêmicas. O **trabalho** revela-se na narrativa de todas essas mulheres como a **fonte principal de realização de um projeto individual**, que supera suas “obrigações” familiares. Para que tal seja possível tanto o apoio de marido, pai e mãe, quanto o da instituição, de orientadores, colegas e órgãos de fomento, é indispensável. Caso qualquer um dos dois seja ausente ou falho, sua dedicação é comprometida.

A trajetória de Heloisa, acompanhada no capítulo 03, apresenta-nos outra questão. Mesmo dedicando-se a temas pertinentes ao grupo hegemônico uspiano da década de 1960, encabeçado por Florestan Fernandes, e tendo relações afetivas com um de seus discípulos principais, não foi por esse nunca incluída, sendo orientada por toda a

vida por um professor definido por ela mesma como “dissidente”. Não é detalhe insignificante que esse grupo de pupilos era composto majoritariamente por homens.

A **filiação**, como coloquei anteriormente, parece-me um dos instrumentos principais de construção de prestígio nesse campo, tanto em seu modelo “tradicional” quanto no “moderno”; por ela @ “filia@” é incluído em teias de relações que, como bem sabemos, proporcionam intercâmbios, contatos, financiamentos e reconhecimentos. Como analisam Ruth Perry (1984) e Mariza Corrêa (2003), conhecemos bem os pais fundadores de nossas disciplinas, aqueles que conferem patrimônio, aprovação e inserção no cânone, além de emanarem poder e prestígio. Estabelecer “contra-linhagens” de filiação femininas é atentar não apenas para aquelas que foram nossas avós pioneiras (como o faz Mariza Corrêa), mas para nossas antecessoras, “tias”¹³², madrinhas, amigas, mestres e professoras, que com suas contribuições teóricas e trajetórias individuais, complexificam nossos cânones, multiplicando-os e enriquecendo-*nos*. É acrescentar em nossas árvores genealógicas acadêmicas filiações perdidas e linhagens invisibilizadas.

Como vemos também no discurso de Josildeth (quando ela afirma “não ter uma marca”), essa filiação tradicional é muitas vezes sutilmente diminuída em trajetórias femininas. O caso de Nadya aponta também para como passos tradicionais de trajetórias femininas – o casamento e a relação com o companheiro, a gravidez e o cuidado dos filhos – são muitas vezes articulados de forma a interromper relações de filiação. Mesmo assim é importante ressaltar que essa “falta de marca” não é negatizada no discurso de nenhuma dessas mulheres, mas colocada como uma realização de autonomia, uma fala algo como se uma “*self made woman*”, é a despeito dessas filiações canônicas, nesses convites de entrada a redes de contato, que elas trilham seus trajetos. A fala de Jerusa é marca dessa própria relação, uma vez que ela coloca seus orientadores e mestres como interlocutores, dialogantes, em pé de

¹³² Escolhi aqui usar tias ao invés de mães uma vez que essa categoria, tão carregada em nossa cultura de gênero, indicaria uma relação de filiação muito mais imediata do que as traçadas, implicando em uma discussão de maternagem que não é necessariamente apropriada. Além disso, o termo “tia” aponta relações de parentesco estendidas, indiretas, porém próximas, pelas quais também passam influência, respeito, afeto e filiação. Por último, o ato falho infantil de tratar professoras primárias por “tias” é popularmente conhecido, e pode ser resignificado aqui como indicativo das relações de afeto presentes na reprodução do conhecimento e do meu olhar de “aluna feminista” sobre essas mulheres.

igualdade.

E foi assim, “por si mesmas” que essas mulheres alcançaram seus diferentes lugares de reconhecimento. Cabe ressaltar aqui a importância de multiplicar o prestígio para além de seus condicionantes hegemônicos – e exclusivistas – e entendê-lo como uma relação mais flexível de reconhecimento que articula lugares e grupos diferentes dentro do campo acadêmico. Foi para essa diversidade de trajetórias e caminhos que procurei apontar ao mergulhar na narrativa dessas quatro intelectuais. Inserindo-me em uma perspectiva já tradicional da antropologia feminista (BEHAR, GORDON, 1995; CORRÊA, 2003; GROSSI, 2006) busquei multiplicar o nosso campo acadêmico para além de suas imagens modelares, articulando narrativas de mulheres intelectuais que, além de produzirem e ensinarem intensamente, dedicaram-se a tantos outros objetivos em seus percursos intelectuais.

Para Heloisa, por exemplo, a busca por títulos e publicações não guiou sua carreira, mas o seu trabalho com os movimentos sociais e a dedicação ao ensino de métodos à graduação e a iniciação científica rendeu-lhe um importante reconhecimento por seus alunos, como pude comprovar em algumas conversas. Já Jerusa e Josildeth escolheram por estabelecerem-se em uma instituição menos renomada no cenário paulistano, mas que lhes garantia um melhor posicionamento e possibilidades de produção menos canônicas. O próprio comentário de Nadya apresentado no último capítulo sobre a multiplicidade do campo de trabalho paulistano é elucidativo no sentido de como o prestígio e o **reconhecimento podem ser construídos de outras formas** e em outros círculos que superam o restritivo modelo CAPES-CNPq. Como coloquei no capítulo 03, vemos aqui diferentes “perfis acadêmicos” que ampliam nossas imagens idealizadas e ultrapassadas do que deveria ser o êxito profissional intelectual.

E é no trabalho acadêmico onde, muitas vezes, a parceria endogâmica revela-se uma faca de dois gumes. Os pontos positivos são claros: além do abstrato “aumento de capital cultural”, temos também os “colchões de cumplicidade” que Nadya aponta, a parceria intelectual e reverberação levantada por Jerusa e as viagens, intercâmbios e contatos suscitados pela parceria afetiva apontados por Heloisa. Todavia, o cotidiano profissional apresenta dificuldades importantes que poderíamos talvez sintetizar em **fusão e competição**: tão presente nos argumentos de Jerusa e Heloisa é o desconforto com uma percepção

comum de colegas e desconhecidos de uma suposta unidade entre o casal, de que as ideias e posicionamentos de um, normalmente do marido, se estenderiam ao outro. Essa presumida fusão não seria, obviamente, igualitária. Vemos aqui aquela sombra à que se refere Mariza Corrêa (2003) uma vez que é Jerusa que é confundida por discípula de seu companheiro e Heloisa que arca, em boa parte, com as consequências de desafetos departamentais do marido, e não o contrário.

A competição, como friso na dissertação, é em si incompatível com os ideais que pautam o relacionamento afetivo, principalmente a ideia de esferas de atuação separada. De acordo com esses mulheres, é sempre uma relação à ser contornada, evitada. A meu ver, a ojeriza à competição com o companheiro empata com o ideal igualitário que, se levado às suas últimas consequências teóricas deveria permitir esse tipo de relação. Talvez aqui a negação da competição seja pautada por outro valor, um menos explícito, o da **hipergamia**, ou seja, o da união com um companheiro em status superior. Tanto o companheiro de Jerusa como os de Josildeth e Heloisa são amplamente reconhecidos em seus respectivos campos, o que me parece apontar um importante valor na escolha de parceiros dessas mulheres e nas próprias relações de gênero que guiam a conjugalidade nesse grupo. O único contra exemplo seria o de Nadya que, como vimos no capítulo 04, casou-se primeiramente com um colega na juventude e apontou a competição como fator altamente problemáticos na relação. No seu segundo casamento o modelo de hipergamia também não seria óbvio, uma vez que uniu-se com um colega de departamento, seu ex orientando de mestrado. Mesmo assim, acredito, esse valor não perde importância para a continuação da relação, uma vez que diferentes estratégias são utilizadas para que uma situação ao menos de paridade seja estabelecida, como a mudança de instituição, a negação por trabalhos conjuntos ou em um mesmo tema e até, poderíamos dizer, a adoção do nome do companheiro.

A renomeação pelo casamento por qual todas essas mulheres passam, como foi mais detidamente analisado no capítulo quatro, estabelece aquilo que eu escolhi chamar por **nomes “apropriados”**: ou seja nomes adquiridos com o casamento e que se tornam nomes próprios, aos quais elas tem apego e pelos quais se definem muito mais que seus nomes de batismo. A qualidade relacional desses nomes não é obscurecida por elas, mas articulada com o tempo de uso do nome e a capacidade de escolha tida sobre ele para desenharem-se em seus

discursos individuais. Mesmo assim resta perguntar aqui qual o papel do nome em um campo de produção e criação autoral como é o meio acadêmico de ciências humanas, um meio em que seus indivíduos, tal qual o mundo das artes, possuem assinaturas das quais o sobrenome não pode ser jamais subtraído, pelo contrário, ocupando o lugar principal, em caixa alta, no modelo de referência bibliográfica (ex: MORAES, F.).

A divisão dos trabalhos intelectuais e doméstico é também um ponto importante: como coloca Londa Schiebinger (2001), nosso ideal ascético e cartesiano de ciência pressupõe *um cientista* livre das tarefas cotidianas de cuidado e reprodução de si e do grupo familiar, alguém que possa terceirizar por completo os trabalhos da sobrevivência cotidiana de forma a se dedicar exclusivamente à “busca de conhecimento”. Como ela coloca: **“Apenas um corpo sem outros corpos dele dependentes pode ser verdadeiramente transcendente.”** (p.151). Esse ideal é assim imediatamente barrado para mulheres que, para se dedicarem à atividades intelectuais, necessitam reformular o modelo tanto de atividade intelectual quanto de cuidado doméstico, seja pelo acúmulo de tarefas, seja pela procura por uma divisão mais igualitária das mesmas. De fato, na maioria dos discursos, a centralização do cuidado familiar pelas mulheres era bastante naturalizada, tanto quanto a terceirização através da contratação de empregadas domésticas, babás e pagens (todas mulheres) e a ajuda de mães, sogras ou tias, revelando um modelo familiar bastante tradicional em camadas médias nacionais. Todavia, a educação [d@s filh@s](#) tinha, principalmente no discurso de Heloisa que acompanhamos no capítulo 03, um lugar especial, apresentando-se como um terreno em que ideais igualitários eram testados com maior afinco, a participação do parceiro mais cobrada e relações horizontais entre pais e [filh@s](#) valorizada. Dessa forma, revela-se no doméstico uma valorização – clássica das camadas médias – da infância, da educação e da criação, em paralelo à desvalorização (ou naturalização) das tarefas de reprodução e cuidado doméstico, do cozinhar, limpar, lavar, passar...

No universo doméstico, a meu ver, essas mulheres são, como bem define Jerusa, “máquinas gestoras de relações”, articulando cuidados e promovendo condições para o trabalho delas, dos companheiros e a própria reprodução da família. Retomando as categorias do prefácio, os depoimentos aqui trabalhados indicam que, essas mulheres, e tantas outras que vivem esse tipo de experiência, são

ao mesmo tempo *necessary others* e *significant others*, dividindo-se entre discursos “contraditórios e co-existentes” (SOUZA, 2004), continuamente criando para si e para os outros, no lar e na universidade, condições para a produção de conhecimento.

É claro que, a centralização desse universo no feminino tem consequências para a produção intelectual dessas mulheres. Como demonstra o exemplo radical de Jerusa, sua reclusão às tarefas de esposa de engenheiro e mãe lhe afastaram por alguns anos de seu projeto intelectual individual. Já Heloisa, ao conciliar ambições e planos profissionais com o marido, optou por toda a carreira por pesquisas na cidade de São Paulo, que permitiam sua presença constante ao lado das filhas e, em contrapartida, as longas estadias do esposo na Amazônia e outros campos distantes. A fase reprodutiva é assim um diferencial importante para analisar essas experiências de conjugalidade. Uniões feitas na juventude que interpelam o nascimento de filhos e sua criação com os primeiros passos na docência são bastante diferentes de outras feitas na maturidade, com filh@s já adultos e carreira estabelecida. É nesse segundo tipo de união que parecemos encontrar com maior força o modelo de “parceria intelectual” em que dois indivíduos, colchões de cumplicidade mútuos, produzem conjuntamente e separadamente em constante troca e “reverberação”.

Recorte inicial da pesquisa, a parceria intelectual revelou-se tão múltipla quanto as experiências acompanhadas. Mesmo assim, percebo que essas uniões indicam uma homogamia profissional fruto da intensa dedicação ao trabalho intelectual dessas mulheres, a valorização desse projeto que transborda os muros da universidade e toma conta, em sua lógica e ideais, dos afetos e das relações familiares dele construídas.

O que me traz de volta aqueles exemplos icônicos aos quais me apegava há mais de um ano atrás e que apresentei na introdução dessa dissertação. “Carta a D.” de André Gorz (2008) foi o mito que me perseguiu nesse último um ano e meio. Retrato de ideais românticos e igualitários confrontados com uma realidade de gênero tradicional, a narrativa apontava para formulações culturais sobre produção intelectual e parceria íntima pertinentes não apenas ao seu contexto histórico (França do meio século XX), mas imiscuídas também em nossos olhares contemporâneos. “**Nós seremos o que fizermos juntos**” era a frase dita por Dorine Gorz aos 20 e poucos anos, resgatada pelo autor aos 83, que martelava na minha cabeça depois da leitura do pequeno livro. Era a

frase também que intitulava meu projeto de dissertação: seria esse ideal de projeto fusional presente também na experiência de casais de intelectuais brasileiros? Será que, como no livro francês, aqui esse ideal também tropeçava em papéis tradicionais de gênero ao longo da trajetória de vida desses indivíduos?

Percebi, ao longo dessa pesquisa, que para Heloisa, Josildeth, Jerusa e Nadya, e para tantas outras mulheres com experiências parecidas, a frase profética de Dorine Gorz “nós seremos o que fizermos juntos” não muito se aplica. Talvez essa frase tenha sido escolhida por André Gorz, dentre tantas outras que são faladas ao longo de uma vida juntos, por que, de certa forma, ambos fizeram a carreira dele, o nome dele. Nos casos aqui acompanhados as parcerias, por mais que de suma importância, não guiaram projetos e carreiras intelectuais, que mantiveram-se individuais e norteadores por toda a vida dessas mulheres. Era o trabalho, e não a vida conjugal/familiar, que ocupava espaço principal nas suas construções narrativas. Assim, ao que pude apreender a partir de seus depoimentos, elas foram o que fizeram junto com seus parceiros, por eles, pelos seus filhos, alunos e colegas, mas principalmente, o que fizeram sozinhas, por si mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, volume 1, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultura: São paulo no meio século XX**. Bauru, SP: EDUSC. 2001

ARRUDA, Maria Arminda Do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani . Florestan Fernandes - Mestre da sociologia moderna. 1. ed. Brasília: Paralelo 15 / CAPES, 2003.

BLAY, Eva Alterman; LANG, Beatriz da Silva Gordo Lang. **Mulheres na USP: Horizontes que se Abrem**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*: realidade incomoda. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970

_____. *Memórias de uma moça bem-comportada*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1959.

_____. *A Cerimônia do Adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990a.

_____. *Balanço Final*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990b.

BEHAR, Ruth & GORDON, Deborah A. **Women writing culture**. Los Angeles: University of California Press. 1995

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENSTOCK, Shari. The female self engendered: autobiographical writing and theories of selfhood. In: BROWNLEY, Martine Watson &

KIMMICH, Allison B. **Women and autobiography**. Wilmington: Scholarly Resources Inc. 1999.

BOMENY, Helena . A Reforma Universitaria de 1968: 25 Anos Depois. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 26, p. 51-71, 1994.

BORDO, Susan. A feminista como o outro. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 08, n. 1, 2000 . Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/9853/9086> (acesso em 28 de novembro, 2011)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). 1983. **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 122-155.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, Janaina. **Usos & abusos da História Oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

_____. **Os Usos Sociais da Ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **Homo Academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC. 2011.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Ruth Cardoso: fragmentos de uma vida**. São Paulo: Globo, 2010

BROWN, Diane. A Obrigação de cuidar: mulheres idosas em uma comunidade de Florianópolis. In: MALUF, Sônia Weidner e TORNQUIST, Carmen Susana (orgs.). **Gênero, Saúde e Aflição: abordagens antropológicas**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2010.

BUTLER, Judith (1993). **Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A politics of performativity**. New York: Routledge, 1997.

CHADWICK, Whitney; DE COURIVRON, Isabelle (orgs.). **Significant Others: Creativity and intimate partnership**. London: Thames and Hudson, 1993.

Clifford, James. 1988. "On ethnographic authority". In: **The predicament of culture- twentieth century ethnography, literature and art**. New York: Harvard University Press,

SANTOS, Silvio Coelho dos. A Antropologia em Santa Catarina. In: _____ (org.). **Memória da Antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. UFSC: ABA, 2006.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (2011). *Produtividade em Pesquisa - PQ – Norma específica*. Disponível em: http://www.cnpq.br/normas/rn_06_016_anexo1.htm . Acesso em 11/12/2011

CORRÊA, M. 1988 "Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60", **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 6: p. 79-98.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

CORRÊA, Mariza. Dona Heloisa & a pesquisa de campo. In: _____ . **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2003 pp. 141-163.

CORRÊA, Mariza . **As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003)**. 1a. ed. Campinas: Editora da Unicamp/Brasília:ABA, 2003. v. 1. 110 p

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Oct. 2004 . Available

from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Feb. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000200003>.

DALLABRIDA, Norberto e LUCIANO, Ademir Soares (2011). CONTRACULTURA ESCOLAR NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC (1966-1973). IN: Revista Linhas. v. 12, n. 01, p. 189 – 203

ECKERT, Cornelia. GODOI, Emilia Petrafesa (orgs.). **Homenagens : Associação brasileira de Antropologia: 50 anos**. Blumenau : Nova Letra, 2006

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1, a história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAVERO, M. L. A. . Da Cátedra Universitária ao Departamento; subsídios para discussão. In: 23ª Reunião Anual da ANPEd, 2000, Caxambú-MG. Anais da 23ª Reunião da ANPEd /CD - ROM, 2000.

FOUCAULT, Michel. 1981. “As Ciências Humanas”. In: **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1997.

FREYRE, Gilberto. Intelligentsia e desenvolvimento nacional do Brasil. **Educação e Ciências Sociais**. RJ, 10 (21), set.-dez./1962.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 2003.

GORZ, André . **Carta a D. História de um amor**. São Paulo: Annablume, Cosac Naify, 2008.

GROSSI, M. P. . Duas Germaines e Uma Denise: as alunas de Mauss.

In: GROSSI, Miriam Pillar; Motta, Antonio;Cavignac, Julie. (Org.). **Antropologia Francesa no Século XX**. 1 ed. Recife: Massangana, 2006, v. , p. 239-256.

GUBER, Rosana. *El Selvaje metropolitano. Raconstrucción del conocimiento socila em el trabajo de campo*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**, IFCH/ UNICAMP, n. 5, 1995, p. 07-41.

HEILBORN, M. L. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HERNANDÉZ, Graciela. Multiple subjectivities and strategic positionality: Zora Neale Hurston's experimental ethnographies. In: BEHAR, Ruth & GORDON, Deborah A. **Women writing culture**. Los Angeles: University of California Press. 1995

HIGONNET, Anne. Myths of Creation: Camille Claudel & August Rodin. In: CHADWICK, Whitney; DE COURIVRON, Isabelle (orgs.). **Significant Others: Creativity and intimate partnership**. London: Thames and Hudson, 1993.

KNAUTH, Daniela; CERES, Vítoria; AGRA HASSEN, Maria. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. Porto Alegre: TOMO, 2000.

KOFES, Suely Maria. Uma trajetória em narrativas, Campinas, editora Mercado das Letras, 2001.

LAQUEUR, Thomas (2002). *A invenção do sexo*. São Paulo: Relume

Dumará.

LEMOS, Cláudia T. G. De como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir. *Cadernos Pagu* (12) 1999: pp.69-78

LÉVI-STRAUSS, Claude. O indivíduo como espécie. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 2007. (pp. 215-241)

LATOURETTE, Bruno. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. *Body & Society* vol. 10(2-3): 205-229, 2004.

LOPES, M.M. ; SOUSA, L. G. P. DE ; SOMBRIO, M. M. O. [A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências](#): a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). *Gênero*, Niterói, v. 5, n. 1, p. 97-109, 2004.

LUTZ, Catherine. The Gender of Theory. IN: BEHAR, Ruth & GORDON, Deborah A. **Women writing culture**. Los Angeles: University of California Press. 1995

MAIO, Marcos Chor. Abrindo a “Caixa Preta”: O Projeto UNESCO de Relações Raciais. In: PEIXOTO, F. PONTES, H. SCHWARCZ, L. (org). *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. 2007.

MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, volume 1, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

_____. Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais. In: MICELI, Sergio (org.). **História das Ciências Sociais no**

Brasil, volume 1, São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP, 1989.

MICELI, Sérgio. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**, (vol. 2). São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1995.

MIJOLLA-MELLOR. Sophie (org). **Les Femmes dans l'histoire de la psychanalyse**. Paris: L'Esprit du Temps, 1999.

MIRANDA, José A Bragança; CASCAIS, António Fernandao. A lição de Foucault. In:FOUCAULT, M.O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1997.

MONTENEGRO, Thereza. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 2, Dec. 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Nov. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200008>.

MORAES, Fernanda Azeredo de. A loquela amorosa de André Gorz. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 3, Dec. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300021&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Feb. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300021>.

MIKELL, Gwendolyn (1989). 'Zora Neale Hurston'. In: GACS,Ute, KHAN, Aisha, MCINTYRE, Jerrie e WEINBERG, Ruth (orgs.) **Women Anthropologists: Selected Biographies**. Urbana: University of Illinois Press.

Passos, Elizete Silva. **Palcos e platéias - as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999. 222 p. il (Coleção Bahianas, 4).

PERRY, Ruth; BROWNLEY, Martine Watson (orgs). **Mothering the**

mind. New York/London: Holmes &Meier. 1984.

PERRY, Ruth. Introduction. In: PERRY, Ruth; BROWNLEY, Martine Watson (orgs). **Mothering the mind.** New York/London: Holmes &Meier. 1984

PINA – CABRAL, João. “O Limiar dos Afetos: Algumas Considerações sobre a Nomeação e a Constituição Social de Pessoas”. Texto apresentado pela primeira vez como aula inaugural do PPGAS-UNICAMP, abril 2005.

PINA-CABRAL, João. The Truth of Personal Names. **Journal of the Royal Anthropological Institute** (N.S.) 16, Royal Anthropological Institute 2010

PINA-CABRAL, João. History of anthropology and personal biography. In: **ANTHROPOLOGY TODAY.** Vol 24 No 6, December 2008

PONTES, Heloisa . Círculos de intelectuais e experiência social. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 57-69, 1997.

PONTES, Heloisa . **Intérpretes da metrópole. História social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-68.** 1a.. ed. São Paulo: Edusp, 2010. v. 1. 464 p.

PONTES, Heloisa . **Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68..** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1998. v. 1. 297 p.

PRADO, Antonio Arnoni. Apresentação. In: PONTES, Heloisa . **Intérpretes da metrópole. História social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-68.** 1a.. ed. São Paulo: Edusp, 2010. v. 1. 464 p.

PULICI, carolina. **De como o sociólogo deve praticar o seu ofício: As Cátedras de Sociologia da USP entre 1954 e 1969.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2004.

REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, II. 1955, Salvador. Anal da II Reunião Brasileira de Antropologia. Salvador, Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 1957.

RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978

SALEM, Tania. **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: Editora FGV.2007.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, ago. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 fev. 2012.

SOUZA, Gilda Mello e. Gilda Mello e Souza: Filósofa. In: BLAY, Eva Alterman; LANG, Beatriz da Silva Gordo Lang. **Mulheres na USP: Horizontes que se Abrem**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001

SCHIEBINGER, Londa; HENDERSON, Andrea Davies, GILMARTIN, Shannon K. **Dual-Career Academic Couples: What Universities Need to Know**. Michelle R. Clayman Institute for Gender Research Stanford University. 2008

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969). Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 2009.

STOCKING, George. 2004. **A formação da antropologia americana (1883 – 1911)** *Franz Boas*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora UFRJ.

STRATHERN, Marilyn. Relatives are always a surprise: biotechnology in an age of individualism. In: STRATHERN, Marilyn. **Kinship , Law**

and the Unexpected: relatives are always a surprise. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (pp. 15-32)

SUTHER, Judith D. Separate Studios: Kay Sage & Yves Tanguy. In: CHADWICK, Whitney; DE COURIVRON, Isabelle (orgs.). **Significant Others: Creativity and intimate partnership.** London: Thames and Hudson, 1993.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços e tempos vivos: Estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970).** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 1997.

VELHO, Gilberto . *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração.* Rio de Janeiro: Zahar, 1986

VELHO, Gilberto (1999). *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e BENZAQUEM DE ARAUJO, Ricardo. "Romeu e Julieta e a origem do Estado", In: VELHO, Gilberto. *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, p. 130-169

WAGNER, Anne M. Fictions: Krasner's presence, Pollock's absence. In: CHADWICK, Whitney; DE COURIVRON, Isabelle (orgs.). **Significant Others: Creativity and intimate partnership.** London: Thames and Hudson, 1993.

FONTES ETNOGRÁFICAS:

JOSILDETH GOMES CONSORTE

- *Entrevistas, Teses e Memoriais*

CONSORTE, Josildeth Gomes. **Entrevista** 03 de maio, 2011

_____. **Entrevista** 07 de junho, 2011

_____. **Memorial**. Redigido como parte das exigências para concurso de titular. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Antropologia. São Paulo, 1994

PAOLI, Niuvenius Junqueira. **As relações entre as ciências sociais e a educação nos anos 50/60 a partir das histórias e produções intelectuais de quatro personagens: Josildeth Gomes Consorte, Aparecida Joly Gouvêia, Juarez Brandão Lopes e Oracy Nogueira**. Tese (doutorado em Pedagogia), vol.1. Faculdade de Educação (USP), 1995.

- *Publicações*

CONSORTE, Josildeth Gomes. *A educação e os estudos de comunidade no Brasil*. **Educação e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 1m, n. 2, p. 63-105, 1956.

_____. A Criança Favelada e a Escola Pública. **Revista de Educação e Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 05, n. 11, p. 45-60, 1959.

_____. Entrevista com Josildeth Gomes Consorte: os 60 anos do Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia e Universidade de Columbia. In: *Cadernos de campo*, n. 18. São Paulo, 2009 (p. 201-215)

_____; PEREIRA, João Baptista Borges. *Estudos de Comunidade: um encontro*. In: *Ponto Urbe* **Ano 4, Versão 6.0, 2010**. <http://www.pontourbe.net/edicao6-entrevista>

PACE, Eliana. **Renato Consorte : contestador por índole**. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre

Anchieta, 2005. 232p. -- (Coleção aplauso. Série perfil)

JERUSA DE CARVALHO PIRES FERREIRA

- *Entrevistas e memoriais.*

FERREIRA, Jerusa Pires. **Entrevista** 24 de outubro, 2011

_____. e SCHNAIDERMAN, Boris. **Entrevista** 24 de outubro, 2011

_____. **Memorial de atividades científicas, didáticas, culturais e profissionais.** Apresentado como requisito do Concurso Público para Professor Assistente no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. São Paulo, 1985.

_____. **Memorial de atividades científicas, didáticas, culturais e profissionais.** Apresentado como requisito do Concurso Público para obtenção do título de Livre-Docente no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. São Paulo, 1988.

FFLCH-USP: Departamento de Letras Orientais. **Outorga do Título de Professor Emérito a Boris Schnaiderman.** Administração da FFLCH-USP, separa.

- *Publicações*

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas.** São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Armadilhas da memória e outros ensaios.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. **Fausto no Horizonte.** São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Conto russo em versão nordestina. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 23, p. 103-133, 198

_____. MEMÓRIA-VIAGEM: DA ÍNDIA À INFÂNCIA E AO SERTÃO. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 9-20, jan./abr. 2006

_____. Prefácio, Pós-fácio, Apresentação. In: SCHNAIDERMAN, Boris; COHN, Sergio (orgs.). **Boris**

Schnaiderman (Encontros/Entrevistas). Rio de Janeiro: Ed. Azougue. 2010.

_____, MEIRELLES, Lucila, FREIRE, Freire. Biografia de Jerusa de Carvalho Pires Ferreira. In: Dossiê Intermídias Jerusa Pires Ferreira. Vol. 08, ano 04, 2008. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusa/> (acessado em 29 de novembro, 2011).

MEYER, Marlyse. [Princesa das águas vivas](#) (depoimento sobre Jerusa Pires Ferreira) In: Dossiê Intermídias Jerusa Pires Ferreira. Vol. 08, ano 04, 2008. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusa/> (acessado em 29 de novembro, 2011).

MATOS, Edilene. [Revisitando Jerusa: um olhar amoroso](#). In: Dossiê Intermídias Jerusa Pires Ferreira. Vol. 08, ano 04, 2008. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusa/> (acessado em 29 de novembro, 2011).

SCHNAIDERMAN, Boris; COHN, Sergio (orgs.). **Boris Schnaiderman (Encontros/Entrevistas)**. Rio de Janeiro: Ed. Azougue. 2010.

_____. Guerra em Surdina. São Paulo: Cosac Naify. 2004

_____. Orelha. In: FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Dossiê Intermídias Jerusa Pires Ferreira. Vol. 08, ano 04, 2008. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusa/> (acessado em 29 de novembro, 2011).

HELOISA HELENA TEIXEIRA DE SOUZA MARTINS

- *Entrevistas e memoriais*

MARTINS, Heloisa. **Entrevista** 29 de março, 2011

_____. **Entrevista** 31 de março, 2011

_____. **Memorial**. Apresentado à FFLCH da USP para o concurso destinado ao provimento de cargo efetivo de professor-assistente junto ao Departamento de Ciências Sociais (conjunto de disciplinas de sociologia). São Paulo, maio de 1978

MARTINS, José de Souza. **MEMORIAL**. Apresentado ao Concurso Público para obtenção do título de Livre-Docente no Departamento de Sociologia da FFLCH da USP. São Paulo, 1992.

_____. **MEMORIAL**. Apresentado ao concurso para professor Titular na disciplina de Sociologia da Vida Cotidiana no Departamento de Sociologia da FFLCH da USP. São Paulo, 1997.

- *Publicações*

MARTINS, Heloisa. **A Igreja na Greve dos Metalúrgicos. São Bernardo, 1980**. Revista Religião e Sociedade, nº 6. 1980.

NADYA ARAUJO GUIMARÃES

- *Entrevistas e Memoriais*

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Entrevista 30 de junho, 2011.

_____. **MEMORIAL**. Apresentado ao concurso público para obtenção do título de livre docente do Departamento de Sociologia, FFLCH-USP. 2002

_____. **MEMORIAL**. Apresentado como exigência parcial para o concurso de títulos e provas visando provimento de um cargo de Professor titular no Departamento de Sociologia, Área de Sociologia do Trabalho. FFLCH-USP, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **MEMORIAL**. Apresentado ao concurso público para obtenção do título de livre docente do Departamento de Sociologia, FFLCH-USP. 1997

_____. **MEMORIAL**. Apresentado para o concurso de títulos e provas para Professor Titular em Sociologia das Relações Raciais, no Departamento de Sociologia, FFLCH-USP. Dezembro, 2003.

Anexo 01 – Dados de origem de cada informante

NOME (atual)	Datas/Local de Nascimento	Etnia	Classe Social de Origem	Composição da família de origem
Josildeth Gomes Consorte	1930, Salvador (BA)	Afrodescendente e (mulata)	Camadas populares, pais com pouca educação formal (pai mestre de obras e mãe bordadeira)	Dois irmãos mais novos com problemas de saúde, pai falece quando ela tinha 18 anos, mãe vive até idade avançada.
Jerusa de Carvalho Pires Ferreira	1938, Feira de Santana (BA)	Branca	Família de classes altas, composta de fazendeiros e profissionais liberais (pai farmacêutico e bancário, mãe dona de casa, avô dono de farmácia, tios médicos...)	Um irmão mais novo, pais seguem a vida casados e falecem com idade avançada.
Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins	1941, Bariri (SP)	Branca (família de origem italiana)	Família de classe média baixa (mãe dona de casa e costureira e pai funcionário da Companhia Paulista de Força e Luz)	Filha de um segundo casamento do pai, viúvo e com uma filha. Tem um irmão também desse segundo casamento e os pais vivem até uma idade avançada.
Nadya Araujo Guimarães	1950, Salvador (BA)	Branca	Família de classe média alta (mãe professora, pai contador, tia médica...)	Do casamento dos pais tem um irmão. A mãe falece ainda na sua infância e o pai volta a casar-se e constitui outra família, da qual tem outra irmã. É criada por uma tia (ao que tudo indica, solteira e materna)

Anexo 02 – Formação e trajetórias profissionais

NOME (atual)	Ensino Médio	Graduação	Mestrado	Doutorado	Principais Atividades Profissionais	Maior Titulação
Josideth Gomes Consorte	Curso Normal (Escola Normal do Estado da Bahia)	Geografia e História na UFBA, formada em 1952. "Iniciação Científica" em antropologia com prof. Thales de Azevedo, um semestre extra de formação na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo.	Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade de Columbia (EUA) sob orientação do prof. Marvin Harris, iniciada em 1953 e interrompida em 1955	PhD pela Universidade de Columbia interrompido pela falta de apoio CAPES. Doutorado-se pela PUC de São Paulo, sob orientação da prof. Carmen Junqueira, em 1973	Professora primária antes da graduação e assistente de pesquisas etnográficas durante a graduação. Já formada foi pesquisadora do CBPE e do INCRA. Toma-se professora do departamento de Antropologia da PUC-SP em 1966, onde ensina até hoje.	Doutora em Antropologia pela PUC-SP (1973)
Jerusa Carvalho de Pires Ferreira	Curso Clássico (Instituto Feminino da Bahia e Colégio Estadual da Bahia)	Ingressa na letras da UFBA em 1955 e traça repetidas vezes por exigências familiares. Faz disciplinas isoladas na Universidade de Lisboa e forma-se em 1966 pela UFBA.	Mestrado em História Social pela UFBA, sob orientação do prof. José Calasaens. (1972-1977)	Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela USP, sob orientação do prof. Rui Coelho (1977-1980).	Tomou-se auxiliar de ensino do departamento de Letras da UFBA em 1967. Em 1984 foi contratada pelo departamento de comunicação da USP. Em 1993 migrou para o programa de pós graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde leciona até hoje	Livre Docente em Comunicação pela USP (1988)
Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins	Curso Normal	Ciências Sociais, iniciação científica com prof. Asiz Simão, forma-se em 1964	Especialização em Sociologia do trabalho concluída em 1965. Mestrado em sociologia, sob orientação do prof. Asiz Simão (1971-1975).	Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo, sob orientação do prof. Asiz Simão (1979-1987).	Foi funcionária e diretora do DIEESE (1965-1967). Em 1968 torna-se professora do departamento de sociologia da USP aposentando-se em 2003 mas envolvida com atividades docentes até 2011. Foi também voluntária do CEDI de 1978 à 1994.	Doutora em Sociologia pela USP (1986)
Nadya Araújo Guimarães	Curso Clássico (Colégio de Aplicação da UFBA)	História e Ciências Sociais na UnB, diversas monitorias e iniciações científicas nas áreas de história e sociologia política, forma-se em 1971.	Como Auxiliar de Ensino da UnB, começa o mestrado em Sociologia sob orientação primeiro do prof. Gláucio Ary Soares e depois pela prof. Barbara Freitag. (1971-1974)	Doutorado em Sociologia pela Universidad Nacional Autonoma México (UNAM), sob orientação do prof Ruy Marini (1976-1983)	Auxiliar de Ensino do departamento de Ciências sociais de 1971 a 1973. Em 1974 entra na Sociologia da UFBA onde torna-se professora adjunta em 1983, aposentando-se em 1996. Nesse mesmo ano começou seus trabalhos no CEBRAP. Em 1999 torna-se professora do departamento de Sociologia da USP, onde segue lecionando.	Livre Docente em Sociologia pela USP (2002)

Anexo 03 – Formações conjugais e familiares

Nome de Batismo	Nome(s) de Casada	Estado Civil	Perfil Companheiro	Filh@s e Net@s	Arranjos Domésticos
Josildeth Gomes	Silva Josildeth Gomes Consorte (desde 1959)	Viúva	Renato Consorte: Ator de cinema TV e teatro. Paulista de origem italiana, seis anos mais velho que a esposa. Casaram-se em 1959 no Rio de Janeiro.	2 filhos e uma filha. Mais velho músico, do meio artista e a filha é bióloga casada com um ator inglês. 3 netos (dois vivem no exterior).	Quando os filhos eram bebês Josildeth seguiu trabalhando, tendo o auxílio de "pagens" e da mãe que foi morar com o casal. Quando mudaram-se para São Paulo se tornaram vizinhos das irmãs de Renato, dividindo um pouco do cuidado, seguindo com a ajuda da mãe e de empregadas domésticas. A participação do companheiro era limitada e pouco cobrada.
Jerusa Castro Lima de Carvalho	Jerusa de Carvalho Pires Ferreira (desde 1956) e Jerusa de Carvalho Schneiderman (desde 1986, mas não utilizado)	Casada (segundo casamento)	Primeiro marido engenheiro baiano de família abastada. Companheiro atual: Boris Schneiderman, judeu polonês radicado no Brasil desde a infância, especialista em literatura russa e teoria da tradução, fundador do curso de Russo da USP. 21 anos mais velho que a esposa, casaram-se em 1986	3 filh@s do primeiro casamento e 4 net@s.	Durante os primeiros anos dos filhos Jerusa afastou-se (ou foi afastada) da faculdade e do trabalho para ser "mãe e esposa em tempo integral". Em um cenário burguês tinha diversos empregad@s domésticos e a participação do marido também não era colocada em questão. Hoje ela e Boris partilham, em termos, do cuidado e carinho prestado aos seus netos.
Heloisa Helena Battaia Teixeira	Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins (desde 1967)	Casada	José de Souza Martins, sociólogo uspiano de origens proletárias colega de graduação de Heloisa. Três anos mais velho que a esposa, casaram-se em 1967.	Duas filhas (uma psicóloga e outra professora do departamento de geociências da USP) e um neto.	Durante a gravidez e parto das filhas Heloisa contou com a ajuda do pai, da sogra e de vizinhas, uma vez que a maior parte do tempo o marido se encontrava em pesquisa de campo. Na infância das filhas teve ainda a ajuda de empregadas domésticas e babás. Mesmo assim assume uma posição muito participativa e envolvida na criação das filhas, preocupando-se em dar uma educação igualitária à elas. A participação do marido é valorizada nesse aspecto, mas mesmo assim se dá com uma intensidade muito menor, sendo de maior responsabilidade e dedicação dela.
Nadya Neves Araujo	Nadya Araujo Castro (de 1973 a 1999), Nadya Araujo Guimarães (desde 1999)	Casada (segundo casamento)	Primeiro marido colega da UnB especialista em planejamento urbano. Companheiro atual: Antônio Sérgio Guimarães, sociólogo baiano, orientando de mestrado de Nadya e seu colega de pesquisa e departamento de tempos de UFBA. Migraram juntos para a sociologia da USP (ele entrou dois anos antes dela). Da mesma idade que a esposa, casaram-se "no papel" em 1999.	Um filho e uma filha do primeiro casamento e 5 net@s.	Foca muito pouco no nascimento e criação dos filhos em sua fala, mas dá a entender que a divisão de cuidado pelo casal é limitada e que recebeu pouco auxílio familiar, apoiando-se mais na ajuda de empregadas domésticas, como as outras informantes. Atualmente ajuda @s filh@s com os net@s.

